



(ORGS.)

Clarissa De Franco  
Maristela Reis Souza

# ASTROLOGIA, GÊNERO E SEXUALIDADE

Debates Contemporâneos

Anna Maria Costa Ribeiro  
Cristiane Bernardes  
Fernando Guimarães  
\*Kim Bins  
Luiz A Vasconcelos  
Titi Vidal

 telha

© CLARISSA DE FRANCO E MARISTELA REIS SOUZA (ORGS.)

**EDITORA TELHA**

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei nº 9.610/1998)

**PRODUÇÃO EDITORIAL**

*Publisher:* Douglas Evangelista

*Gerente editorial:* Mariana Teixeira

*Coordenação Editorial:* Filipe Almeida

*Revisão do texto:* Laryssa Fazolo

*Capa:* Fernando Campos

*Diagramação:* Rebeca Silvanto Sales

**Catálogo na publicação**

**Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166**

A859

Astrologia, gênero e sexualidade: debates contemporâneos / Organizadoras  
Clarissa De Franco, Maristela Reis Souza. – Rio de Janeiro: Telha, 2023.

Autores: Clarissa De Franco, Maristela Reis Souza, Anna Maria Costa  
Ribeiro, Cristiane Bernardes, Fernando Guimarães, Kim Bins, Luiz A  
Vascelos, Titi Vidal.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5412-333-4

1. Astrologia. 2. Identidade de gênero. 3. Sexualidade. I. Franco, Clarissa de  
(Organizadora). II. Souza, Maristela Reis (Organizadora). III. Título.

CDD 133.5

Índice para catálogo sistemático

I. Astrologia

**Editora Telha**

Rua Uruguai, 380, Bloco E, 304

Tijuca – Rio de Janeiro/RJ – CEP 20.510-052

Telefone: (21) 2143-4358

*E-mail:* contato@editoratelha.com.br

*Site:* www.editoratelha.com.br

# SUMÁRIO

**Introdução: Um convite a uma reflexão necessária..... 5**

*Clarissa De Franco e Maristela Reis Souza*

## **PERSPECTIVAS EMERGENTES**

**Capítulo 1 - Identidade de gênero e Astrologia:  
Reflexões a partir do eixo ascendente/descendente ..... 11**

*Clarissa De Franco*

**Capítulo 2 - Lilith: um símbolo da libertação da  
sexualidade feminina ..... 37**

*Kim Bins*

**Capítulo 3 - A integração psíquica por meio dos arquétipos  
do feminino na carta natal ..... 65**

*Cristiane Bernardes*

**Capítulo 4 - Sexo, Gênero, Biologia, Psicologia e Astrologia  
nos nossos estilos de vida e em nossas raízes culturais..... 83**

*Luiz Alfredo Vasconcelos*

## **PERCEPÇÕES EM TRANSIÇÃO NO SABER ASTROLÓGICO**

**Capítulo 5 - Astrologia e relacionamentos ..... 145**

*Titi Vidal*

**Capítulo 6 - Nós ..... 155**

*Anna Maria Costa Ribeiro*

**Capítulo 7 - Luxúria e pudor: Astrologia e sexualidade ..... 165**

*Fernando Guimarães*



# INTRODUÇÃO:

## UM CONVITE A UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

**CLARISSA DE FRANCO**

*Psicóloga, doutora em Psicologia  
e em Ciências da Religião, astróloga,  
analista de sonhos, professora universitária*

**MARISTELA REIS SOUZA**

*Psicóloga, astróloga, mestra em Psicologia,  
Núcleo de Estudos Junguianos, PUC/SP*

Esta obra surgiu a partir de um convite ousado e delicado à Astrologia — enquanto área de conhecimento — para contribuir com os debates contemporâneos sobre gênero e sexualidade. Adentrar este debate exige que a Astrologia revise alguns de seus pressupostos, ou ainda, o modo como temos nos posicionado profissionalmente sobre o tema. Muitas vezes, profissionais da Astrologia são procurados/as para saber sobre combinações amorosas entre signos, ou, quando se espera um trabalho mais elaborado, uma sinastria entre dois mapas. No entanto, o papel de nossa área astrológica pode ir muito além de oferecer uma perspectiva individualizada de combinações entre signos, planetas e dinâmicas de mapas. É possível trazer a Astrologia para dialogar de forma horizontal com campos do conhecimento que vêm abordando as temáticas de gênero e sexualidade, a partir da ótica de rever os binarismos e essencialismos de gênero, repensar os papéis masculinos e femininos, refletir sobre a constituição identitária fluida de gênero e compreender sexualidade como uma orientação legítima. Nesse sentido, a Astrologia coloca-se ao lado dos debates sociais, psicológicos e políticos sobre gênero, do feminismo, das novas formas de constituição das masculinidades, das reflexões sobre identidade de gênero e orientação sexual como campos que eventualmente podem ter suas construções associadas, pensando a

partir de uma perspectiva coletiva, para além dos apontamentos que as técnicas astrológicas permitem para o contexto dos indivíduos.

Iniciar esse debate também pressupõe trazer a perspectiva LGBTQIA+, trabalhando temas como transgeneridade, assexualidade, pansexualidade, *queer*, intersexo, gays, entre outros, para o centro das discussões atuais da comunidade astrológica. Desse modo, esperamos que a Astrologia se torne uma ferramenta conceitual e técnica atualizada, capaz de auxiliar nas reflexões sobre as construções ligadas à identidade de gênero e também aos caminhos da orientação sexual.

Por outro lado, sabemos que este debate ainda se encontra em estágio inicial. A entrada de Urano em Touro em meados de 2018 parece ter evidenciado a necessidade coletiva de tornar autêntica a relação com seu corpo, sua identidade física, seus prazeres, a beleza na singularidade, bem como a expressão da singularidade que a Mãe Terra nos proporciona ao permitir que a vida corporal aconteça. Está na hora de “coagular” todas as singularidades que pudermos identificar. Nesta tarefa existencial, a Astrologia tem uma importância inegável e publicamente reconhecida: legitimar as diferenças. Assim, na presente obra, os/as autores/as personificam a necessidade de apresentar e esclarecer a relação entre conceitos e percepções ligadas aos debates sobre gênero e sexualidade. Por outro lado, também pontuam os choques e conflitos que atravessam o encontro entre o concretismo e o conservadorismo taurinos e a libertação e a revolução de Urano. Os textos parecem indicar que as mudanças do nosso tempo são inevitáveis. Como cada indivíduo vai se adaptar a essa nova realidade vai depender bastante da sua condição consciencial individual. Assim, todas elas precisam ser identificadas e incluídas neste livro.

Trazer a Astrologia para os debates contemporâneos sobre gênero e sexualidade é reconhecer no campo astrológico uma força de ultrapassar o âmbito esotérico e adentrar discussões de cunho político por meio de uma linguagem arquetípica, mitológica e simbólica. Esta obra se propõe a discutir o feminino e o masculino, a constituição das identidades de gênero, a diversidade, analisando Lilith, Vênus, Marte, asteroides, ascendente, sinastría, entre outros elementos astrológicos.

O conteúdo está dividido em dois blocos: “Perspectivas emergentes” e “Percepções em transição no saber astrológico”, separados de modo a facilitar a introdução de temas e conceitos básicos e novos para os/as leitores/as e, posteriormente, encerrar a obra com conceitos

mais consagrados e debates mais acessíveis ao grande público.

No primeiro bloco, abrimos com o texto de Clarissa De Franco: “Identidade de gênero e Astrologia: reflexões a partir do eixo ascendente/descendente”, que aborda as revisões necessárias a fazermos nas leituras do campo esotérico sobre o masculino e feminino. Utilizando referências junguianas, a autora dialoga com conceitos básicos para o estudo de gênero de forma didática. No campo da Astrologia, a autora propõe que a postura afirmativa de seu próprio gênero se dá a partir do eixo Ascendente-Descendente, trazendo os desafios que este eixo apresenta em suas dimensões de persona e sombra à constituição identitária de gênero.

Em seguida, a astróloga Kim Bins apresenta, na prática, a mudança de paradigma na leitura dos mapas astrais a partir de pontos focais femininos pouco incluídos nas consultas astrológicas tradicionais. O texto de Kim Bins: “Lilith: um símbolo de libertação da sexualidade feminina” propõe um olhar atento para Lilith, Vênus Alquímica e o Divino Feminino a fim de constituir uma expressão completa e libertária do feminino.

A proposta de Kim é complementada pela da astróloga Cristiane Bernardes, em: “A integração psíquica por meio dos Arquétipos do Feminino na Carta Natal”, em que defende o estudo aprofundado de asteroides, como Ceres, Pallas Atena, Juno e Vesta e suas mitologias nos mapas de mulheres e pessoas não binárias como forma de promover autoconhecimento e aceitação de aspectos do feminino considerados tabus.

Já o astrólogo Luiz Alfredo Vasconcelos no capítulo: “Sexo, Gênero, Biologia, Psicologia e Astrologia nos nossos estilos de vida e em nossas raízes culturais” encerra o primeiro bloco, apresentando uma discussão sobre as polaridades e o pensamento dual, que envolve a noção de complementaridade e suas raízes dentro da discussão psicológica e astrológica. As polaridades são apresentadas como potenciais que se encontram no horizonte de experimentação e de conscientização humana em geral.

O segundo bloco: “Percepções em transição no saber astrológico” é inaugurado pela astróloga Titi Vidal, com o capítulo: “Astrologia e Relacionamentos”, trazendo elementos que ela observa que vêm sendo procurados no atendimento astrológico de sinastria. Ela

apresenta os significados das letras na sigla LGBTQIA+ — que está sempre sendo atualizada — e discute sobre novos paradigmas de gênero e sexualidade na prática clínica astrológica.

A astróloga Anna Maria Costa Ribeiro, com o texto: “Nós”, apresenta um diálogo leve que defende que os mapas astrológicos não apontam diretamente para a orientação sexual, e sim, para o modo como essa orientação é vivenciada durante a vida.

O livro é fechado com o capítulo do astrólogo Nando Guimarães: “Luxúria e pudor: Astrologia e sexualidade”, no qual aproxima o debate sobre sexualidade de diversas dimensões: cinema, carma, coletividade, saúde, mídia, atravessando conceitos astrológicos, como os quatro elementos e algumas casas.

Lembramos que os nossos tempos são de transição de mentalidade, e que a Astrologia sempre esteve na vanguarda da defesa das diferenças. Como cada tempo da civilização tem uma consciência que lhe é própria, a Astrologia condensou discussões de gênero e sexualidade sob o guarda-chuva da Sinastría, que são as comparações de mapas a partir da complementaridade entre masculino e feminino e das parcerias possíveis entre estes. Os/as autores/as nos esclarecem que nos séculos que nos antecedem, essa era a discussão possível. Ela deu origem e formou as leituras e entendimentos sobre mapas astrológicos de homens e mulheres até os dias atuais, mas ainda sem saber como compreender pessoas não binárias e não heterossexuais.

Os debates contemporâneos chamam a Astrologia para uma revisão de seus métodos, conceitos e ferramentas. No entanto, a presente obra visa a reconhecer as discussões e métodos de leitura astrológica sabiamente acumulados ao longo dos séculos, e tomar para si a tarefa de Urano em Touro de somar com mais um grão de areia dos novos tempos nessa praia infinita que é a Astrologia. Esta é a postura que o presente livro deseja fomentar: a introjeção das questões de gênero sob novas perspectivas: horizontais, respeitadas, libertárias, e as inúmeras contribuições e reformulações que a Astrologia pode oferecer. Esperamos que este livro abra caminhos para pensarmos a Astrologia como uma prática e um campo do saber ativo no processo de reparação das desigualdades e violências de gênero.

*I*

**PERSPECTIVAS EMERGENTES**



## CAPÍTULO 1:

# IDENTIDADE DE GÊNERO E ASTROLOGIA: REFLEXÕES A PARTIR DO EIXO ASCENDENTE/DESCENDENTE

CLARISSA DE FRANCO

### *Astrologia e gênero: limites de um complexo debate*

A sétima lei hermética – o princípio do gênero – afirma que “o gênero está em tudo. Tudo tem seu princípio masculino e seu princípio feminino; o gênero se manifesta em todos os planos” (OS TRÊS INICIADOS, 1997, p. 28). Essa perspectiva aborda o feminino e o masculino como polaridades complementares que carregam a potência de, ao se unirem, exercerem juntas a força do criar.

A mesma perspectiva é encontrada em diversos campos do esoterismo e também dentro da abordagem junguiana. A noção chinesa de Yin/Yang, os conceitos de Animus/Anima propostos por Jung são facetas conceituais de um amplo universo no qual a Astrologia também se situa, ao definir Vênus, Lua e Lilith como “planetas” femininos e Marte, Sol e Saturno como masculinos, ou ao apontar alguns signos e elementos como masculinos, como Áries e Sagitário, Ar e Fogo, e outros como femininos, como Touro, Câncer e Peixes, Terra e Água.

Essas divisões, embora tenham um significado importante e profundo nos estudos esotéricos, acabam por reforçar uma noção irrefletida que atribui características fixas e pré-definidas aos universos feminino e masculino. Quando tratamos da temática de gênero dentro do campo esotérico, é preciso buscar analisar com profundidade o que as tradições apontam, de modo a evitar o reducionismo, que acaba por se chocar com os debates contemporâneos

sobre gênero. Um dos pontos mais fortes da crítica atual dos Estudos de Gênero e da militância é justamente a noção de binarismos e essencialismos, que, de um lado, reconhecem apenas homem e mulher como gêneros possíveis, ignorando a pluralidade de articulações existentes e possíveis de gênero, e, de outro lado, identificam o feminino com características predefinidas como: receptividade, intuição, criatividade, subjetividade, emoções, e o universo masculino seria representado pela lógica, objetividade, racionalidade, assertividade, agressividade...

Além da definição prévia de características sobre o feminino e o masculino, historicamente as sociedades acabaram por reforçar que a lógica e a objetividade têm mais valor social que as emoções, demarcando o patriarcado e seus valores. Tal modelo binário e reducionista está nas bases de pensamentos e ações discriminatórias, uma vez que concebe padrões prévios sobre o ser mulher e o ser homem, fechando o olhar para as múltiplas possibilidades de vivências e existências do gênero.

Nesse caso, como conciliar os pressupostos das tradições esotéricas com o debate atual de gênero?

### *Um enquadre não reducionista para gênero na Astrologia a partir de Jung*

O caminho que proponho é revisar a fundo esses conceitos, entendendo suas origens. Visitemos Jung, já que o autor é bastante utilizado no campo místico. Ele buscou suas referências conceituais em pressupostos de tradições antigas, como a Alquimia, a própria Astrologia, a Filosofia chinesa, a Mitologia greco-romana, entre outras. Jung reforça que o arquétipo não se refere a um conteúdo fixo, sendo assim, associar Anima com os atributos comumente ligados ao feminino e Animus aos atributos masculinos seria um erro, uma forma de personificar o que, em princípio, não tem uma “cara” definida. Jung diz:

Nenhum arquétipo pode ser reduzido a uma simples fórmula. Trata-se de um recipiente que nunca podemos esvaziar, nem encher. Ele existe em si apenas potencialmente e quando toma forma em alguma matéria, já não é mais o que era antes. Persiste através dos milênios e sempre exige novas interpretações. Os arquétipos são os ele-

mentos inabaláveis do inconsciente, mas mudam constantemente de forma (JUNG, 2000, p. 179).

Quando definimos um arquétipo, esquecemo-nos que aquele conteúdo tem relação com uma construção social de várias culturas, que foram compondo um imaginário dentro do inconsciente coletivo. Nesse sentido, não seria prudente se falar em essência do feminino ou do masculino, mas sim em características e imagens que foram sendo associadas a esses conceitos.

Lembramos que uma imagem arquetípica não é o arquétipo em si, sendo a imagem uma via de representação, observação e acesso ao arquétipo, que contém ou amplifica o símbolo. O arquétipo em si não pode ser apreendido pela psique em sua totalidade.

Isso quer dizer que, ao imaginarmos um arquétipo, não devemos compreendê-lo como grudado a determinadas características ou imagens, por exemplo, ao falar de Vênus, já logo pensar: habilidade nos relacionamentos, amor, simpatia, beleza, sedução... Ao contrário, um caminho mais profundo e esotericamente sustentável seria refletir por que essas características foram histórica e culturalmente acopladas ao conceito de feminino e como o símbolo da Vênus consegue cooptar e traduzir esse imaginário. Vejamos que esse exercício é a base do trabalho anterior ao contato com a pessoa que consulta um/a profissional da Astrologia. Quando juntamos dois arquétipos, Vênus e Peixes, por exemplo, podemos ampliar nossa leitura como astrólogos/as para não nos restringirmos ao óbvio da interpretação: pessoa delicada, feminina, artística... Isso é o que está dado, o que está na ponta de um processo enorme de construção desse arquétipo Vênus em Peixes. Didaticamente, podemos resumir o processo nessas palavras, mas é preciso que os/as astrólogos/as dominem os passos anteriores.

Toda a concepção de gênero que quer partir de bases conceituais sólidas, estabelecendo um diálogo maduro entre as concepções tradicionais esotéricas e as perspectivas atuais dos Estudos de Gênero científicos e político-militantes, deve partir de uma perspectiva de psique plural, fluida, dinâmica e que tem múltiplas facetas e possibilidades representativas.

No campo do gênero e Astrologia, uma série de elementos devem ser observados em conjunto para verificar quais imagens saltam do mapa. O ascendente nos conta sobre a dinâmica de construção da

imagem e daquilo que é comunicado de si para o mundo. A imagem e as personas construídas e sustentadas por cada pessoa relacionam-se com a identidade de gênero, que envolve um reconhecimento do corpo e da construção mental e social desse corpo, de como esse corpo quer atuar e ser reconhecido no mundo. A construção da identidade de gênero passa pelo ascendente, mas não somente por ele. Seria reducionista dizer que alguém com ascendente em Aquário tende à androginia ou a um gênero não definido, não binário, híbrido. Reducionista porque as inquietudes do ascendente não se resumem à construção da identidade de gênero e também porque um signo permite mais de um significado, sendo os símbolos sempre polissêmicos.

Além disso, Vênus também fala da construção de gênero, na medida em que aborda, entre outros temas, os relacionamentos, o flerte, a sedução. Explico-me: gênero foi definido pela historiadora Joan Scott (1989), acompanhando formulações de estudos/as do tema como Judith Butler (2003) e Donna Haraway (1985), como uma categoria de relação de poder. Ou seja, não se pode falar de gênero sem pensar em relações entre seres, nas quais em geral um grupo tende a ter domínio sobre os outros. De uma maneira mais ampla, gênero pode ser traduzido como uma categoria que agrupa seres, temas ou objetos ligados por alguma particularidade, e que acaba por diferenciar-se de outros seres, temas e objetos em função dessa particularidade, e tais diferenças, na sociedade, passam a representar poder, valor, privilégios, facilidades, domínio... E aí entra Vênus, que trata como nenhum outro planeta desse lugar social e relacional que cada pessoa possui. Do carisma, do poder, das submissões, dos mecanismos diante dos outros seres e seus lugares... Vênus possibilita uma leitura sobre a construção do gênero, junto com o Ascendente e outros pontos do mapa, na medida em que aponta o reconhecimento ou os pontos de inconsciência de cada pessoa sobre os papéis assumidos nas relações amorosas e sociais.

Como não podia deixar de ser, o Sol também fala sobre a construção de identidade de gênero, porque este astro, na Astrologia, refere-se aos processos identitários e à caminhada consciente de realização do ser na existência terrena. A identidade de gênero é um ponto fortíssimo para a composição e o reconhecimento do eu.

Mas, um/a profissional atento/a de Astrologia sabe que não se deve observar um ponto do mapa isoladamente, que os eixos

complementares entre casas, signos e planetas compõem o ritmo e a dinâmica do mapa. Portanto, falar de ascendente sem casa 7 é como falar de persona e esquecer-se da sombra. Falar de Vênus e não buscar Marte para abordar o tema de gênero, é deixar de lado um importante aspecto das relações e construções de gênero que é a sexualidade. Repare que aqui não estamos confundindo identidade de gênero com orientação sexual, apenas lembrando que um tema resvala no outro e que ambos podem ajudar na compreensão mais profunda entre si.

Nesse sentido, voltamos ao tema das polaridades: Sol/Lua, Vênus/Marte, Ascendente/Casa 7, Animus/Anima, Ego/Self, Persona/Sombra... E refazemos a pergunta: como conciliar os pressupostos das tradições esotéricas com o debate atual de gênero, entendendo que as polaridades, ao mesmo tempo em que são vitais para compor a dinâmica da psique, são também a porta de reducionismos e binarismos de gênero?

### ***O caminho da Coniunctio e da psique andrógina para um entendimento sobre gênero, Jung e conhecimento esotérico***

Uma das lições que aprendemos com Jung e também com o mapa astral, com o hermetismo e com muitas tradições é que as polaridades são importantes, mas precisamos compreender seu papel. Seguindo profundamente os argumentos de Jung, em especial os contidos em obras em que ele dialoga com princípios alquímicos, como *O Livro vermelho* (2002) e *Mysterium Coniunctionis* (2012), e na obra *Arquétipos e o Inconsciente Coletivo (ano)*, reconheceremos que ele postula uma psique híbrida para todo/as/es, em que Animus e Anima estariam presentes como energias e representações do masculino e do feminino sem um conteúdo definido em todos os seres humanos, atuando de forma complementar no dinamismo da psique. Ele aponta um caminho para a consciência a partir das polaridades: a Coniunctio.

Esse caminho integrador coloca os conceitos de Animus e Anima como polaridades energéticas complementares na psique, que teriam como finalidade primordial a produção de uma síntese simbólica e psicológica, conhecida como Coniunctio, união alquímica, ou “casamento sagrado”. A sigízia ou par de opostos é vivenciada com base na ideia de integralidade. Com essa proposta de integração, união, fusão, conciliação de opostos (*coincidentia oppositorum*), apoiada em

uma dimensão mítica de busca pela totalidade e integralidade perdidas, os conceitos de Animus e Anima ganham uma perspectiva que foge do dualismo binário e caminha para a androginia.

Tal perspectiva é baseada no mito da totalidade perdida e envolve a metáfora do nascimento da consciência. “O alargamento da consciência é, inicialmente, sublevação e escuridão, então se segue uma expansão do homem em direção ao homem total” (JUNG, 2002, p. 209). Edinger, trabalhando a perspectiva de união dos opostos afirmou que “eu penso que no futuro a maior medida do valor de um indivíduo será a de que ele tem consciência de sua capacidade de ser portador dos opostos” (EDINGER, 2008, p. 31). As polaridades trazem como potência a chance de acessar a outra ponta da experiência, de modo a produzir aprendizados, sínteses e arranjos pessoais de consciência.

Se considerarmos a perspectiva mitológica, Aufranc (2018, p. 42) indica que “a maioria dos deuses cosmogônicos tem uma natureza bissexual” e que “na mitologia grega, a androginia, assim como a mudança de sexo, é comum”.

[...] os andróginos, em o Banquete de Platão, de acordo com Aristófanes, eram seres esféricos que incluíam os dois sexos e que foram se tornando audaciosos, a ponto de ameaçar os deuses com suas tentativas de escalar o Olimpo. Zeus, face ao perigo, resolveu cortar o andrógino em duas partes e encarregou Apolo de curar suas feridas e virar seus rostos para o lado em que a separação havia sido feita. Assim eles poderiam contemplar a marca dos cortes, o umbigo e, com isso, se tornariam mais humildes. Cada metade tem procurado, desde então, a outra contrária em um desejo intenso de se ‘re-unir’ e foi assim que teve origem o amor (AUFRANC, 2018, p. 42).

Metades que querem se encontrar parece relacionar-se com a metáfora da “tampa na panela”, criticada como um mecanismo do amor romântico em que as partes não seriam inteiras em si, necessitando que outros/as a complementem. No entanto, lembramos que a perspectiva mítica comporta outras leituras. Recorremos à defesa da psique andrógina, já que Jung fala que a meta da psique é a união das

polaridades, e que tal processo está na base do nascimento da consciência, que retorna ao seu estado de totalidade e integração originais. A ideia é que a polaridade contém a possibilidade de acessar o todo, pelo espelhamento com o outro polo. O movimento do mito é de estado integrado original, separação e desejo de re-união. Nesse sentido, é um movimento de ciclos e retornos entre separação e totalidade.

A partir dos pontos observados, verificamos que a concepção junguiana acerca de gênero é mítica e não literal, o que quer dizer que toda personificação de animus e anima, mesmo as realizadas por Jung, são tentativas de mostrar as facetas que são parte de um todo indiferenciado. Se nos focarmos na meta da totalidade, o binarismo torna-se circunstancial, didático, e não uma característica essencialista do feminino e do masculino.

Nesse sentido, concepções de polos complementares na psicologia junguiana e na astrologia – que parte do mesmo campo conceitual no qual Jung buscou suas referências – não deveriam ser traduzidas como “Vênus é feminino e, portanto, fala de beleza, sensualidade e relacionamentos, e Marte é masculino e, portanto, aborda a agressividade, força, impulsos”. Falar assim reduz o verdadeiro significado dessa polaridade. A popularização da teoria junguiana e sua utilização no campo esotérico trouxe uma prática de simplificação de alguns de seus conceitos. E essa simplificação deu lugar ao *reducionismo / essencialismo* que atrela características específicas (conteúdo) ao arquétipo do masculino e do feminino (forma).

Desse modo, masculino e feminino não seriam representações diretas e literais de como ser homem e como ser mulher ou ainda de como devem ser homens e mulheres, mas sim princípios energéticos com potencial de tornarem-se algo além de si. Vênus e Marte não abordam diretamente o ser mulher e o ser homem, como um campo conceitual predefinido. A beleza e riqueza da astrologia a partir dessa leitura é que se pode preencher os arquétipos com a dinâmica do mapa. E as polaridades assumem um papel de possibilitar consciência e transformação.

Em *O Livro Vermelho*, Jung (2009, p. 203) questiona: “vós procurais o feminino na mulher e o masculino no homem. E assim há sempre apenas homens e mulheres. Mas onde estão as pessoas? [...] a pessoa é masculina e feminina, não é só homem ou só mulher. De tua alma não sabes dizer de que gênero ela é”. Claramente, essa passagem

contém uma semente subversiva importante, que “libera” a psique humana de não ser previamente determinada a um destino de gênero. Assim como no mapa astral, não se pode localizar a identidade de gênero, ou mesmo a orientação sexual, como se fossem genes prévios.

As polaridades trazem como potência a chance de acessar a outra ponta da experiência, de modo a produzir aprendizados, sínteses e arranjos pessoais de consciência. A ideia de opostos de arquétipos que se complementam vem sendo repensada. O destino final das polaridades é uma consciência híbrida que transcende as partes e integra no processo de individuação as vivências de gênero e sexualidade.

Entendemos que a visão de Jung fornece bases para um arranjo plural da energia sexual da psique. Isso, porque trabalha em uma compreensão mítica e não literal. Mesmo tendo Jung, em alguns momentos, cometido o equívoco de personificar a Anima e o Animus, sua teoria dos opostos tem uma base conceitual mítica e alquímica e é desse modo que deve ser considerada. A personificação não deve ser tomada como características inerentes ou grudadas no arquétipo, mas sim deve ser observada de modo a reconhecer a identificação da psique com determinado aspecto do arquétipo, produzindo um trabalho curador, criador e integrativo. Conforme apontam Sá e Deola (2019, p. 13), de maneira a condensar a compreensão:

[...] sendo feminino e masculino, homem e mulher compreendidos de forma não personificada, mas apenas como diferentes, a noção de bissexualidade universal<sup>(1)</sup> pode passar de algo indiferenciado, polimórfico ou polivalente para uma noção da humanidade que tem acesso a todas as possibilidades relacionadas a papéis de sexo ou gênero.

Portanto, a teoria de que pares complementares, como Animus e Anima, podem ser tratados não como opostos, mas como energias diferentes (SAMUELS, 1992), desfazendo a noção de falta, dependência e simbiose na perspectiva de união e fusão. Outra proposta

---

<sup>(1)</sup> A noção de bissexualidade universal está presente em Jung (2002; 2009) e é utilizada para se referir à constituição andrógina da qual a consciência advém e para a qual caminha em relação às energias femininas e masculinas. Tem relação com o mito dos seres andróginos.

que acompanha essa é a de Carlos Byington (1986), que compreende Animus e Anima como representantes do arquétipo da alteridade, promovendo o reconhecimento daquilo que não sou eu, de modo a integrar experiências diversas durante a jornada de individuação.

A Psicologia junguiana abre possibilidades para a compreensão de uma psique fluida, com potencial para arranjos múltiplos e não binários de gênero e vivências plurais da sexualidade. Com isso, Jung estava desvinculando o binarismo de uma característica que poderia estar atrelada à essência de gênero, ligando-o a condições passageiras de um estágio de identificação e consciência da psique em relação ao tema.

A decolonização das teorias junguianas, em especial nos debates de gênero, passa por uma revisão profunda de teorias e práticas epistêmicas que orientam a construção do saber e do fazer teológico pelo caminho da afirmação das diferenças e reconhecimento das assimetrias dentro e fora do trabalho científico, o que significa compreender que a teoria junguiana tem sido popularizada e que faz parte de nossa responsabilidade enquanto produtoras/es de conteúdo, revisar criticamente como temos contribuído para um uso inadequado desse campo de estudos em algumas situações.

Boaventura de Sousa Santos (1997) indica que a decolonialidade epistemológica requer uma postura humilde, aberta ao diálogo intercultural como parte de uma hermenêutica diatópica. Essa postura exige que cada grupo ideológico, religioso, político, social, científico revise criticamente os referenciais de sua própria cultura, reconhecendo lacunas, injustiças históricas das quais formou parte, para então abrir-se ao diálogo intercultural franco em uma nova forma de produção de conhecimento.

A hermenêutica diatópica exige uma produção de conhecimento coletiva, participativa, interativa, intersubjetiva e reticular. Deve ser prosseguida com a consciência de que existirão sempre áreas sombrias, zonas de incompreensão e ininteligibilidade irremediáveis, as quais, para evitar a paralisia ou faccionalismo, devem ser relativizadas em nome de interesses comuns na luta contra a injustiça social (SANTOS; SANTOS; MARTINS, 2019, p. 356).

O caminho dessas revisões também deve enfrentar uma contextualização honesta que prescindir da ideia de neutralidade, da associação de conhecimento com as perspectivas únicas da racionalidade e da verdade objetiva, e aposta em um conhecimento experiencial, conectado às vivências. Nesse sentido, não se trata de identificar o senso comum como um conhecimento inapropriado ou inculto, mas em abrir diálogo horizontal com o que se tem produzido no senso comum, considerando essa forma de conhecimento como legítima, mas também reconhecendo lacunas e revisões a ser feitas.

Esta revisão dentro do campo dos estudos junguianos é emblemática, na medida em que a área recebe olhares enviesados, sendo identificada com elementos de uma racionalidade pré-moderna, quando popularmente se mescla com conhecimentos esotéricos, como é o enquadramento no qual geralmente a Astrologia é colocada. Quero registrar aqui que isso não significa que as teorias junguianas devem afirmar sua neutralidade em relação aos campos esotéricos e religiosos. Muito pelo contrário, a perspectiva decolonial nos impele a assumir outras lógicas epistêmicas como legítimas. Assim como as epistemologias de gênero afirmaram sua “objetividade situada e parcial” (HARAWAY, 1995), os estudos junguianos, no encontro com conhecimentos e culturas não científicas, podem reivindicar a legitimidade de lógicas e conhecimentos como o senso comum, a intuição, a sensibilidade, a espiritualidade, as sutilezas e abstrações como parte do diálogo científico vivo com a comunidade que nos cerca.

É preciso, portanto, revisar criticamente a noção de conhecimento científico identificado com racionalidade e com modernidade como sinônimo de emancipação da humanidade pela via do esforço da razão. Fenômenos como a Revolução Francesa, o movimento iluminista e a Reforma Protestante se tornaram marcos dessa forma de aparente libertação e desenvolvimento, que se contrapõe às tradições medievais e católicas. Nesse sentido, a Europa se tornou o epicentro geopolítico dessa construção da ideia de modernidade, que acaba por excluir formas identificadas com religião, superstição, magia. A decolonialidade reconhece a arrogância desse tipo de pensamento e realoca os lugares de enunciação epistêmica.

É nessa tarefa de desconstrução e reconstrução epistemológica interna e externa aos muros das ciências, que este artigo se situa. Os debates contemporâneos de gênero têm trazido importantes revisões

conceituais para a Psicologia junguiana. Embora o uso de conceitos da Psicologia junguiana, como arquétipos, Anima e Animus, possam ter reforçado uma perspectiva reducionista, binária e essencialista de gênero, quando considerados em uma perspectiva clássica e não revisada, tal perspectiva não corresponde à amplitude de possibilidades que as teorias pós-junguianas permitem. Nesse sentido, há neste texto uma defesa de que tanto Jung quanto as teorias pós-junguianas são muito mais subversivas do que o uso que se tem feito delas, permitindo uma leitura plural e fluida de gênero que vai ao encontro da perspectiva de Estudos de Gênero.

É importante lembrar que Jung viveu em um tempo (1875-1961) em que as reivindicações de direitos e políticas públicas de gênero ainda se debruçavam sobre o direito à voto das mulheres em muitos países, em que a patologização das sexualidades e identidades de gênero não convencionais ainda era uma realidade potente, no qual ainda não se formulava entre muitas sociedades a possibilidade civil de casamento entre pessoas do mesmo sexo ou a alteração oficial e pública da identidade de gênero. Não existia ainda a Teoria *Queer* e toda essa corrente que brada por igualdade e justiça de gênero, particularmente quente hoje em dia e advinda das ondas do feminismo.

Conforme aponta Young-Eisendrath (2002), as concepções iniciais de Jung sobre o masculino e o feminino e sobre Animus e Anima refletiram sua época e acabaram por atribuir à feminilidade noções como subjetividade e intuição, e à masculinidade identificações com racionalidade, objetividade (Eros e Logos). Esse pensamento inicial de Jung em seus primeiros escritos e primeiras definições acerca de Animus e Anima deu lugar ao entendimento de que essa teoria reforça os binarismos de gênero. Contudo uma leitura atenta sobre a obra de Jung e de pós-junguianos leva-nos à compreensão de que a proposta da Psicologia junguiana tem em seu bojo uma possível subversão das polaridades de gênero, como já indicamos.

A consciência social sobre as construções dos conceitos de identidade de gênero e orientação sexual como campos distintos é recente. Apenas na terceira onda dos movimentos de gênero (a partir de 1990) é que as pautas LGBTQIAP+ tornaram-se globalmente visíveis. Isso significa que nenhuma teoria ou autor/a anterior a esse período tinha compreensão plena desses constructos que hoje estão publicamente consolidados.

Ao trazer a Astrologia para o debate, também podemos identificar que os trabalhos que constroem articulações astrológicas com gênero e sexualidade são recentes. Há muito por ser feito.

Compreendendo que arquétipo não se refere a um conteúdo fixo, nosso caminho se abre para abordar de forma horizontal conhecimentos esotéricos e militantes de gênero. “Os arquétipos são os elementos inabaláveis do inconsciente, mas mudam constantemente de forma” (JUNG, 2000, p. 179). Nesse sentido, as imagens astrológicas que traduzem experiências de gênero devem ser aqui compreendidas como imagens arquetípicas. Uma imagem arquetípica é uma via de representação, observação e acesso ao arquétipo, que contém ou amplifica o símbolo. O arquétipo em si não pode ser apreendido pela psique em sua totalidade.

Na Psicologia arquetípica, pós-junguiana, a exploração da imagem é uma forma de recriação dos caminhos de manifestação e representação do arquétipo. A alma é composta por uma pluralidade de arquétipos. A metáfora, os mitos, os sonhos, os processos da imaginação, as narrativas que a pessoa conta sobre si e para si são a alma manifesta e a psique pode ser reconhecida e reconduzida para a cura e transformação observando tais narrativas e ampliando as possibilidades e os significados simbólicos que as imagens e histórias apontam. Nesse sentido, como a alma é rica de “politeísmo”, deuses, deusas, arquétipos, símbolos, imagens, narrativas, a exploração de novas e múltiplas possibilidades é o caminho da criação e recriação da alma. “A personalidade é imaginativamente concebida como um drama vivo e cheio de gente no qual o sujeito “Eu” toma parte, mas não é o único autor, nem o diretor, e nem sempre a personagem principal” (HILLMAN, 1983, p. 89). O movimento da Psicologia arquetípica é evidenciar e visibilizar qual figura divina ou mítica está personificando e patologizando a psique, de modo a restabelecer seu fluxo energético. Assim, a alma se cria e se recria.

A criação da alma em Astrologia e na leitura do mapa astral é um caminho repleto de possibilidades. É possível se observar além dos arquétipos estanques que se referem à fórmula: planeta no signo e na casa, as imagens do mapa que mostram qual é seu movimento, seu ritmo, seus pontos de estagnação. Esperamos que, com essa exposição, tenhamos trazido uma reflexão de apoio a profissionais do campo astrológico para ampliar a profundidade do nosso fazer

e saber, num diálogo rico entre tradição e modernidade. Passamos, agora, à fase final de nosso artigo, que propõe uma reflexão sobre as posições do ascendente e as construções de identidade de gênero.

### *Esboços para a compreensão da identidade de gênero no mapa astral*

#### **Persona e sombra diante da complexa construção da identidade de gênero**

A construção da identidade de gênero passa por embates internos importantes entre o que se projetar, expor e defender sobre si mesmo/a no mundo e o que ocultar e proteger do mundo. Nesses embates, o eixo energético e arquetípico da sombra e da persona é fundamental para o debate contemporâneo de gênero, justamente por compreendermos gênero como uma construção identitária que relaciona elementos da história individual com a história coletiva, e que tal construção enfrenta desafios importantes, na medida em que a sociedade ainda lida de maneira pouco respeitosa com identidades que se chocam com padrões estéticos e normativos esperados.

*Persona* veio da palavra máscara, que, além de servir para disfarçar ou ocultar, também faz revelar determinada faceta que queremos que seja evidenciada ao público. As máscaras fazem parte de importantes rituais na história, desde festas populares como o Carnaval, danças, encenações teatrais, cerimônias sagradas, mediando o contato com deuses e deusas. As máscaras se situam nesses espaços liminares entre o interior e o exterior, entre o indivíduo e o grupo, entre o sagrado e o profano. E dentro desses limites, as máscaras nos permitem viver diversas facetas de nós mesmos e do mundo.

A *persona* torna-se um sistema adaptativo da psique ao mundo, sendo uma espécie de compromisso entre indivíduo e sociedade (JUNG, 2000). Sendo uma intermediária entre os mundos internos e externos, ajuda na organização do *ego* e contribui para a inteireza do *self*, já que possibilita que a multiplicidade do *self* se manifeste.

Dentro dessa perspectiva, a *persona* é parte fundamental da construção identitária. A Psicologia junguiana considera a sombra como arquetipo complementar da *persona*, já que a sombra traz conteúdos não elaborados, uma parte da psique que teoricamente pode ser vista. Marie Louise Von-Franz (2016) compara a sombra a um “outro” com

quem devemos nos relacionar, em uma relação ambígua, a quem ora cedemos, ora resistimos, mas a quem não se pode ignorar para sempre.

O movimento de lançar à sombra conteúdos não aceitos socialmente ou jamais integrar à consciência, evitando revelar da sombra tais conteúdos, pode ser um movimento pendular que ocorre muitas vezes na psique de uma pessoa transgênero, por exemplo. Ao se construir e assumir uma persona transgressora de gênero, abre-se espaço para que muitos elementos sombrios sejam integrados à consciência, devolvendo, desse modo, os conteúdos indigestos à parte da sociedade que não consegue elaborar e lidar com tal temática.

Portanto, assumir uma identidade transgressora de gênero, afirmada socialmente por meio de uma persona esteticamente disruptiva, incômoda, não binária, afirmativa de tudo aquilo que na história daquela pessoa, por tempos, ela buscou esconder na sombra, pode ser um movimento psíquico integrador, pois nesse processo de ocultar e revelar e ir percebendo as máscaras que são mais adequadas à finalidade de comunicação do eu para o mundo externo e de integração dos aspectos sombrios, dá-se uma libertação quem vem pela integração.

### **O eixo Ascendente/Descendente na construção da identidade de gênero**

O papel do ascendente na construção da identidade de gênero, conforme já observado, é central, já que ele denota as características mais visíveis da composição do eu no mundo. O ascendente pode ser comparado ao conceito de *persona* em Jung, que se refere aos papéis que assumimos e às escolhas que fazemos que compõem nossa imagem de uma determinada maneira e não de outra. O ascendente, portanto, está relacionado a um desejo de ser e um desejo de ser percebido/a ou reconhecido/a a partir de um conjunto de características, sejam físicas ou de temperamento. É uma janela, da qual se observa o mundo e se é observado/a. É preciso lembrar, de acordo com as elaborações anteriores que apresentamos neste texto, que é preciso observar os pares de opostos: *Persona/Sombra*, *Ascendente/Descendente*. A Casa 7, nesse contexto, refere-se a um aspecto menos consciente ou mais sombrio, que em geral é projetado em nossas relações, na expectativa que depositamos em nossas parcerias. É importante observar o papel dessa projeção contida no Descendente para o tema aqui tratado.

## **Ascendentes em Fogo, Descendentes em Ar**

A combinação Fogo e Ar refere-se em geral a uma atitude extrovertida. No tocante à construção da identidade de gênero, há um impulso a uma apresentação de si performática e intensa, em especial nos ascendentes Áries e Leão. Aqui, o conceito de performance de gênero trazido por Judith Butler encontra sua força. O corpo é compreendido como um espaço de criação e o gênero se torna um campo de experimentação. Estão presentes elementos como intensidade no olhar, magnetismo, sensualidade, além de uma dignidade própria dos ascendentes em Fogo, que perseguem um lugar no mundo de legitimidade e reconhecimento.

Há uma gradação importante nesse aspecto. O ascendente em Áries quer pulsar, quer que sua personalidade encontre lugares de ação e criação no mundo. É, em geral, o mais livre dos três ascendentes e cuja construção de gênero pode ser fortemente mobilizada pelos sentimentos e experiências momentâneas. O aspecto sombrio se resume a projetar em outras pessoas características mais “adequadas” e racionais como justiça, julgamento, correção, ética etc., que podem ser identificadas eventualmente como chatas, pesadas e caretas. Nesse sentido, o ascendente em Áries em geral escolhe uma construção de gênero mais fluida e livre, com forte impacto da individualidade em sua atuação de momento no mundo, deixando para seus/suas parceiros/as o ônus de carregar os valores éticos e estáveis por mais tempo. O ascendente em Áries denota um comportamento experimental e ocasional de gênero, que tende a desafiar a lógica estável do julgamento de valores. Nesse sentido, tal posição no mapa traz uma postura de experimentação do gênero a partir da composição da imagem, mudanças estéticas, além de posturas e falas que denotam certo pioneirismo e liberdade conceitual no quesito da performance de gênero. Lembremos que a sombra libriana no descendente faz com que, no fundo, as pessoas com o ascendente ariano pareçam mais abertas do que de fato são em suas relações e, com isso, há que pensar em gênero como uma relação com o mundo que passa por etapas: performance (imagem, estética, postura, conceito), vivência, reconhecimento, relação. Áries cobre de maneira livre a primeira e talvez a segunda etapa na construção de gênero, precisando de aprofundamento nas demais.

Já o ascendente em Leão é, dos três, o que mais busca um lugar de reconhecimento, e, por isso, a pessoa com esse ascendente se sente

digna na medida em que encontra um espaço para ser admirada e reconhecida, ou no qual se sinta confortável para atuar de maneira confiante. Nesse sentido, o ascendente em Leão pode tanto encontrar conforto em um tipo de experiência de gênero bastante padronizada quanto em experiências fortemente diversas, já que precisa de um lugar no mundo, pelo preço que for. É um ascendente que vem acompanhado geralmente de uma sensualidade nata e que espera um reconhecimento da ordem da beleza e do brilho. Geralmente projeta em suas parcerias o lado “esquisito, excêntrico, polêmico e não conforme” (Aquário). Quando não está projetado nas parcerias, pode ser que a pessoa coloque em recalque, reprimindo, escondendo ou se sentindo incômodo/a/x em relação aos seus aspectos que não se encaixam física e psicologicamente nos padrões vigentes. Essa pode ser, inclusive, uma ferida narcísica, que evoca o mecanismo de se mostrar e buscar cada vez ser mais notado/a/x sexual e fisicamente. Nesse ponto, a transgeneridade, ou a performance *queer, drag* transita entre o lado aceito e reconhecido (Leão) e o esquisito ferido (Aquário), sendo uma perspectiva totalmente possível de encaminhamento da construção de gênero para quem tem esse ascendente. Há que se considerar que tal construção pode vir acompanhada de sofrimento, seja na história pessoal ou na de parceiros/as/xs em busca do reconhecimento e dos olhares que legitimam sua atratividade. Quando, no entanto, a identidade de gênero desde sempre na história da pessoa encontra lugar de reconhecimento, o tema passa a se centrar na perspectiva de construir uma identidade que seja segura e atrativa.

Já o Ascendente em Sagitário é o mais complexo dos três em relação ao tema aqui tratado. Isso, porque sua natureza dual (humana e animal) não se resume fundamentalmente ao corpo, envolvendo alguns mecanismos curiosos quando atingem uma atitude mais ou menos consciente como é a do ascendente. Frequentemente observamos que as pessoas com ascendente em Sagitário querem ser reconhecidas por seu conhecimento, podendo, inclusive, assumir uma faceta extremamente formal e um pouco inadequada – porque eventualmente chata e rebuscada, com ares de superioridade. Em relação às etapas de construção do caminho de gênero, esse ascendente está ancorado no nível da performance conceitual. O fato é que dos três ascendentes de Fogo, Sagitário apresenta um desafio que coloca a necessidade de intensidade e reconhecimento voltada para o campo intelectual, sendo o menos evidentemente corporal dos três

ascendentes. Nesse ponto, consideramos que a construção de gênero se torna mais conceitual, como um pensar e se posicionar sobre o assunto. O lugar no mundo dessas pessoas é frequentemente um lugar de fronteiras, que desafia o dia a dia. Sua sombra está justamente no banal, simples e cotidiano (Gêmeos), por isso, em geral, pessoas com esse ascendente repelem ser reconhecidas por atributos “comuns” como beleza, sensualidade, moda, podendo assumir um biotipo até caricato de “nerd”. Em relação ao gênero, por conta dessa não aceitação do comum e cotidiano, há um certo ar de “não me encaixo nessa vida mundana”, que pode levar a *personas* “androgenizadas”.

### **Ascendentes em Terra, Descendentes em Água**

Estamos aqui no campo das introversões. Os ascendentes em Terra têm na corporalidade um aspecto estrutural da existência, já que terra é matéria. Portanto, essas configurações representam pessoas que em geral vivenciam mais fortemente as experiências no corpo e no fazer prático da vida, sobrando menos espaço para a conceitualização teórica sobre si e o mundo.

O ascendente em Touro é marca de pessoas com alto vigor físico, em geral muito sensuais, e com um ritmo próprio e prático de se colocar no mundo. Um dado curioso sobre esse ascendente que vem de observação clínica: em função da forte corporalidade que pode tanto ligar essas pessoas à prática de esportes ou à satisfação de prazeres físicos, geralmente são pessoas que gostam de sua região peitoral, ressaltando o colo e os ombros. A beleza e a atratividade são características inerentes a esse ascendente, sendo marca de pessoas que não precisam de esforços para seduzir. A construção da identidade de gênero, nesse sentido, passa por um enraizamento da noção de eu, não sendo algo da ordem performática-experimental, como em Fogo, e sim da ordem vivencial e sensorial. Notemos que a sombra desse ascendente se refere à Escorpião, um signo forte e significativamente identificado com o universo sexual, de domínio e poder sobre as emoções. Compreendemos, portanto, que a construção de gênero para quem tem ascendente em Touro passa por um processo gradual (como não poderia deixar de ser para Touro, um signo lento e fixo) de vivências que o corpo vai consolidando, inclusive no campo sexual. A sombra da intensidade de Escorpião faz com que esse ascendente gere uma necessidade de ter as coisas sob controle, quando, no fundo, a pessoa apresenta sua natureza instintiva e, de certa forma, compulsiva por prazeres.

O ascendente em Virgem, com descendente em Peixes, também funciona em uma lógica prática, mas de uma forma bastante distinta. Pessoas com tal característica emprestam sua energia física e sua inteligência ao mundo para a ação: melhorar, aperfeiçoar, fazer, fazer, fazer... e assim seguem, até que seu senso de valor esteja razoavelmente sanado, ou seja, até que as pessoas à volta e ela mesma consintam sobre seus méritos de utilidade. Quem tem esse ascendente precisa ser reconhecida/o/x por seu trabalho, esforço, por sua doação ao mundo. A construção da identidade de gênero é estabelecida nesta relação: qual corpo pode ser mais adaptado a esta função de utilidade no mundo? Notemos que a resposta a essa formulação vai depender do entorno da pessoa. A sombra pisciana no descendente mostra uma necessidade e um desejo reprimidos de se misturar, se fundir ao ambiente e às demais pessoas, numa perspectiva livre e indiscriminada. A maneira de controlar tal desejo é determinar qual a identidade mais útil ao mundo. Isso significa que o gênero é construído a partir das necessidades do ambiente.

Já o ascendente em Capricórnio traz a sensação de que é preciso construir seu senso de identidade a partir da máxima do “dar conta”, resistir e seguir no esforço. Com essa perspectiva, as pessoas com tal característica assumem demandas de maneira independente e solitária, querendo ser reconhecidas com aquelas que tomam seu rumo e constroem seu lugar no mundo. Um recurso que frequentemente acompanha esse ascendente é o humor sarcástico como saída para lidar com o peso da responsabilidade ligada à matéria. Em relação à construção de gênero, esse grupo, que geralmente não gosta de se expor, vai consolidando seu lugar no mundo com maneiras sóbrias e elegantes, às vezes sarcásticas, e noutras discretas. A expressão “montada” cabe bem para um ascendente em Capricórnio que sabe “fazer a fina” quando precisa e ainda tirar sarro disso. O contexto em que emerge cada ação é controlado, indicando que em geral quem tem esse ascendente faz uma construção consciente e planejada de si, porque não quer se expor ou expor lados seus que seriam frágeis. O que não quer dizer que essa construção esteja livre de sombras. A sombra do signo de Câncer no descendente esconde um desejo enorme de ser amada/o/e, admirada/o/e, querida/o/e e até mimada/o/e, mas para quem tem Capricórnio como máscara social, ser mimada/o/e denota fragilidade, infantilidade, coisas que devem passar longe de quem tem uma reputação a preservar. Nesse sentido, o que pode

acontecer em alguns momentos é que a construção da identidade de gênero reaja a demandas de autoestima.

### **Ascendentes em Ar/ Descendentes em Fogo**

As pessoas com ascendentes nos signos de Ar têm uma abordagem mais racional ou intelectual para a vida. Por se tratar de um eixo extrovertido, a construção da imagem e da identidade de quem tem esses ascendentes passa pelas expectativas que querem causar nas outras pessoas. Há uma postura experimental-conceitual que envolve testar o que funciona em relação aos grupos. Os signos de Ar na casa 1 trazem um brilho relativo à criatividade, inteligência e articulação de ideias que acaba por compor sua identidade de gênero. Nessa construção, estão suscetíveis a modismos estilísticos e conceituais. A sombra descendente em Fogo mostra que há um imenso desejo de viver recalcado por mecanismos racionais. Há claramente um conflito entre o “soltar a franga” e viver as emoções de maneira livre de um lado, e de outro, transmitir ao mundo o que se quer de maneira racional e equilibrada.

O ascendente em Gêmeos é marca de pessoas adaptativas e dinâmicas, com uma inteligência altamente versátil. Há um claro poder de sedução ligado a esta imensa capacidade de se diversificar, circular por distintos temas, mundos, pessoas. A sombra de Sagitário encobre o medo de ser uma fraude, já que Gêmeos não costuma se aprofundar e acaba sabendo um pouco de cada tema. Com esse funcionamento, para alguns ambientes, é perfeitamente útil e capaz, já em territórios que exigem uma especificidade e um aprofundamento maior, como o acadêmico ou até o campo das relações afetivas, pode acontecer uma defesa de negação, fuga, mecanismos que sugerem necessidade de escape e encobrimento das lacunas de experiência. Em relação à construção da identidade de gênero, esse ascendente pode ceder a alguns modismos e flutuar na escolha tanto da imagem quanto da identidade mais profunda em relação ao masculino e feminino. A postura aqui é flutuante, leve, experimental, e não propriamente de definição de uma identidade, tendo mais relação com a apresentação que com a alma.

Já a dupla: ascendente em Libra e descendente em Áries demonstra defesas ainda mais estruturadas para lidar com a impulsividade e imaturidade de Áries. Libra gosta de perfeição e luta por valores “altos” como justiça, ética, respeito, coisas que em geral são mais

abstratas que concretas e que, quando concretas, saem diferentes do imaginado. Nesse dinamismo, o ascendente em Libra coloca em si uma grande expectativa em torno de sua postura correta no mundo, querendo encobrir ou evitar de qualquer maneira erros. Na construção da identidade de gênero, esse traço torna-se uma busca de um ideal de mulher, de homem, de trans, uma ideia pré-concebida de como se deve ser. O que conta muito nesse ascendente é o ambiente, já que o ideal de identidade de gênero vai ser projetado e construído a partir das referências do contexto em que se vive. Quem nasce em meio a um grupo de musas trans empoderadas, por exemplo, vai perseguir esse ideal. Pode haver uma busca desenfreada por preencher e ocupar esse lugar, mantendo as características que caberiam no ideal de gênero. Um difícil e árduo trabalho, que pode passar por construções artificiais de si, até que se aceite sua porção menos controlada e mais instintiva.

Finalizando o grupo, o ascendente em Aquário, com o descendente em Leão trabalha no eixo que mais se aproxima da androginia. Aquário, quando na construção de imagem e identidade, gosta de desestabilizar os padrões vigentes, tendendo a ações, posturas e falas provocativas, excêntricas e fora da caixa. Claro que se o ambiente for muito aberto e no qual a fluidez de gênero seja algo banal, a rebeldia do ascendente em Aquário pode justamente aparecer como uma construção de identidade e imagem “chata” ou até careta, em um claro mecanismo reativo.

### **Ascendentes em Água, Descendentes em Terra**

Completando os eixos ascendente/descendente, partimos para os ascendentes em água, que têm um caminho intuitivo e emocional na construção da identidade de gênero, o que significa que boa parte dessa construção estará ancorada nas experiências advindas dos vínculos e dos processos emocionais, ou na impressão que tem ascendente em água causa, quer causar e também que o mundo gera nela. Estamos adentrando um campo fluido, do sentir, intuir, perceber, ao qual é associado na Psicologia junguiana à função psicológica dos sentimentos.

Tendo como sombra a materialidade, praticidade, firmeza e organização dos signos de Terra, as pessoas com os ascendentes nos signos de água, em relação à construção das identidades de gênero,

podem comportar-se de modo mais flutuante, a depender do tipo de ambiente e de vínculo que estabelecem no momento e também do seu próprio humor e do humor das pessoas à volta. Para circular nas águas, é preciso alguns recursos, desde brânquias para a respiração, até tentáculos para locomoção e “captura de presas”. Isso não quer dizer que todas as pessoas com ascendente em água são superadaptativas, o que seria estranho ao ascendente em Escorpião, que é um signo fixo. No entanto, podemos dizer que o *habitat* aquático requer alguns recursos para se ter uma certa segurança de navegação. Lembremos que a sombra do elemento Terra cobra firmeza, estabilidade, compromisso, por isso as pessoas com ascendentes aquáticos tendem a se ligar a parcerias, alianças, amizades e relacionamentos afetivos que orientem para um caminho seguro, uma espécie de ancoragem em meio ao sentir e às reações a esse sentir.

A identidade de gênero, a partir desse entendimento, torna-se parcialmente dependente das variáveis do ambiente e de como este meio permite uma acolhida mais carinhosa ou mais hostil a determinadas construções identitárias.

A dupla Câncer no ascendente e Capricórnio no eixo descendente vai buscando referências de conforto, segurança, carinho e aceitação para manifestar sua singularidade. Em geral, tem carisma suficiente para demandar do mundo e ter garantido o cuidado que espera para expor-se. É um eixo que funciona na base da economia da troca. Nesse sentido, pessoas com ascendente em Câncer e identidade de gênero LGBTQIAP+ constroem um terreno seguro para ser o que precisam ser e se cercam de uma rede de apoio crucial para seu desenvolvimento. Sem essa rede de apoio, essas pessoas podem se sentir inseguras, confusas em sua questão identitária e vulneráveis. A complementaridade do descendente em Capricórnio demanda do mundo à volta um compromisso que envolve uma espécie de pacto: “acolha-me, que eu o acolho. Cubra-me, que eu o cubro”.

Já quem possui ascendente em Escorpião e descendente em Touro certamente não se mostra facilmente, pois qualquer sinal externo diferente do que espera pode ser percebido como rejeição e vivenciado como uma forte recusa do mundo em aceitar e acolher as estranhezas e fragilidades do processo de constituição de seu ser e de sua identidade no mundo. É uma marca de pessoas que podem utilizar a identidade de gênero como forma de comunicar

sua mágoa, raiva ou desprezo pelo mundo que não foi compreensivo e acolhedor. De toda forma, por se tratar de um eixo no qual a corporalidade tem um papel muito importante, os pactos criados por meio da elaboração e afirmação da identidade de gênero são profundos. O aspecto fixo dos signos em questão leva esse grupo a estruturar sua dimensão identitária por meio de referências que vão se consolidando e se tornando alicerces.

O último grupo refere-se ao ascendente em Peixes, descendente em Virgem. Eis um eixo que coloca as pessoas para reconhecer seus limites após seus contornos se perderem de todas as formas possíveis. Tratando-se de signos sacrificiais e mutáveis, em geral se relacionam a construções de identidades de gênero que podem flutuar e receber fortes influências dos grupos aos quais estão vinculados. Diferentemente da dupla também mutável Gêmeos/Sagitário, aqui, a oscilação identitária reflete profundas camadas internas de busca. Para ter sua identidade de gênero aceita, uma pessoa com ascendente em peixes pode tentar moldar-se às necessidades estéticas e éticas do meio que lhe rodeia, clamando para que o elemento virginiano das outras pessoas possa lhe fornecer contornos e limites.

### *Considerações Finais*

Este texto teve como principal objetivo oferecer reflexões e fundamentos para um diálogo horizontal entre concepções esotéricas e posicionamentos críticos dos estudos e militância de gênero, utilizando para tal uma interlocução entre a linguagem junguiana e a astrológica. O texto trouxe essas articulações, culminando na compreensão da construção da identidade de gênero por meio do eixo Ascendente/Descendente.

Esperamos ter aberto caminhos para uma articulação madura da Astrologia com as perspectivas críticas de gênero, levando em conta as perspectivas contemporâneas que criticam os binarismos e essencialismos de gênero, apontando para a emergência do reconhecimento ao direito pela fluidez identitária e pela leveza de não saber o que se é até que se saiba.

## **Referências**

AUFRANC, Ana Lia B. Expressões da sexualidade: um olhar junguiano. **Junguiana**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 37-48, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. A identidade pós-patriarcal do homem e da mulher e a estruturação quaternária do padrão de alteridade da consciência pelos arquétipos da anima e do animus. **Junguiana**, São Paulo, n. 4, p. 5-69, 1986.

DE SÁ; DEOLA. Reflexões sobre a questão da personificação na teoria da contra-sexualidade de Jung e a androginia psíquica na contemporaneidade. **CES REVISTA**, v. 33, n. 1, 2019.

EDINGER, Edward. **O mistério da Coniunctio: imagem alquímica da individuação**. São Paulo: Paulus, 2008.

FAURY, Mára Lucia. Fronteiras do Masculino e do Feminino ou A Androginia como Expressão. **Cadernos Pagu**, nº 5, 1995: pp 164-178. Disponível em . Acesso em: 15 mar. 2017.

FRANCO, Clarissa De; MARANHÃO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Sagrado não binário: o conceito de psique andrógina na reformulação do debate de gênero no Sagrado feminino. **Revista Mandrágora**, v. 25, n. 2, 2019.

FRANCO, Clarissa De. Psicologia pós-junguiana e os debates contemporâneos de gênero e sexualidade. São Paulo: Atena, 2022.

HARAWAY, Donna. "Manifesto Ciborgue". Em: Tadeu, Tomaz. (org.) **Antropologia do Ciborgue. As vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminino eo privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, 5, 7-41, 1995.

HILLMAN, James. **Anima: anatomia de uma noção personificada**. São Paulo: Cultrix, 1985.

HILLMAN, James. **Psicologia Arquétipica**. São Paulo: Cultrix, 1983.

- JUNG, Carl Gustav. **O livro vermelho**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- JUNG, Carl Gustav. **Mysterium coniunctionis: investigación sobre la separación y la unión de los opuestos anímicos en la alquimia**. Madrid: Trotta, 2002.
- JUNG, Carl Gustav. **Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. São Paulo: Vozes, 2000.
- JUNG, C. G. **Psicologia e Alquimia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009b.
- JUNG, C.G. **A natureza da psique**. Tradução – Mateus Ramalho Rocha. 10º ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- LYRA, Sonia. Arte e gênero androgenidade: A Dialética do Apogeu. **Rev. Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral**, Curitiba, vol 4, n 1, p. 51-61, jan. a jul. 2012.
- OS TRÊS INICIADOS. **O Caibalion: estudo da filosofia hermética do antigo Egito e da Grécia**. São Paulo: Pensamento, 1997.
- SAMUELS, Andrew. **A Psique Plural: Personalidade, Moralidade e o Pai**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 78, n. 1, p. 71-94, 2007.
- SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history**. New York, Columbia University Press. 1989.
- VON FRANZ, M. L. A percepção da sombra nos sonhos. Em: ZWEIG, C.; ABRAMS J. (Orgs.). **Ao encontro da sombra**. São Paulo: Cultrix, 2016, pp. 57-60.
- YOUNG-EISENDRATH, Polly; DAWSON, Terense. **Manual de Cambridge para Estudos Junguianos**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

## CLARISSA DE FRANCO



Mãe de Dani e Léo, psicóloga, astróloga, analista de sonhos, taróloga, doutora em Psicologia e em Ciências das Religiões com pós-doutorado em Estudos de Gênero e em Ciências Humanas e Sociais. Professora titular dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia e em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Intercambia os debates políticos de gênero e as possibilidades que os universos místico, sagrado e simbólico abrem sobre as feminilidades e sexualidades, mediados pelas teorias pós-junguianas. Criadora do jogo Símbolos do Inconsciente, uma ferramenta de autoconhecimento por meio dos estudos junguianos ligados aos sonhos e às fases alquímicas. Adepta da horizontalidade entre os saberes, Clarissa pesquisa sobre as fronteiras do conhecimento, buscando intercâmbios e diálogos entre religião e gênero, ciência e esoterismo, saberes tradicionais e olhares contemporâneos, conhecimentos populares e acadêmicos. Tem canal de interpretação de sonhos: [youtube.com/claristica](https://www.youtube.com/claristica). Foi colaboradora de algumas mídias, como *Brasil 247*, *Folha de S. Paulo*, *Revista Senso*, *Personare*, entre outras.

**E-mail:** [clarissadefranco@hotmail.com](mailto:clarissadefranco@hotmail.com)



## CAPÍTULO 2:

# LILITH: UM SÍMBOLO DA LIBERTAÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA

**KIM BINS**

A narrativa sagrada do Gênesis é conhecida por muitos e Lilith faz parte dela. No entanto, ela é a parte oculta dessa narrativa, que foi demonizada, recortada e, portanto, não costuma ser citada. Todas as vezes que eu ia falar sobre Lilith, seja em uma palestra ou em uma consulta, eu me questionava: será que preciso contar a narrativa dela mais uma vez? Até que recebi uma resposta:

O ato de contar uma história tem uma função real. O próprio processo da narrativa é um processo de cura, em parte porque uma pessoa está se dedicando a contar a você uma história que tem muito significado para ela. A pessoa se dispõe a essa tarefa porque você pode receber uma certa ajuda na sua vida, mas ela não quer simplesmente chegar e dar um conselho. Quer prestar essa ajuda a você de modo que ela se torne parte do seu ser. É isso que as histórias fazem. Elas diferem dos conselhos pelo fato de que, quando você toma conhecimento delas, elas se tornam um produto de sua própria alma. É por isso que elas curam você. (Alice Walker).

Vivenciar Lilith conscientemente através de sua narrativa é o primeiro passo para o encontro com essa força feminina. É preciso conhecer a sua narrativa, contar e recontar sua história.

### *Mito: a narrativa sagrada*

O mito é uma narrativa sagrada que traz em si a verdade, por fazer referência à realidade. Para Walter Boechat (2009), o mito é produzido pelo mesmo tecido dos contos de fadas, das fantasias e dos sonhos. Na Psicologia junguiana, o mito é uma via de acesso ao inconsciente: a narrativa mitológica possibilita a conexão com a vida interior e pode contribuir para a produção de *insights* importantes para o crescimento da personalidade.

Desse modo, o mito pode ser pensado como algo que nunca existiu, mas que está sempre acontecendo na vida das pessoas, afinal, a mitologia revela os arquétipos presentes em todos os tempos e em todas as culturas. Para o mitólogo Joseph Campbell (1990), os mitos possuem quatro funções principais:

1. Mística: os mitos nos mostram a dimensão misteriosa do universo e a possibilidade de surpreender e se admirar em relação a esses mistérios.
2. Cosmológica: mostrar a origem do mundo. A ciência também se ocupa dessa função, mas é preciso lembrar que a ciência não possui todas as respostas. A mitologia mostra a origem do universo através do mistério.
3. Sociológica: os mitos suportam e validam uma determinada ordem social, trazendo os princípios éticos e as leis da vida da sociedade ideal.
4. Pedagógica: os mitos ensinam como viver a vida. São informações de tempos antigos que sustentam a humanidade. São pistas para as potencialidades espirituais, para lidar com as questões interiores.

Em uma frase, Mircea Eliade (1995) resume as funções do mito propostas por Campbell: “o mito ensina as histórias primordiais que formaram o ser humano, como este se relaciona com sua existência e seu modo de interagir com o mundo”.

No entanto, apesar da mitologia ter funções tão importantes, muitas vezes o termo “mito” é utilizado de forma pejorativa, significando uma

narrativa destituída de valor por ser interpretada como ultrapassada, sem caráter objetivo e científico, ou mesmo, como puramente fantasia. Nesse sentido, escolho substituir o termo “mito” pelo termo “narrativa sagrada”, dando ênfase à importância desta área de conhecimento.

### *A narrativa sagrada da criação da mulher*

A narrativa sagrada que conta a criação da mulher na cultura ocidental está no livro do Gênesis, encontrado na Bíblia. Nessa versão, Deus cria o homem e a mulher: Eva, nascida da costela de Adão. No entanto, teria existido um feminino antes de Eva: a Lilith. Algumas lacunas e falhas no texto bíblico deixam aberta a ideia de que houve um corte no texto original, no qual Lilith estaria presente. Desse modo, a narrativa de Lilith pode ter sido perdida ou removida nas traduções da versão dos rabinos para a versão dos sacerdotes. A divergência entre os dois relatos surge, historicamente, no momento em que as religiões patriarcais buscavam suprimir o poder das religiões pagãs que faziam culto à Grande Deusa.

Na Bíblia, Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança...” (Gên. 1:26). Desse modo, “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou” (Gên. 1:27). Uma interpretação possível é a de que Adão é criado como um ser andrógino, uno, inteiro, com masculino e feminino integrados. Mais à frente no texto, Deus diz: “Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda” (Gên. 2:18). No entanto, se o homem era andrógino, com masculino e feminino dentro dele, como poderia ele estar só? Aqui surge a ideia de que existe uma lacuna no texto, e essa ideia é confirmada no trecho: “Esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne! Ela será chamada mulher porque foi tirada do homem” (Gên. 2:23). A dúvida fica explícita: Esta sim? Então, qual não? Parece que está faltando algo.

A narrativa de Lilith é reconstituída através de brechas dos escritos das tradições orais, de comentários de rabinos nos textos antigos do misticismo judaico. As narrativas aparecem no Zohar, no Talmud, no Midrashim e no Alfabeto de Ben-Sira. Existem alguns estudiosos dessas narrativas e, dentre eles, os dois mais amplamente conhecidos com livros traduzidos para o português são a Barbara Koltuv e o Roberto Sicuteri. A reconstrução dessas brechas permite diversas versões e interpretações. Eu vou contar aqui a narrativa que mais

fez sentido para mim, de acordo com os meus estudos e na minha experiência prática com a Lilith, através da Astrologia.

Na versão ainda muito desconhecida que revela a figura da Lilith, Adão era um ser uno, macho e fêmea, com masculino e feminino integrados. Ele cuidava dos animais e percebeu que todos eles tinham um par para viver a sua sexualidade. Então ele pede para Deus que os separe, para que ele também possa viver a sua sexualidade. Deus concorda, com uma condição: de que o feminino sempre se submeta ao masculino. Como era uma separação para viver o desejo sexual, a submissão se daria na sexualidade: a mulher deveria ficar sempre por baixo no ato sexual, na famosa posição chamada de “papai e mamãe”. Adão enquanto ser uno, com masculino e feminino integrados, aceita a condição proposta. Assim, Deus os separa em Adão e Lilith. Então, Lilith teria sido a primeira mulher! No entanto, a partir do momento em que Lilith se torna o feminino, ela começa a se questionar:

Por que devo deitar-me embaixo de ti? Por que devo abrir-me sob teu corpo? Por que ser dominada por você? (Roberto Sicuteri, 1985).

É preciso lembrar que Lilith nasce do desejo sexual. Ela questiona essa submissão tendo consciência de sua origem comum, igual, visto que ela e Adão vieram do mesmo barro, do mesmo pó. Ela propõe a Adão que eles experimentem outras posições no ato sexual – o que ela queria mesmo era ficar por cima! Mas Adão tem medo de que eles vão ser expulsos do Paraíso, e ele não aceita a proposta de Lilith. E, após uma relação insatisfatória, quando Adão adormece, Lilith se revolta e se recusa a essa submissão, decidindo ir embora do Paraíso. Ela vai para o deserto do Mar Vermelho, local no qual ela é livre para viver o seu desejo: o desejo sexual.

Ao acordar, Adão percebe que Lilith não está mais lá. Pergunta por ela, e Deus responde que ela foi para o deserto. Adão vai até o deserto, fala para Lilith que a ama e pede que ela volte. Ela diz que também o ama, mas que só voltará se as condições dela forem atendidas. Adão responde que isso não será possível e Lilith finaliza a conversa dizendo: então, não volte nunca mais! Adão retorna para o Paraíso e, para que ele não ficasse só, Deus cria Eva: a auxiliar que lhe corresponde, a mulher maternal, a mãe de todos os seres vivos.

Lilith só retorna para o Paraíso como a serpente. Ela é a serpente! Em uma interpretação patriarcal, ela é vista como o demônio, que tentou o casal a cometer o pecado original. No entanto, podemos pensar que durante milhares de anos a serpente foi considerada um animal de sabedoria e, inclusive, está presente no símbolo da medicina. Também é considerada como um símbolo da Grande Deusa. Sendo assim, a serpente, símbolo da sabedoria, oferece nada mais do que o fruto do conhecimento, que simboliza o nascimento da consciência. Que demônio é esse, que é sábio e oferece conhecimento? Essa pergunta abre espaço para que possamos interpretar esse momento da narrativa de uma forma diferente da que tem sido amplamente conhecida.

Além disso, a serpente revela um Deus mentiroso. Ela disse à mulher: “Então Deus disse: Vós não podeis comer de todas as árvores do jardim?” (Gên. 3:1). Ao que a mulher responde: “Nós podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Dele não comereis, nele não tocareis, sob pena de morte” (Gên. 3:2-3). A serpente é sabia, e diz à mulher: “Não, não morrereis! Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal” (Gên. 3:4-5). A afirmação da serpente se mostra verdadeira, afinal, quando Deus descobre que o homem e a mulher pecaram, eles não morrem, na verdade, eles são expulsos do Paraíso. Sobre isso, Deus diz: “Se o homem já é como um de nós, versado no bem e no mal, que agora ele não estenda a mão e colha também da árvore da vida, e coma e viva para sempre! E Iahweh Deus o expulsou do jardim do Éden para cultivar o solo de onde fora tirado” (Gên. 3:22-23).

Ao expulsá-los do Paraíso, Deus lança uma maldição. Primeiro Ele diz à serpente:

“Porque fizeste isso  
és maldita entre todos os animais domésticos  
e todas as feras selvagens.  
Caminharás sobre teu ventre  
e comerás poeira  
todos os dias de tua vida.  
Porei hostilidade entre ti e a mulher,

entre tua linhagem e a dela.  
Ela te esmagará a cabeça  
e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gên. 3:14-15)

À mulher, Deus disse:  
“Multiplicarei as dores de tuas gravidezes,  
na dor darás à luz filhos.  
Teu desejo te impelirá ao teu marido  
e ele te dominará.” (Gên. 3:16)

Ao homem, Deus disse:  
“Porque escutaste a voz de tua mulher  
e comeste da árvore que eu te proibira comer,  
maldito é o solo por causa de ti!  
Com sofrimento dele te nutrirás  
todos os dias de tua vida.  
Ele produzirá para ti espinhos e cardos,  
e comerás a erva dos campos.  
Com o suor de teu rosto  
comerás teu pão  
até que retornes ao solo,  
pois dele foste tirado.  
Pois tu és pó  
e ao pó tornarás.” (Gên. 3:17-19)

Para a filósofa Julia Myara (2020), não tem sido dada a verdadeira importância a essa maldição. Ela interpreta que essa hostilidade colocada entre a mulher e a serpente gera um desmembramento do comum entre as mulheres, e a mulher perde o referencial do sagrado. Além disso, Deus condena a mulher a ter dores na sua fertilidade, na gravidez e no parto, a ser dominada pelo marido, e gera uma inimizade entre homem e mulher, por Adão ter escutado a voz de Eva. Por fim, o solo, a terra, que é símbolo da Grande Deusa, também se torna maldito. É interessante que muitas interpretações sobre a vinda da serpente ao Paraíso pensam a Lilith como vingativa, aquela que veio se vingar de Eva por ela ter “roubado” o seu marido. No

entanto, se essa interpretação estivesse correta, qual seria o sentido de Deus amaldiçoar a relação entre Eva e a serpente?

Desse modo, pode-se pensar na figura da Lilith como um fragmento da antiga Deusa da época pré-patriarcal, antipática aos valores patriarcais e, por isso, foi transformada em demônio (McLean, 1998). Ela se apresenta como uma imagem arquetípica do feminino sombrio, que foi colocado na sombra e, com ela, diversas qualidades da Deusa que foram reprimidas e negadas. Ela representa a força feminina primordial, instintiva, livre, conectada com seu desejo sexual e insubordinada, que não se submete ao que não deseja. Ela rompe com Deus para obter a sua liberdade e é demonizada por isso. Junto com ela, no deserto, são exiladas todas as qualidades do feminino que são vistas como impuras: a sexualidade, a menstruação, a relação com o corpo, com os ciclos, com a mágica. O Grande Feminino é amaldiçoado e bipartido, representado, em Eva, o padrão a ser aceito para a mulher pela sociedade e pela moralidade; e, em Lilith, o padrão que deve ser rejeitado.

### *Quando Deus era mulher*

Mas nem sempre foi assim, nem sempre a sexualidade e os desejos do corpo foram vistos como demoníacos. Em tempos mais antigos, quando a Deusa do amor e da fertilidade era cultuada, os rituais eram feitos unindo a sexualidade à espiritualidade. O termo atual para esse ritual é a prostituição sagrada. No entanto, esse é um termo anacrônico, que parece ter sido mal interpretado pela mente que tem dificuldade em compreender a atividade das sacerdotisas desses templos, em que a natureza sexual era um aspecto integral da natureza espiritual. Nancy Qualls-Corbett (1990) aponta que um dos termos mais comumente utilizados para descrever a prostituta sagrada em textos antigos é *hieródula*, que significa serva sagrada. A raiz grega dessa palavra, que é *hieros*, significa sagrado ou santo. Sobre isso, a autora conta que, nos tempos antigos, natureza e fertilidade consistiam como parte central da existência:

A paixão erótica era inerente à natureza humana do indivíduo. Desejo e resposta sexual, vivenciados como poder regenerativo, eram reconhecidos como dádiva ou bênçãos do divino. A natureza sexual do homem e da mulher e sua atitude religiosa eram inseparáveis. Em seus louvores de

agradecimento, ou em suas súplicas, eles ofereciam o ato sexual à deusa, reverenciada pelo amor e pela paixão. Tratava-se de um ato honroso e respeitoso, que agradava tanto ao divino quanto ao mortal. A prática da prostituição sagrada surgiu dentro desse sistema religioso e, por conseguinte, não fez separação entre sexualidade e espiritualidade. (QUALLS-CORBETT, 1990).

A prostituição sagrada existiu por milhares de anos e em muitas civilizações. Nessa prática, a sexualidade era considerada sagrada e cultuada pelas sacerdotisas para reverenciar à Deusa. Uma Deusa do amor muito cultuada foi Inanna, considerada Rainha do Céu e da Terra, Estrela da Manhã e da Tarde. Ela era uma Deusa muito importante do panteão sumério, que trouxe diversos presentes para a humanidade, todos eles considerados ensinamentos de civilização e cultura. Entre eles, ela ensinou à humanidade a arte de fazer amor. Ou seja, a sexualidade, além de sagrada, era vista como civilizadora e a prostituta sagrada ao encarnar a deusa “é a veia através da qual os rudes instintos animais são transformados em amor e na arte de fazer amor” (QUALLS-CORBETT, 1990).

Esse aspecto civilizatório da prostituição sagrada pode ser visto no poema considerado mais antigo do mundo: “A Epopeia de Gilgamesh”. Nesse poema, Gilgamesh é um rei autoritário que dominava seu povo e os deuses do panteão sumério decidem fazer algo a respeito. Do barro, os deuses criam Enkidu, um ser selvagem meio homem e meio animal, que vive com os animais e que poderia ensinar o rei a ser mais humilde. Ao tomar conhecimento da existência de Enkidu, Gilgamesh envia uma prostituta sagrada para civilizá-lo. Durante seis dias e sete noites, a sacerdotisa se entregou e amou Enkidu, até que o aspecto selvagem desse homem-animal foi completamente civilizado através do sexo sagrado. Ao final do processo, ele foi levado à cidade, símbolo da civilização humana.

Ao reconhecer que houve um tempo em que a sexualidade era considerada sagrada pela religião, podemos nos perguntar: o que aconteceu? Como a compreensão da sexualidade feminina tão reverenciada em outros tempos se tornou degradada? Existem muitas teorias para explicar os processos históricos e culturais que levaram à decadência da figura feminina e a mudança na valoração dos seus

aspectos físicos e espirituais. Para a discussão do tema atual, vamos nos ater muito resumidamente a alguns pontos.

Antigamente os corpos das mulheres eram cultuados pela capacidade de gerar, o corpo da mulher era análogo ao corpo da Terra: fértil. Acreditava-se que a mulher tinha a capacidade de gerar espontaneamente, assim como a Terra. Algumas teorias apontam que o processo de mudança nos valores teve início quando o homem descobre o seu papel na reprodução, entendendo que a mulher não gerava seus filhos sozinha. No entanto, essa descoberta levou à ideia de que a mulher seria apenas um receptáculo da fertilidade masculina, diminuindo o seu lugar de importância.

Com o passar do tempo, avançando muito rapidamente na história, as culturas de expansão e dominação foram se fortalecendo e tribos guerreiras foram conquistando outras tribos e, nesse processo, uma grande mistura cultural começou a acontecer. Cada povo que era conquistado, tinha suas divindades incorporadas através do sincretismo às divindades das tribos dominadoras e, assim, as religiões antigas foram se construindo. No entanto, chegou um momento em que um Deus Supremo, identificado com o ser masculino, passa a ser reconhecido; e esse Deus não aceita dos seus fiéis a adoração de outros deuses, como podemos ver neste trecho da Bíblia: “Não terás outros deuses diante de mim” (Dt. 5:7). Além disso, nos estatutos e normas a ser seguidos pelo povo de Israel, aparece o movimento de dominação e conquista citado anteriormente:

Quando Iahweh teu Deus houver destruído as nações para onde te diriges, para te apoderares delas, e as tiveres conquistado e habitares em suas terras, fica atento a ti mesmo! Não te deixes seduzir, não vás seguir o que ele havia exterminado da tua frente; não procures pelos seus deuses, dizendo: “Como estas nações serviam os seus deuses? (Dt. 12:29-30, grifo meu).

Ou seja, o povo de Israel é avisado para não buscar saber sobre os cultos das nações dominadas, e sobre os deuses que o Deus Supremo quis exterminar. Aqui não há espaço para o sincretismo. Além disso, nos estatutos sobre as leis sociais aparece: “Não haverá prostituta sagrada entre as israelitas” (Dt. 23:18, grifo meu). No entanto,

mesmo com toda a censura desse Deus patriarcal, o povo continuou cultuando deuses estrangeiros, como podemos ver neste trecho:

“Os filhos juntam a lenha, os pais acendem o fogo e as mulheres preparam a massa para fazerem tortas à rainha dos céus; depois fazem libações a deuses estrangeiros para me ofenderem.” (Jr. 7:18, grifo meu).

Em relação a esse trecho, a nota de rodapé presente na Bíblia de Jerusalém associa a “rainha dos céus” à Ishtar (Astarte), deusa da fecundidade no panteão mesopotâmico e identificada com o planeta Vênus. Ou seja, fazer os rituais de culto a deuses estrangeiros, entre eles Ishtar (Astarte), uma das Deusas do amor, era uma ofensa a esse Deus Supremo.

A Deusa do amor e da paixão foi chamada de Inanna. Depois foi chamada de Ishtar pelos babilônios, de Astarte pelos fenícios, de Afrodite pelos gregos e de Vênus pelos romanos. É interessante perceber as conexões possíveis entre elas. Inanna era a Estrela da Manhã e da Tarde, assim como Vênus é a Estrela Matutina e a Estrela Vespertina. Vênus é uma Deusa muitas vezes chamada de Vênus-Afrodite pelo sincretismo entre as duas e, para Junito Brandão (2015), Afrodite é seguramente uma deusa estrangeira asiática. Como uma Deusa estrangeira, ela teria sido sincretizada na cultura grega, mas as modificações sincréticas podem ser muito problemáticas, especialmente quando a nova cultura tem valores tão diferentes, como podemos ver na fala de Roberto Sicuteri (1998):

A Vênus-Afrodite helênica que assume o símbolo do afeto sensual e da feminilidade, perde as características de Vênus-Astarte, expressão afetiva ainda ligada à sexualidade terrena animal das civilizações tauro-mitraicas.

Desse modo, a Deusa foi perdendo espaço e muitos dos seus atributos foram sendo depreciados. Nancy Qualls-Corbett (1990) afirma que “o homem criou Deus à sua imagem. O homem estabeleceu novas doutrinas religiosas e cânones, de acordo com suas crenças na supremacia masculina”. No decorrer do tempo, os templos ora dedicados à Deusa do amor foram sendo substituídos pela casa do Deus Pai, alterando completamente o papel da mulher. Neste ponto, retornamos à narrativa sagrada de criação da mulher presente na

Bíblia, “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou (Gên. 1:27)”. Para a filósofa Julia Myara (2020), aqui o feminino divino ainda estava presente! Mas ele foi recortado, junto com a narrativa de Lilith. Ao final da narrativa de criação, Eva torna-se símbolo do pecado e da decadência da humanidade, a mulher fraca, que cedeu às tentações das forças demoníacas – a Lilith.

Um ponto interessante é que, segundo Merlin Stone (1976), o nome de Lilith aparece em um fragmento de uma tábua suméria. Nessa tábua, Lilith foi descrita como uma jovem mulher, que não era casada e que era considerada “a mão de Inanna”: ela era enviada às ruas para reunir os homens e trazê-los para o templo. Posteriormente, Lilith aparece como a primeira mulher de Adão e depois é transformada em demônio; para a autora, as duas últimas histórias teriam sido desenvolvidas como uma reação, por Lilith ser tão próxima e associada aos rituais do sexo sagrado e de adoração à Grande Deusa. Sobre isso, Roberto Sicuteri (1985) afirma: “Lilith se estrutura como arquétipo e símbolo das proibições colocadas ao desejo sobre as quais vão se agregar influências religiosas de culto e psicológicas, transformando-a em verdadeiro tabu” (grifo do autor).

### *A sexualidade*

A definição do conceito de sexualidade é uma tarefa complexa, visto que engloba fatores biológicos, fisiológicos, emocionais, relacionais e sociais. É um conceito mutável que vai sendo atualizado e moldado por fatores históricos. Além disso, cada sociedade regulamenta as práticas sexuais através das leis, da moral e dos bons costumes.

Para o historiador e sociólogo Jeffrey Weeks, a sexualidade é um fenômeno social e histórico que só pode ser compreendido no contexto de uma determinada época. Ele aponta que existem cinco dimensões particularmente importantes para a organização social da sexualidade: os sistemas de família e de parentesco; a organização econômico-social; os contextos políticos; as culturas de resistência; e as formas de regulação social informais e formais.

Esta última é a que nos interessa particularmente para pensar a regulação da sexualidade através da narrativa sagrada. Durante muitos séculos, os comportamentos sexuais e os corpos foram preocupação da religião e da filosofia moral, que exerciam uma regulação formal das

práticas de sexualidade. Nos séculos em que essa regulação foi feita pelas religiões patriarcais, havia uma supervalorização da sexualidade matrimonial e o padrão aceito em relação às práticas sexuais tinha a reprodução como um fim e, através dessa regulação, as relações sexuais fora do casamento eram associadas ao pecado. A partir da narrativa sagrada de criação do homem e da mulher vista anteriormente, podemos gerar clareza sobre os padrões que foram instaurados: Eva como o modelo a ser seguido dentro da moralidade e da ordem social: a boa esposa e a boa mãe; e Lilith como modelo que deve ser rejeitado ou reprimido: ela costuma ser vista como a puta, piranha e vadia.

Foi visto, anteriormente neste texto, que as narrativas sagradas possuem a função social de suportar e validar uma determinada ordem social ideal. Assim, podemos perceber como a narrativa sagrada do Gênesis influenciou e continua influenciando enormemente a cultura ocidental, mesmo para os que não se consideram cristãos, transmitindo valores religiosos e sociais.

Somente a partir do século XIX, ou seja, muito recentemente, que a sexualidade passou a ser encarada como uma disciplina específica tendo como base a psicologia, a biologia, a antropologia, a história e a sociologia. Para Jeffrey Weeks, a mudança mais importante que aconteceu no último século foi a transformação da regulação formal das práticas sexuais vinculadas à religião para uma regulação através da medicina, da educação, da psicologia, da intervenção social e das práticas de promoção de saúde.

A partir dessa mudança de regulamentação, temos algumas definições sobre o conceito de sexualidade que a “Organização Mundial da Saúde” (OMS) oferece como contribuição para a discussão sobre o tema. Para a OMS,

a sexualidade é uma energia que nos motiva para encontrar amor, contato, ternura e intimidade; ela integra-se no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo ser-se sexual. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental.

A partir da definição anterior, a OMS consultou técnicos de diferentes áreas para pensar a sexualidade de forma ampla. A definição

foi atualizada e revisada por *experts* da área de diferentes partes do mundo e, em 2006, foi publicada:

A sexualidade é um aspecto central do ser humano ao longo da vida e abrange o sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivida e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem sempre elas são todas experienciadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais (OMS).

Essa mudança na regulação formal da sexualidade oferece a possibilidade de uma atualização no modo de pensar essas práticas. Aquilo que antes era visto como pecado começa a ter suporte teórico para ser pensado como saúde, como algo natural e parte da natureza humana. Aqui começamos a vislumbrar a possibilidade de que o encontro com a força da poderosa Lilith possa ser interpretado e experienciado de outra forma. No entanto, é preciso levar em consideração que a religião continua influenciando enormemente os padrões de comportamento sexuais.

### *A sexualidade no firmamento*

Na Astrologia, a função da sexualidade é mais amplamente interpretada através de Vênus e Marte, os amantes. Eles costumam ser tratados como um par de opostos e complementares: Vênus, a deusa do amor, representando a postura arquetípica feminina que está presente na maioria das culturas: afetiva e receptiva. E Marte, o deus da guerra, representando a postura arquetípica masculina: competitiva e assertiva. Vênus costuma revelar os gostos estéticos, românticos e sensuais, representando o amor, a harmonia, a afetividade, o charme, a gentileza, a fertilidade, a beleza, a sensualidade, a atração e a vinculação; enquanto Marte costuma revelar os gostos eróticos, sexuais, a qualidade da energia que motiva o desejo sexual e o modo de ir

atrás do que ou de quem se deseja, representando impulsividade, competição, coragem, energia, assertividade e agressividade.

Tanto as mulheres quanto os homens possuem Vênus e Marte em seus mapas de nascimento. No entanto, para Stephen Arroyo (2010), a expressão dessas forças varia muito de pessoa para pessoa e, especialmente, varia nas diferentes culturas. Então podemos pensar que, em uma cultura em que o lugar aceito para a mulher em termos de uma sexualidade é o lugar da boa esposa e da boa mãe, em que o sexo é visto prioritariamente como reprodutivo e que a mulher deve ser a “bela, recatada e do lar”, pode ser um desafio para a mulher expressar as qualidades de sexualidade associadas ao Marte. Especialmente quando há um entendimento cultural de que essas qualidades representam apenas o homem, postulando a ideia de que a mulher em si não tem sexualidade.

Sobre isso, vimos na fala do Roberto Sicuteri (1998) a transformação que ocorreu no simbolismo da Vênus quando Vênus-Astarte se torna Vênus-Afrodite, perdendo exatamente a relação com a sexualidade terrena e corporal e se tornando apenas afetiva e receptiva. Na medida em que a sexualidade feminina é limitada ao papel da mulher como esposa e mãe, a mulher pode não conseguir experimentar e expressar toda a potência que existe em Vênus e, menos ainda, a potência de Marte em relação à sexualidade.

### *O arquétipo feminino no firmamento*

Jean Shinoda Bolen em seu livro *As deusas e a mulher* propõe uma nova psicologia das mulheres através das imagens arquetípicas das deusas gregas. Ela divide as imagens interiores do feminino em deusas vulneráveis, deusas virgens ou invulneráveis e a deusa alquímica. As deusas vulneráveis representam os papéis tradicionais de esposa, mãe e filha. São deusas orientadas para o relacionamento que expressam necessidade de vínculo e sua identidade e bem-estar dependem de um relacionamento significativo. As deusas virgens ou invulneráveis representam a qualidade de independência e autossuficiência. Os afetos não as desviam daquilo que consideram importante. Representam metas direcionadas, pensamento lógico e procuram ativamente seus objetivos. Por fim, a deusa alquímica é a deusa que tem tanto qualidades vulneráveis quanto qualidades invulneráveis.

Em minha formação como astróloga, aprendi com a minha mestra Claudia Lisboa a associar essa divisão psicológica das deusas com os símbolos do feminino no Mapa Astral. As deusas vulneráveis podem ser associadas às qualidades da Lua na Astrologia: vínculo, sensibilidade, proteção, imaginação, família, lembranças, recordações, fertilidade. As deusas invulneráveis às qualidades de Lilith na Astrologia: liberdade, insubordinação, insubmissão, fidelidade a si mesma, exílio, separação, amoralidade, desejo, sedução, sexualidade. E a deusa alquímica é Afrodite, nome grego para a deusa romana Vênus. Então a deusa alquímica é associada à Vênus na Astrologia, que possui qualidades tanto vulneráveis quanto invulneráveis: amor, afetividade, sensualidade, desejo, vínculo, fertilidade, paixão, prazeres, beleza.

Ao pensar o arquétipo feminino composto por esses três grupos de deusas, se utilizarmos apenas Lua e Vênus para interpretar a força feminina na Astrologia, fica faltando algo. Onde estaria a força invulnerável? Lilith representando a força invulnerável na Astrologia se mostra como uma porta de acesso à sexualidade reprimida. Desse modo, se a força de Lilith não estiver integrada, e se as qualidades invulneráveis do feminino não estiverem disponíveis para a mulher, então Vênus não será alquímica! Vênus será experienciada apenas através das qualidades vulneráveis, associadas à Lua na Astrologia, e a sexualidade feminina pode ficar restrita apenas ao vínculo do casamento e como função reprodutiva.

Ao mesmo tempo, nas palavras da Jean Shinoda Bolen (1996), nas culturas judaico-cristã, maometana e outras culturas patriarcais, a mulher que personifica a enamorada Afrodite é considerada sedutora e prostituta, e a sensualidade e a sexualidade são rebaixadas. Ou seja, a mulher que alcança as qualidades invulneráveis através da Vênus alquímica, encontra na cultura o julgamento e a depreciação, o mesmo processo que aconteceu com Lilith. Sobre esse julgamento, Roberto Sicuteri (1998) afirma que Lilith não deve ser encarada moralisticamente como prostituta, isso reduziria a importância do seu símbolo:

Lilith é a sexualidade sem freios e sem preconceitos, a outra face do feminino doce e protetor, assim como ela é a outra face de Deus, como quer o mito bíblico: dramaticamente, Lilith é a criatura que se rebela contra o Deus patriarcal e

que o combate [se dá] no plano de um confronto paritário. Isso nos remete a todo um conceito sobre a dicotomia entre a alma e o corpo, entre o espírito e os sentidos (SICUTERI, 1998).

Aqui vemos a importância de Lilith para pensar a sexualidade feminina através da Astrologia. A necessidade do enfrentamento dos tabus e do reconhecimento de que existe uma força instintiva, sexual, corpórea, associada ao feminino primordial, ou seja, de que esse desejo sexual também pertence às mulheres e que precisa ser expresso. Somente trazendo as forças de insubordinação de Lilith que se pode romper com os velhos tabus e se apropriar do seu corpo e da sua sexualidade. Lilith foi a mão de Inanna, ela está associada à Grande Deusa e, por isso, a conexão com a sua força permite a reconstituição do símbolo da Vênus alquímica e do Divino Feminino.

### *Lilith na Astrologia*

A Lilith é o ponto no Mapa Astral que representa o apogeu da Lua: o ponto em que a Lua estaria mais distante da Terra, que remete à imagem do exílio, do deserto e da solidão que existe na narrativa sagrada. Em termos de interpretação, a Lilith simboliza um grande e profundo desejo que pode ser vivido de forma mais fluente ou de forma mais desafiadora. A forma mais fluente de viver esse desejo é ter clareza e consciência dele e não se submeter a nada que vá contra ele. Antes de ser fiel a qualquer pacto, Lilith é fiel a si mesma. Ao mesmo tempo, a insubmissão tem um preço: Lilith amava Adão! Mas preferiu o exílio a se submeter ao que não desejava. A forma mais desafiadora de viver o desejo tem a ver com a inconsciência. Por ser uma força que ficou durante milhares de anos na sombra do inconsciente, e que vem sendo resgatada há pouco mais de um século, algumas pessoas podem não ter acesso consciente a essa força e, portanto, não possuem consciência do seu próprio desejo. Na minha prática, tenho percebido que se a mulher não toma consciência do seu desejo, Lilith tende a vir “castigá-la”, colocando-a de frente com tudo aquilo que ela não quer, para ver se ela “desperta”, “acorda” para a consciência em relação ao seu desejo. Esse “despertar” pode ser vivido através de sentimentos muito difíceis como vergonha, humilhação e rejeição. Ao mesmo tempo, é só a percepção de sua submissão que possibilita a mulher a fazer uma escolha diferente.

Nos relacionamentos, quando o desejo de Lilith não é respeitado, pode levar a separações. Ao se perceber submetida e ver que o seu desejo não está sendo respeitado, ela “pega suas malas” e vai embora.

A força de Lilith é vivida de forma dual: ora pode estar reprimida e inconsciente – o que não quer dizer que não esteja em ação, afinal “o perigo do inconsciente cresce na mesma proporção de sua repressão” (JUNG, 2012, §329) –, ora pode vir como uma força avassaladora de insubordinação e insubmissão. Para Claudia Lisboa (2013), o signo, a casa e os aspectos a ela associados são ferramentas libertárias e, ao mesmo tempo, podem ser forças represadas. Além disso, a posição dela no mapa conta quais são os poderes de sedução e como funciona a sua sexualidade, o que torna a pessoa atraente e pelo que ela se atrai. Quando vivida de forma fluente, se atrai pelos aspectos luminosos do signo, casa e aspectos com os quais a Lilith se conecta, quando vivida de forma desafiadora – inconsciente –, se atrai pelos aspectos sombrios.

O desejo de Lilith pode ser pensado como o conceito de Libido de Jung. A libido é uma energia que, primeiramente, é direcionada para a sexualidade, mas que na medida em que encontra ideias análogas, pode se encaminhar para um novo objetivo e passar por uma transformação. Da mesma forma, o encontro com o desejo de Lilith pode começar através da sexualidade corporal e também pode ser transformado e investido em outras áreas como desejo de realização profissional, desejo de ter uma família, de viver a espiritualidade, ou qualquer outra temática que possa ser indicada pelos signos, pelas casas astrológicas e aspectos envolvidos. Nesse sentido, pode-se perceber a importância e necessidade de apropriação e conscientização dos desejos associados à Lilith.

### ***O encontro com Lilith***

Iniciei este capítulo contando sobre um questionamento que me fiz sobre a necessidade de contar ou não a narrativa sagrada de Lilith em palestras e consultas. E, cada vez mais eu confirmo que esse é um ponto que, para ser trabalhado na Astrologia, precisa ser acompanhado de sua narrativa. Somente através da história de Lilith é que o seu simbolismo pode ser mais bem apreendido e integrado. Jean Shinoda Bolen (1996) diz que “um frio percorre a espinha quando um mito pessoal é revelado como um mito compartilhado”. E foi exatamente isso que eu percebi: muitas mulheres, ao ouvir a

história de Lilith, identificaram-se completamente. Inclusive, fizeram comentários como: “Essa é a história da minha vida!”, ou “Eu sou a Lilith!”, e ainda ficaram muito impressionadas: “Como eu nunca ouvi falar nesta mulher?”

Em consultas, eu costumo contar a narrativa de Lilith quando esse ponto do Mapa está sendo ativado por alguma técnica de previsão – ou seja, quando algum trânsito, progressão ou direção está ativando a Lilith do Mapa Natal. Tenho observado, no consultório de Astrologia, que esse é um lindo momento para o encontro com Lilith e, portanto, um encontro consigo mesma, com essa potência feminina instintiva associada ao corpo e à sexualidade.

Na minha prática, tenho percebido que grande parte das mulheres tem experienciado esse encontro com Lilith através do desejo de se reconectar com a natureza do seu corpo! Muitas mulheres deixam de tomar pílula, ou qualquer tipo de hormônio, e decidem olhar para as questões do feminino de forma mais natural – inclusive questões de saúde. Alguns comportamentos em comum que muitas mulheres compartilharam comigo foram a busca pela ginecologia natural, pela dermatologia natural, conectando-se com a fitoterapia, com os óleos essenciais e com os florais. Nesse desejo de cuidar do corpo de forma mais natural, outro movimento importante que percebi foi o do mergulho no seu ciclo menstrual através do uso do copo coletor, de calcinhas absorventes, do “plantar a lua” devolvendo o sangue da menstruação para a terra, da auto-observação do colo do útero e da vulva, e do uso da Mandala Lunar – uma ferramenta de autoconhecimento, observação e registro de comportamentos, sentimentos, disposição, libido ou qualquer outra coisa que a mulher queira observar em si mesma durante todo o ciclo menstrual. Esse mergulho, além de contribuir para que a mulher conheça melhor e se aproprie do seu corpo, ajuda-a a ressignificar a sua relação com o sangue menstrual e aprender a reconhecer o seu momento fértil.

Outro ponto muito importante do encontro com Lilith são as questões relativas à sexualidade. Afinal, ao se conectar a natureza do seu corpo, a mulher se permite olhar para a sua sexualidade de forma mais natural. Lilith fala de uma sexualidade do autoconhecimento: como se pode obter prazer numa relação se a própria mulher não sabe o que dá prazer a ela? Lilith vai falar desse processo de conscientização do prazer, rompendo com os tabus associados à sexualidade feminina.

A sexualidade de Lilith é ativa, é sobre saber o que se gosta e o que não se gosta, é sobre pedir o que se deseja entre quatro paredes, ou fora delas. É sobre romper com o que os sociólogos chamam de “roteiros sociosexuais”, e parar de repetir comportamentos sexuais vistos em filmes, televisão ou pornografia por acreditar que este é o jeito “certo” de se experimentar a sexualidade. Lilith fala de uma sexualidade livre. O despertar de Lilith para a sensualidade e para a sexualidade pode levar as mulheres a desejar fazer ensaios fotográficos sensuais, a buscar o Tantra como uma forma de se conectar com essa sexualidade integrada com a espiritualidade e, também, a buscar os famosos vibradores como uma forma de praticar a masturbação e se conhecerem melhor em relação ao seu corpo e ao que lhes dá prazer.

A maior parte da educação sexual ainda se concentra na reprodução e na proteção contra doenças, como se o sexo fosse apenas para esses fins. Isso acabou criando mulheres que têm pouco ou nenhum contato com seu próprio corpo. Um dos maiores problemas em relação à educação sexual feminina é que as mulheres não são encorajadas a explorar o que elas gostam individualmente através da masturbação. A partir daí, elas também não sabem do que gostam em uma relação e, ainda hoje, a masturbação é um assunto extremamente tabu. Lilith traz à tona os temas considerados tabus: masturbação, aborto, sexualidade gay, prazer, vulva, clitóris... Algo interessante que observei também no encontro das mulheres com Lilith foi o desejo de fazer tatuagens, marcando o corpo com símbolos e desenhos que possuam significados para elas. As tatuagens também são consideradas tabu em muitos ambientes.

Surpreendentemente, um momento da vida da mulher que vi muitos encontros com Lilith acontecerem, foi na gestação. Muitas mulheres, ao ficarem grávidas, viveram grandes e profundas transformações no seu feminino e o ponto ativado no Mapa não era a Lua, ou Vênus, mas sim Lilith. Além disso, as que atravessaram esses momentos acolhendo a potência de Lilith, conectaram-se profundamente com a sua sexualidade – desde partos orgásticos e prazer na amamentação, até muito sexo com o parceiro durante a gestação e depois do parto. Ou seja, também romperam com os tabus de que as mulheres grávidas ou mães não possuem ou não deveriam ter sexualidade. Um ponto muito interessante em relação a essas mulheres que tiveram o seu encontro com Lilith na maternidade, é que muitas delas revelaram que não se conectavam com o seu feminino

ou com o seu corpo antes da maternidade. Muitas vezes, até negavam ele – emendando pílula, evitando menstruar e rejeitando o feminino. No entanto, durante a gestação, não é mais possível evitar: é preciso olhar para esse corpo. E algumas mulheres disseram: “Parece que a gravidez me autorizou a olhar para a minha vagina”.

Jean Shinoda Bolen (1996) fala da gravidez como um processo de iniciação espiritual, uma espiritualidade que só pode ser experienciada através do corpo, algo que vimos que foi perdido ao longo do tempo no patriarcado. Para ela, os mistérios do sangue são as experiências que a mulher vai vivendo ao longo da sua vida como a menarca, a perda da virgindade, a menstruação, a gestação, a menopausa, diversas fases que não são ritualizadas pelo patriarcado e perdem seu espaço consagrado. Especialmente os assuntos relacionados ao sangue, são tratados como assuntos íntimos e imorais. Inclusive, no Antigo Testamento, uma mulher menstruada é considerada impura e já sabemos o quanto isso influencia a nossa cultura. Mesmo a gestação, que costuma ser vista como algo bom, o foco tende a estar na criança que vai nascer, e não quem a mulher vai ser tornar após essa experiência. A autora lamenta sobre como seria diferente se a fertilidade da terra e das mulheres fosse celebrada como expressão da divindade. Sobre isso ela fala:

As mulheres têm em seu corpo um ventre oculto e misterioso, um órgão de criatividade, nutrição e fertilidade, e um símbolo do princípio feminino criativo, fértil e nutritivo que são seus seios. As imagens desses símbolos considerados sagrados no passado foram destruídas como ídolos ou queimadas. [...] Os mistérios do feminino, os mistérios do sangue do corpo não equivalem por si só às realidades físicas de menstruação, gravidez, lactação e menopausa. Para que a fisiologia se torne um mistério, é preciso estabelecer uma associação mística entre uma mulher e o feminino arquetípico. [...] No patriarcado, essa ligação foi suprimida. Não há documentos ou rituais que celebrem a ligação existente entre as iniciações fisiológicas de uma mulher e a significação espiritual (BOLEN, 1996).

Quando o feminino foi bipartido em Lilith e Eva, vimos que a sexualidade e a mágica foram separadas da procriação e da maternidade, a expressão espiritual de conexão com o corpo foi suprimida e é através de Lilith que podemos resgatar essa relação: transformando o corpo que era pecado em sagrado, tanto para a experiência sexual quanto para a maternidade.

Sobre os mistérios do corpo e a vivência da sexualidade, Jean afirma:

[...] uma donzela não iniciada [nos mistérios do corpo] não é automaticamente transformada em uma mulher consciente por perder sua virgindade. É possível que o mistério transformador de Afrodite, a deusa do amor e da beleza, a quem chamo de “deusa alquímica” no livro *As Deusas e a Mulher*, seja o mistério menos experimentado pelas mulheres no patriarcado. Trata-se de um mistério ao qual as mulheres têm pouca probabilidade de serem iniciadas após certa idade, quando o são (BOLEN, 1996, grifo meu).

A partir do meu encontro com essa fala da autora, ficou claro para mim que o encontro sagrado com o corpo é mais fácil de ser experienciado através da maternidade. Afinal, esse é um momento da vida da mulher que é muito valorizado pela cultura. Nesse sentido, parei de me surpreender em relação aos encontros com Lilith serem experienciados na maternidade e, inclusive, vi muitas mulheres comparando tanto o momento do parto como o da amamentação, com os momentos de relação sexual – pelo nível de intimidade que acontece nessas situações. Aqui se pode perceber que a gravidez tem sido mais facilmente experienciada como um processo de iniciação, de conexão com o corpo de forma sagrada do que o ato sexual.

A possibilidade de que o mistério de Afrodite seja o menos experimentado pelas mulheres no patriarcado fortalece a ideia de que a Vênus no Mapa Astral – em sua faceta alquímica – teria a potência para as mulheres vivenciarem sua sexualidade de forma sagrada, mas, pela cultura na qual estamos inseridas, ela não tem sido experienciada dessa forma. O simples ato sexual não necessariamente conecta a mulher com essa faceta sagrada; como vimos, essa conexão foi perdida há muito tempo. E, para reestabelecer essa

conexão vai ser preciso o encontro com Lilith: aquela que não se sujeitou e que, por isso, traz consigo a força da insubordinação que possibilita a ruptura com a cultura patriarcal, saindo da sexualidade vista como pecado, se apropriando do seu corpo e possibilitando a experiência da sexualidade sagrada. Como foi visto, Lilith está associada à Inanna, associada a deusas muito anteriores à cultura grega, associada à Grande Deusa. Lilith é um símbolo de reconexão com esse feminino sagrado e de libertação da mulher, e esse símbolo pode ser mais bem integrado a partir do conhecimento da Lilith em nossos mapas de nascimento.

A conexão de Lilith com a gestação, o parto e a maternidade, acabou me conduzindo à observação de Lilith também nos Mapas de crianças. Nessa perspectiva, tanto mulheres adultas, portadoras de uma Lilith forte em seus mapas, começaram a me trazer experiências importantes vividas na infância marcadas pela sexualidade; quanto mulheres que tiveram uma gestação marcada pelo encontro com Lilith pariram crianças que nasceram com essa potência marcada em seus Mapas. Foi interessante começar a falar sobre a importância da força de Lilith em Mapas de criança e ter o retorno dos pais de que essa potência realmente já era visível. É importante trazer isso à tona, afinal, essas crianças vão precisar de uma verdadeira educação sexual, e não de uma repressão de seus corpos e de sua sexualidade.

Por fim, vale ressaltar que o encontro com Lilith também pode ser desafiador. Afinal, o enfrentamento dos tabus da sociedade não é uma tarefa fácil, especialmente quando esses tabus, que fazem parte da nossa cultura, foram internalizados: aqui o encontro com a Lilith pode ser vivido através da culpa, da vergonha e da rejeição. Mas a melhor forma de atravessar isso é encarar esses sentimentos para poder se libertar deles. Nessas situações, para integrar a força da Lilith, a mulher vai precisar romper consigo mesma e com seus próprios julgamentos, rompendo com uma velha forma de enxergar o feminino e se permitir olhar para os seus desejos mais profundos – mesmo que eles não estejam alinhados com a moralidade patriarcal.

### *Integrando Lilith através do Mapa Astral*

*“A astrologia não é em si uma terapia, mas ao fornecer um quadro preciso de nossa verdadeira natureza e necessidades, empresta um potencial poder de cura à nossa vida e aos nossos amores.”*

**STEPHEN ARROYO** (2010)

Lilith é uma força feminina primordial que prefere o exílio a se submeter ao que não deseja. Sua narrativa sagrada traz à tona temas de exclusão, humilhação, diminuição, rejeição e, ao mesmo tempo, sedução, sexualidade, insubordinação, insubmissão e libertação na busca de viver o seu mais profundo desejo. Quiseram apagar a sua narrativa, disseram que ela foi expulsa do paraíso. No entanto, foi ela quem preferiu o exílio e deixou o Jardim do Éden. Lilith não pode ser excluída e exilada, nem mesmo pelo Deus patriarcal. Ela deve ser aceita e acolhida conscientemente. Desse modo, o simbolismo da figura da Lilith, antes vista como demônio, está passando por uma transformação e começa a ser vista como símbolo da libertação feminina. Suas qualidades precisam ser integradas, fazendo com que a insubordinação esteja presente em relação às repressões que possam atrapalhar o processo de tornar-se um si-mesmo.

A Astrologia se mostra como uma ferramenta que facilita esse caminho de integração. O Mapa Natal, como o próprio nome diz, mapeia e aponta para os caminhos de integração desse feminino primordial possibilitando o processo de tornar-se mulher e de viver a sexualidade e libido em toda a sua inteireza.

Resumindo, o primeiro passo na jornada de encontro com a Lilith é conhecer a sua narrativa sagrada. Como disse Barbara Koltuv (1997), “vivenciá-la conscientemente, em suas inúmeras formas, parece fazer parte do processo de dar à luz ao Eu feminino”.

O segundo passo é verificar a ativação desse ponto do Mapa através das técnicas de previsão. Quando Lilith estiver ativada, é sempre uma grande oportunidade de integração.

O terceiro passo, ao perceber que a Lilith está ativada, é preciso ver com atenção a posição dela no Mapa Astral: seu signo, sua casa astrológica e seus aspectos. Vai ser um momento importante para mergulhar nas energias do signo que ela está, investir na área de experiência, ou

casa astrológica, onde ela está, e perceber os diálogos que ela estabelece com outros planetas e pontos do mapa para se apropriar ao máximo do seu desejo e não se submeter a nada que vá contra ele.

O quarto passo é, de posse de todas essas informações, olhar profundamente para a sua relação com o seu corpo e com a sua sexualidade e investir naquilo que precisa ser transformado para viver a sexualidade de forma livre.

Lilith, assim como Vênus e Marte, está presente tanto no mapa de homens quanto no de mulheres. No entanto, a minha prática com o simbolismo da Lilith em consultas astrológicas tem sido sobretudo com mulheres e, por isso, esse foi o foco do conteúdo exposto. É importante ressaltar que não tive a pretensão de trazer todas as possibilidades de encontro com a Lilith no Mapa Astral, mas compartilhei o que tenho observado com muita frequência: a Lilith na Astrologia funcionando como um símbolo da libertação da sexualidade feminina.

O encontro com Lilith é parte sagrada da minha história pessoal. Espero que as informações e as experiências que compartilhei neste capítulo possam despertar o desejo de trilhar essa jornada ao encontro de Lilith, uma jornada para o desenvolvimento psicológico feminino e para o processo de tornar-se mulher.

*“Que nada nos limite, que nada nos defina,  
que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa  
própria substância, já que viver é ser livre.”*

**SIMONE DE BEAUVOIR**

Liberdade para você na *sua* jornada.

## **Referências**

ARROYO, Stephen. Marte e Vênus: nem todos os homens são de Marte, nem todas as mulheres são de Vênus. In: \_\_\_\_\_. **As-trologia dos relacionamentos íntimos: fatores energéticos no amor, sexo e compatibilidade**. São Paulo: Pensamento, 2010.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2019.

BINS, Kim. **Lilith: um caminho para a integração da sombra e para a libertação da mulher**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação Latu-senso em Psicologia Junguiana) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2018.

BRANDÃO, Junito de Souza. Os aqueus e a civilização micênica: a maldição dos atridas. In: \_\_\_\_\_. **Mitologia Grega: Volume I**. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOECHAT, W. Cosmogonia e antropogonia – as origens. In: \_\_\_\_\_. **A mitopoese da psique: mito e individuação**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOLEN, Jean Shinoda. Os mistérios do feminino e o Graal. In: \_\_\_\_\_. **O caminho de Avalon: os mistérios do feminino e a busca do Santo Graal**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BOLEN, Jean Shinoda. **As Deusas e a Mulher**. São Paulo: Paulus, 2013.

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. **O poder do mito**. Tradução Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

IPIA COMUNIDADE DE PENSAMENTO, Julia Myara. **Eva e Lilith - Leituras de decadência e ascensão do feminino**. Aula 2. Rio de Janeiro: Ipia Comunidade de Pensamento, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/XvYWSa6sLy0>. Acesso em: 19/08/2020.

JUNG, C. G. A aplicação prática da análise dos sonhos. In: \_\_\_\_\_. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. Obras Completas de C. G. Jung, Volume XVI/II. Tradução de Maria Luiza Appy. 9ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2012. §294 - §352.

KOLTUV, Barbara Black. **O livro de Lilith**. São Paulo: Cultrix, 1997.

LISBOA, Claudia. Lilith. In: \_\_\_\_\_. **Os astros sempre nos acompanham**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013.

MCLEAN, Adam. Exemplos adicionais de deusas tríplices de várias tradições. In: \_\_\_\_\_. **A deusa tríplice**. São Paulo: Cultrix, 1998.

PIERI, Paolo Francesco. **Dicionário junguiano**. Tradução Ivo Storniolo. São Paulo: Paulos, 2002.

PONTES, Ângela Felgueiras. Conceito de Sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **Sexualidade: vamos conversar sobre isso? Promoção do desenvolvimento psicosssexual na adolescência: implementação e avaliação de um programa de intervenção em meio escolar**. Tese (Doutorado em Ciências de Saúde Mental) – Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto, Porto, p. 23-36. 2010.

QUALLS-CORBETT, Nancy. A deusa e sua virgem: panorama histórico. In: \_\_\_\_\_. **A prostituta sagrada: a face eterna do feminino**. São Paulo: Paulus, 1990.

SICUTERI, Roberto. **Lilith a lua negra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SICUTERI, Roberto. Os planetas: as formas gráficas expressivas dos planetas – atribuição dos mitos e comparação psicológica. In: \_\_\_\_\_. **Astrologia e mito: símbolos e mitos do zodíaco na psicologia profunda**. São Paulo: Pensamento, 1998.

STONE, Merlin. The sacred sexual customs. In: \_\_\_\_\_. **When god was a woman**. Nova Iorque: Harciurt, Brace, Jovanovich, 1976.

STEIN, Murray. Energia Psíquica (Teoria da Libido). In: \_\_\_\_\_. **Jung: o mapa da alma**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2006.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Sexual and reproductive health**. WHO; 2006 [acesso em 25 Julho de 2020]. Disponível em: [https://www.who.int/reproductivehealth/topics/sexual\\_health/sh\\_definitions/en/](https://www.who.int/reproductivehealth/topics/sexual_health/sh_definitions/en/)

## KIM BINS



Astróloga formada pela Escola Claudia Lisboa de Astro, Psicóloga formada pela UFRJ, especialista em Psicologia Junguiana pelo Instituto Junguiano do Rio de Janeiro, *life coach* pelo método Vanessa Tobias e Terapeuta Floral pela Flower Essence Society. Cursou Foundations of Psychological Astrology no CPA - Centre for Psychological Astrology de Londres. Durante 6 anos, foi colaboradora dos horóscopos do jornal *O Globo* junto à sua mestra Claudia Lisboa e contribuiu com a escrita de um capítulo do seu livro “Os Astros sempre nos Acompanham”. Foi palestrante em 2014, 2019 e 2023 no Simpósio do SINARJ - Sindicato dos Astrólogos do Rio de Janeiro e em 2020 e 2021 no Circuito Online de Astrologia da CNA - Central Nacional de Astrologia. Astróloga profissional há mais de 10 anos, entre seus atendimentos, ministra palestras e cursos, é professora de Astrologia na Escola Claudia Lisboa de Astro e é Coordenadora Regional da CNA no Rio de Janeiro.

**Site:** [www.kimbins.com](http://www.kimbins.com)

**Instagram:** @kimbins

**E-mail:** [contato@kimbins.com](mailto:contato@kimbins.com)



### CAPÍTULO 3:

## A INTEGRAÇÃO PSÍQUICA POR MEIO DOS ARQUÉTIPOS DO FEMININO NA CARTA NATAL<sup>(2)</sup>

CRISTIANE BERNARDES

A leitura convencional de uma Carta Natal traz, para além do simbolismo dos signos, das casas e dos aspectos, o foco nos planetas pessoais (Sol, Lua, Mercúrio, Vênus e Marte), nos planetas sociais (Júpiter e Saturno) e nos planetas transpessoais (Urano, Netuno e Plutão). Adicionalmente, boa parte dos astrólogos menciona os Nodos Lunares e o asteroide Quíron para os clientes.

Uma metáfora que ajuda a explicar o nosso trabalho para quem nos procura descreve os planetas como atores que transitam por diferentes áreas da vida (casas) e incorporam determinadas vibrações energéticas – ou roupas, se quisermos ser bem materialistas – a partir dos diferentes signos do Zodíaco. O mapa, portanto, é um guia para que possamos localizar por onde e como a energia cósmica trafega em nós.

Sempre penso na leitura astrológica como um formato de organização do conhecimento cósmico para o autoconhecimento. Nesse sentido, conhecer o próprio mapa é um exercício de reconhecimento interno das próprias potencialidades e características. Os planetas, portanto, representam diferentes funções psíquicas presentes em todos nós.

Uma questão, contudo, que pode atrapalhar a identificação dessas energias, especialmente para mulheres e indivíduos não binários, é a concentração das mitologias trabalhadas tradicionalmente na

---

<sup>(2)</sup> Uma versão resumida deste artigo foi apresentada em formato de webinar em 26 de junho de 2021 para a International Society for Astrological Research (ISAR) com o título: “Os Arquétipos do Feminino na Carta Natal como um Caminho para a Integração Psíquica”.

leitura astrológica nos arquétipos relacionados ao masculino.

Assim, apenas dois arquétipos do feminino são comumente representados no Mapa Astrológico: Lua e Vênus, que trazem dois aspectos da Grande Deusa: mãe e amante/esposa. Ao masculino e suas diferentes facetas são relacionados, comumente, o Sol e outros sete planetas: Mercúrio, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e Plutão.

O que esse aparente desbalanceamento significa em termos psicológicos? Como é possível incorporar as demais facetas do feminino, criativas ou destrutivas, dentro do panorama mostrado na Carta Natal? Que outros arquétipos poderiam contribuir para uma maior integração psíquica entre consciente e inconsciente em todos nós?

Neste artigo, trato dessas questões a partir da consideração da Lua Negra Lilith<sup>(3)</sup> e dos asteroides Juno, Ceres, Palas e Vesta como possibilidades de aprofundamento da leitura astrológica. Argumento que tais posicionamentos colaboram para inclusão e reconhecimento dos arquétipos do feminino na psique humana, fenômeno essencial para a integridade psíquica dos sujeitos e das sociedades.

Mas antes de ver como esses arquétipos podem ser trazidos para a leitura astrológica, vejamos como ocorreu a divisão entre feminino e masculino em termos históricos, mitológicos e simbólicos.

### *Separação do Feminino*

Se é óbvio, por um lado, que as funções psíquicas humanas, em si mesmas, não têm gênero, é também inegável que vivemos em sociedades que, majoritariamente, atribuem características psíquicas diferenciadas a corpos biologicamente nascidos como homens e mulheres, sejam heteronormativos, gays, lésbicas, transgêneros, transsexuais ou, de forma ampla, não binários.

É importante explicar, neste ponto, que não associo o termo ou arquétipo do feminino às mulheres e o masculino aos homens. Em termos psicológicos, todos os seres humanos contêm em si mesmos as duas energias e todas as possíveis variações de combinações entre elas, que sempre resultam em personalidades únicas. Porém não

---

<sup>(3)</sup> A nomenclatura Lua Negra Lilith é usada pelos astrólogos contemporâneos, em geral, para diferenciar esse ponto calculado a partir da trajetória da Lua do asteroide denominado Lilith.

podemos negar a tradição histórica e cultural binária de divisão entre os sexos que nos precede.

Em relação à Mitologia que serve de base para a Astrologia Ocidental, e também para a contemporânea Astrologia Psicológica, temos uma preponderância da tradição greco-romana. Obviamente, sabemos que essas duas civilizações aproveitaram histórias e mitos bastante mais antigos para construir sua cultura filosófica. De qualquer forma, é delas que se originam não apenas o nome de cada um dos planetas, mas também o arcabouço cultural que conforma o arquétipo relacionado a cada um deles.

Um ponto relevante aqui é que os arquétipos são formações coletivas por definição, nas palavras de Jung (2016), uma vez que constituem padrões psíquicos comuns à espécie humana. Funções psíquicas correlatas dos instintos físicos, portanto, como afirma Jung:

Além disso, os instintos não são vagos e indeterminados por sua natureza, mas forças motrizes especificamente formadas, que perseguem suas metas inerentes antes de toda conscientização, independentemente do grau de consciência. Por isso eles são analogias rigorosas dos arquétipos, tão rigorosas que há boas razões para supormos que os arquétipos sejam imagens inconscientes dos próprios instintos; em outras palavras, representam o modelo básico do comportamento instintivo (JUNG, 2016, p. 75).

Ou seja, ainda que as funções psíquicas em si mesmas não tenham significados para além das possibilidades instintivas que descrevem – pensar, desejar, valorizar, agir, aprender etc. –, as imagens arquetípicas a elas relacionados carregam conteúdos culturais acumulados historicamente, sobre os quais cada civilização deposita sentidos próprios.

Além disso, e ainda mais essencial para esta discussão, é o fato de que características tradicionalmente associadas ao masculino recebem uma conotação positiva, enquanto funções psíquicas associadas ao feminino são, muito comumente, consideradas menos importantes. Como ressalta Tracy Marks (1995), a consciência lunar tem sido repetidamente negada e desvalorizada, e suas qualidades consideradas menos relevantes ou até mesmo negativas nas sociedades das quais

a Astrologia Ocidental se originou. Gregos e romanos incluídos aí, mas especialmente a tradição judaico-cristã.

Siegmund Hurwitz analisa esse ponto em termos simbólicos de forma eloquente:

Nisso, a consciência coletiva identifica-se até certo ponto com uma imagem divina, à qual correspondem os símbolos do espírito, do pai e do céu. Em contraste, Lilith representa um aspecto do inconsciente que foi desvalorizado pela atitude coletiva dominante. A ela são atribuídos os símbolos da natureza, da mãe e da terra. No processo, o primeiro ciclo de símbolos é valorizado pela consciência patriarcal dominante como predominantemente brilhante e positivo, enquanto o segundo é considerado escuro e negativo (HURWITZ, 2009, s/p, Tradução própria<sup>(4)</sup>).

Complementarmente, como ressalta Joseph Campbell, todas as divindades principais das tradições patriarcais são masculinas.

O exemplo mais extremo dessa preferência pelo masculino está no próprio Antigo Testamento, onde não há deusas. Na tradição bíblica, as velhas deusas foram simplesmente eliminadas, enquanto o que os gregos fizeram, como já vimos, foi casar o deus com a Deusa, ou fazer do deus o protetor da Deusa, ou fazer da Deusa a protetora do deus. Eles estabeleceram uma relação que os ligava, e também as suas próprias deidades, à terra e ao culto local de forma interativa (CAMPBELL, 2013, locais do Kindle 2569-2571).

Por isso, creio que seja interessante pensar na origem histórica desse processo de repressão do feminino, que encontra paralelos na mitologia e no próprio processo psicológico de desenvolvimento da consciência. Até porque, no início, não era assim. Na própria cosmologia grega, Gaia/Terra e Urano/Céu são os deuses primordiais, representando a integração entre feminino e masculino de forma bastante visível.

---

<sup>(4)</sup>Todas as citações de obras estrangeiras foram traduzidas pela autora.

Também entre os filhos da Terra e do Céu havia um equilíbrio, ainda que um processo divisivo começasse a ser realizado. Oceano, Céos, Crio, Jápeto, Hiperião e Cronos representavam os Titãs; enquanto Tétis, Teia, Febe, Reia, Mnemosine e Têmis eram as Titânides.

Porém, a partir da ação de Gaia, descontente com a impossibilidade de dar à luz aos seus filhos, mantidos presos em seu ventre por Urano, ocorre a separação entre Terra e Céu – ou entre inconsciente e consciência, psicologicamente falando. Assim, ela ajuda o próprio filho, Cronos, a castrar seu pai Urano, dando início a uma nova fase de desenvolvimento do mundo. Porque, afinal, o Tempo/Cronos/Saturno é o senhor do amadurecimento e da criação dos limites, processo que representa o nascimento da própria consciência humana.

Um novo par de opostos divinos se forma – Reia e Cronos – para dar origem aos deuses olímpicos de primeira geração, que são seus filhos: Héstita (Vesta), Deméter (Ceres), Hera (Juno), Hades (Plutão), Poseidon (Netuno), Zeus (Júpiter). Interessante perceber aqui a primazia das três filhas, na ordem de nascimento, e o papel relevante do caçula, Júpiter, que repete os passos do pai e o destrona, tornando-se o Deus dos Céus e dividindo o mundo com os irmãos Poseidon, Deus dos Mares, e Hades, Deus do Submundo.

Assim, o comentário de Campbell acima torna muito claros os paralelos históricos que a mitologia traz, com a supremacia conquistada por sociedades patriarcais e guerreiras sobre as comunidades matriarcais mais antigas. E, ao mesmo tempo, a mitologia narra de forma metafórica o processo interno de desenvolvimento psíquico e separação da consciência do todo inconsciente da psique. Como destaca Hurwitz, ao mencionar a tradição judaico-cristã envolvida no mito de Lilith:

Como resultado deste trágico desenvolvimento, o lado feminino é separado da personalidade divina. Como Deus está isolado do seu próprio lado feminino, a mente e a emoção – psicologicamente falando – não estão mais unidas de forma harmoniosa. Shekhinah, que perdeu seu lugar ao lado de Deus, agora vai para o exílio com o povo judeu. Assim, no plano divino, este evento reflete a falta de moradia de Shekhinah, e, no plano humano, a expulsão do povo judeu

de suas terras. Existem opiniões diferentes no Zohar sobre se o exílio de Shekhinah é voluntário ou se ela foi forçada por Deus a ir para o exílio com o povo (HURWITZ, 2009, s/p).

De qualquer forma, apesar da preponderância para o masculino na cultura grega, as descrições do Olimpo Grego trazem um número similar de deuses e deusas. Ainda que existam variações entre 12 e 14 personagens, a maioria das descrições inclui como deuses olímpicos: Deméter (Ceres), Hera (Juno), Poseidon (Netuno), Zeus (Júpiter), Afrodite (Vênus), Atena (Minerva), Ares (Marte), Ártemis (Diana), Apolo (Febo), Hefesto (Vulcano), Hermes (Mercúrio) e Dioniso (Baco). Héstia (Vesta) e Hades (Plutão) podem aparecer ou não, a depender da fonte.

Percebe-se, até aqui, portanto, que a complementaridade entre aspectos femininos ou deusas e aspectos masculinos/deuses estava mantida. Por que, então, durante o desenvolvimento da Astrologia Ocidental, perdeu-se esse equilíbrio?

### *Deusas antigas*

Em trabalhos anteriores, abordei a mitologia relacionada à Lua Negra Lilith e o paradoxo de sua relação com Saturno, em termos astrológicos (BERNARDES, 2019). Considero que ambos são arquétipos que falam diretamente da relação entre consciente-inconsciente, representando o masculino-feminino em termos que não são completamente captados por Sol e Lua, por exemplo.

Minha reflexão sobre os posicionamentos de Lilith na Carta Natal deve-se, em grande parte, a uma necessidade de incluir os temas relativos ao inconsciente dentro da leitura astrológica. Nesse sentido, a partir de vivências da minha própria Carta – que tem Lilith em Touro no Ascendente – e do trabalho de reflexão de astrólogas como Cláudia Lisboa e Vanessa Guazelli, apenas para citar duas brasileiras, considero insuficiente apresentar aos clientes apenas os arquétipos relativos à Lua e a Vênus.

Desde o começo de minha prática astrológica experimento com os clientes sessões de leitura do Mapa Natal com foco específico em Lilith e nos aspectos que ela forma com o restante do mapa. Percebo que essa leitura cria possibilidades de reconhecimento de aspectos importantes do feminino que não são confortáveis ou facilmente perceptíveis, tanto para

homens quanto para mulheres, binários ou não. Em termos junguianos, aspectos sombrios da personalidade podem ser tratados nessa sessão específica que, obviamente, nunca é a primeira que faço com a pessoa.

Se pensarmos numa abordagem histórica dos aspectos relacionados ao feminino, veremos que a separação entre a figura da mãe amorosa e protetora (Lua) e a mulher sedutora e apaixonada (Vênus) dividiu em duas a imagem da Deusa Primordial. Psicologicamente, não são poucos os problemas que uma divisão rígida entre essas duas imagens pode provocar, tanto para homens quanto para mulheres.

Porém a severa repressão dos aspectos considerados negativos – destrutivos e incontrolláveis – do feminino ao longo de séculos de cultura patriarcal judaico-cristã provocou uma segunda ruptura nessa imagem divina. As antigas deusas tríplices e suas fases sombrias, relacionadas à Lua Nova, foram esquecidas e Lilith tornou-se bipolar, demoníaca, de uma forma ainda mais negativa por meio da polaridade entre Anima Sedutora x Mãe terrível/ Madrasta.

Recorro a Koltuv para enfatizar que Lilith representa o nível instintivo, primal da vida, biológico, vital, relacionado à gestação e à vida dentro do útero. Como ressalta a autora, Lilith fala do “aspecto terreno da feminilidade, natural, sexual, aquele estado pulsante e esfomeado que acomete as mulheres antes de sua menstruação, quando os hormônios masculinos estão no ápice” (KOLTUV, 1986, pos. 142).

Não espanta, portanto, que seja um aspecto reprimido, uma vez que fala de características rejeitadas pelas culturas patriarcais, ainda que essenciais para a integração dos seres humanos com sua natureza instintiva. São elas: consciência lunar do tempo de nascimento e de morte; corpo, instintividade e sexualidade; conhecimento interno profético e experiência acima da lógica; Deus como mãe-criadora, natureza divina e espiritual (KOLTUV, 1986, pos. 1436).

Como informa Sicuteri (1990), o mito de Lilith contém, resumidamente, todo o processo histórico de repressão das características atribuídas a esse feminino selvagem – ou, numa perspectiva psicológica, ao inconsciente profundo. Como descreve Engelhard, “Lilith, portanto, está sempre se (re)atualizando na busca de reequilibrar, dentro do self cultural, os desvios unilaterais causados ao subjetivo, ao intuitivo, pela força repressora do dinamismo patriarcal” (ENGELHARD, 1997, p. 30).

Interessante perceber que caracterização da Lua Negra Lilith como o foco vazio da órbita lunar, ou apogeu lunar, proposta por Don Néroman na década de 30 do século passado coincide com a descoberta de Plutão, o último planeta do sistema solar. Alguns astrólogos, como Martinez (2007), atribuem a ambos características comuns, o que faz sentido se pensarmos em ambos como aspectos do inconsciente coletivo, ou arquetípico.

Apesar da primeira obra astrológica a focar Lilith datar de 1918 – “The Science of Foreknowledge” (A Ciência da Previsão), de Sapharial –, esse ponto apenas passou a ser usado com alguma frequência no final dos anos 1970. Delphine Jay publica sua obra “Interpreting Lilith” (Interpretando Lilith) em 1981 e Joëlle de Gravelaine lança “Le Retour de Lilith” (O Retorno de Lilith) em 1985, mesma época em que junguianos como Sigmund Hurwitz (1980) e Barbara Black Koltuv (1986) publicam estudos recuperando a mitologia e os significados simbólicos de Lilith na contemporaneidade. No Brasil, Sicuteri e Engelhard publicam um pouco mais tarde, já nos anos 90.

Porém, muito anteriores à definição astrológica de Lilith como o apogeu lunar, os primeiros asteroides descobertos entre 1801 e 1807 já traziam os nomes das deusas olímpicas esquecidas do bastião astrológico e astronômico. Ceres foi o primeiro asteroide descoberto – e maior, sendo considerado contemporaneamente um planeta anão por astrônomos –, seguido de Pallas, em 1802, Juno, em 1804, e Vesta, em 1807.

Apenas a título de comparação, Quíron foi descoberto somente em novembro de 1977, ou seja, mais de 170 anos depois dos primeiros asteroides. De qualquer forma, desde a década de 80 do século passado, já foi incorporado às leituras astrológicas com bastante ênfase.

Cabe perguntar por que os primeiros e maiores asteroides ainda não receberam a mesma deferência. Entre os trabalhos astrológicos que trazem esses arquétipos, citamos as obras de Demetra George e de Arielle Guttman e Kenneth Johnson.

### *Olimpianas em ação*

As efemérides dos asteroides foram publicadas por Eleanor Bach em 1973<sup>(5)</sup>, como conta Demetra George em sua obra “Asteroid

---

<sup>(5)</sup> BACH, Eleanor. *Ephemerides of the Asteroids*. New York: Celestial

Goddesses” (Deusas dos Asteroides), cuja primeira edição é de 1986. Segundo a astróloga norte-americana, o encontro com Eleanor em sua primeira conferência de Astrologia foi fundamental em sua carreira e fez com que ela começasse a pesquisar esses corpos celestes.

A autora argumenta que os asteroides mostram informações essenciais que não estão disponíveis ao astrólogo apenas com o uso dos planetas tradicionais.

Por exemplo, Ceres simboliza o papel do vínculo parental nas estruturas familiares e o desenvolvimento da autoestima como base para relacionamentos saudáveis. Vesta indica nossa necessidade de comprometimento pessoal e foco para trabalhar ou para um ideal. Juno retrata nossa necessidade de relacionamentos íntimos e nossa capacidade de nos comprometer com eles. Pallas Atena governa a capacidade da mente de criar nossa realidade e formular e alcançar nossos objetivos (GEORGE; BLOCH, 2003, p. 17, Edição do Kindle).

A partir da minha experiência pessoal, percebo que a inclusão desses arquétipos pode facilitar a identificação de características não convencionais de expressão do feminino. Em uma recente consulta de apresentação dos asteroides a uma cliente, por exemplo, percebi como foi impactante para ela a leitura de Pallas em sua Carta.

Segundo suas próprias palavras, “foi um alívio” perceber que as características de determinação, intelectualidade e disciplina fazem parte dela de forma “natural”, e não por imposição de um masculino super ou mal desenvolvido. Em seguida, ela me disse que sempre havia considerado tais características “muito masculinas”, o que lhe provocava um certo desconforto, mas que saber que elas se associam a uma Deusa lhe trouxe tranquilidade e maior aceitação.

As mulheres estão dizendo hoje: não somos apenas veículos de prazer (Vênus), ou antenas meteorológicas emocionais, totalmente dominadas por nossos ciclos menstruais (Lua). E nossa desenvoltura, nossa produtividade, nossa engenhosidade, eficiência, nossa preocupação nutricional com a vida, nossa capacidade de dedicação, nossa humanidade? (BACH, 1977, p. 3, *apud* GEORGE; BLOCH, 2003, p. 21).

Ceres, Pallas Atena, Juno e Vesta representam, portanto, “novas vozes de um feminino adormecido, recentemente ativado e que agora demanda poder, reconhecimento, justiça e igualdade em nossa sociedade” (GEORGE; BLOCH, 2003, p. 21). Interessante pensar ainda, como ressalta a autora, que essa demanda por igualdade e justiça do feminino não está restrita às mulheres, uma vez que a expressão adequada dos aspectos femininos nos homens pode ter um profundo efeito sobre suas psiques e, conseqüentemente, sobre os relacionamentos que estabelecem.

Nesse ponto, é interessante trazer as considerações de Jung ao tratar da Anima, a contraparte feminina inconsciente presente na psique dos homens. Segundo ele, ainda que na primeira metade da vida se espere que os homens se desenvolvam a partir da independência psíquica de suas mães, as realidades inconscientes não podem ser desconsideradas para sempre.

Depois da metade da vida, no entanto, a perda permanente da anima significa uma diminuição progressiva de vitalidade, flexibilidade e humanidade. Em regra geral, disso vai resultar uma rigidez prematura, quando não uma esclerose, estereotíпия, unilateralidade fanática, obstinação, pedantismo ou seu contrário: resignação, cansaço, desleixo, irresponsabilidade e finalmente um ramolissement infantil, com tendência ao alcoolismo. Depois da metade da vida deveria restabelecer-se, na medida do possível, a conexão com a esfera da vivência arquetípica (JUNG, 2016, p. 108, [147]).

Assim, homens e mulheres, independentemente de seu gênero, precisam entrar em contato com a sombra que lhes habita, e

que é constituída, em grande parte, por conteúdos e características femininas socialmente reprimidas ao longo da vida. Para colaborar com esse processo de autoconhecimento, a inclusão dos arquétipos do Feminino representados por Lilith e pelos asteroides pode ser a contribuição da Astrologia Psicológica.

No caso dos asteroides, Ceres/Deméter é a Deusa da Agricultura, que ensinou o cultivo das plantas à humanidade, e a mãe de Perséfone. Por esse motivo, ela tem ligação com o ângulo do Fundo do Céu (IC), simbolizando nossas conexões familiares e nossa capacidade de nutrir e receber alimento dos outros. Não à toa, da mesma raiz latina do nome da deusa deriva a palavra “cereal”.

Ceres representa o ciclo completo do nascimento à morte, uma vez que sua mitologia traz a criação dos Mistérios Elêusis, um dos ritos mais importantes para os gregos. Segundo George (2003), Ceres é um símbolo da função maternal, descrevendo a qualidade da experiência maternal recebida quando criança e expressada como mãe.

A Deusa da Sabedoria, Pallas Atena/Minerva, é a filha preferida de Zeus, nascida de sua cabeça totalmente adulta, com armadura e tudo. Nas palavras de Campbell, o próprio nascimento da deusa da cabeça de seu pai é um exemplo da assimilação e sobreposição das divindades femininas de outras civilizações pela cultura patriarcal grega.

Segundo o mito, a mãe de Atena era Métis, uma Titânide oceânica, a primeira mulher de Zeus e deusa original da Sabedoria. Interessante pensar na ideia do conhecimento vindo da água por meio de Métis, uma verdadeira forma de “consciência lunar”, nas palavras de Marks (1995). Por meio de um oráculo, Zeus descobre que sua mulher lhe daria dois filhos: a primeira seria sábia e poderosa, enquanto o segundo lhe mataria. Por não gostar da ideia, Zeus transforma Métis numa mosca e a engole grávida. Algum tempo depois, ao ter uma terrível dor de cabeça, Zeus dá à luz Atena, completamente armada. Em outras palavras, Atena é a própria filha do pai (CAMPBELL, 2013, Locais do Kindle 2621-2625).

Por representar a inteligência ativa e criativa da mente intelectual e estratégica, está conectada com o Meio do Céu (MC), ativando as realizações vocacionais. Segundo George, a energia reprodutiva de Vênus sobe pela Kundalini até a cabeça, pois “Pallas Atena representa o princípio da sabedoria criativa” (GEORGE; BLOCH, 2003).

Por sua vez, Juno/Hera é a Deusa do Casamento, a esposa de Zeus, e se conecta com o ângulo do Descendente (DC), simbolizando a união do feminino e do masculino por meio do relacionamento. Demetra George afirma que esse estímulo para consumir a união com o Outro diz respeito aos “ensinamentos secretos das práticas sexuais tântricas pelas quais uma relação perfeita é usada como caminho de realização espiritual” (GEORGE; BLOCH, 2003).

Campbell destaca que, apesar de ser retratada na mitologia grega clássica como a esposa de Zeus, Hera também é uma deusa muito anterior aos olímpianos, que já existia no sincretismo indo-europeu da Era do Bronze. Em tempos mais antigos, portanto, ela era uma divindade independente e mais poderosa que Zeus (CAMPBELL, 2013, locais do Kindle 2514-2516). Outro exemplo nada sutil da supressão dos aspectos matriarcais das culturas incorporadas no Ocidente.

Finalmente, Vesta/Héstia é a Deusa da Lareira e do Lar, irmã mais velha de Zeus, que era cultuada por meio do fogo sagrado mantido sempre aceso dentro dos lares gregos. Conectada ao Ascendente (ASC), Vesta traz uma natureza virginal que, nos tempos antigos, estava relacionada à integridade e completude em si mesma, indicando uma mulher que não necessitava de conexão com nenhum homem.

Segundo Demetra George, Vesta indica como podemos usar a energia reprodutiva de Vênus para autorregeneração e conexão com o próprio Self. “Vesta é o princípio do foco e do comprometimento de uso da energia criativa para uma determinada devoção e dedicação em direção a objetivos específicos e aspirações” (GEORGE; BLOCH, 2003).

De certa forma, Lilith e os asteroides aprofundam aspectos do feminino que, geralmente, estão condensados e misturados na Lua e em Vênus em uma leitura astrológica. Concordo com Demetra George sobre os benefícios que o maior detalhamento pode trazer, em termos de autoconhecimento e aceitação de aspectos do feminino até muito recentemente considerados verdadeiros tabus, especialmente para a leitura de mapas de mulheres e de pessoas não binárias.

### *Trabalho consciente*

É importante ressaltar que o trabalho com as imagens arquetípicas do feminino requer um certo nível de conscientização – de astrólogos e clientes – dessas energias, muito comumente mantidas inconscientes,

tanto por homens quanto por mulheres. Por isso, não acho que seja possível incluir esses pontos em uma primeira leitura da Carta, especialmente se for realizada em apenas uma sessão com o cliente.

Trata-se de um processo de confrontação com o feminino selvagem ou sombrio, dotado de características que sofreram um violento processo histórico de repressão, até o ponto em que houve uma verdadeira demonização dessas características, relegadas ao inconsciente profundo. Obviamente, esse aspecto de dissociação traz riscos psicológicos a esse tipo de atendimento, que não deve ser feito de forma superficial.

Engelhard (1997) lembra que a figura da Bruxa foi a mais “gritante” personificação de Lilith que o homem já criou, em um momento histórico – a Idade Média – em que os instintos naturais passaram a ser obsessiva e sanguinariamente reprimidos e perseguidos em nome de crenças religiosas e políticas (ENGELHARD, 1997, p. 31). Segundo a autora, em concordância com Sicuteri, o mito de Lilith representa o nível mais antigo e primordial do arquétipo da relação homem-mulher, exatamente por trazer à tona elementos inconscientes e instintivos do humano.

Lilith é esta mulher da primeira vez, que cheia de saliva e sangue, assusta Adão. Esse sangue se relaciona ao aspecto fisiológico, vital, instintivo do ser feminino, o seu aspecto carnal, o sangue menstrual. É a sexualidade livre de tabus e proibições, que pode ser vivida mesmo durante o período menstrual. Quanto à saliva, é uma secreção erótica de caráter claramente sexual, que se extravasa no beijo profundo, essa troca espiritual, vital entre os seres (ENGELHARD, 1997, p. 32).

A perseguição patriarcal contra o feminino continua se expressando em nossas sociedades, haja vista os números alarmantes de casos de violência – física, psíquica, financeira, política, religiosa etc. – contra mulheres. Ainda que as bruxas tenham deixado de ser queimadas vivas em praça pública há alguns séculos, ainda presenciamos, cotidianamente, a culpabilização das vítimas em casos de estupro e feminicídio e as diferentes formas de justificação obtidas pelos agressores.

Assim, se a Sombra, (a Anima ou o Animus) conforma uma esfera de energia vital e instintiva de criação, nossa aproximação

consciente com esses aspectos psíquicos precisa levar em conta que estamos em contextos sociais nos quais há uma divisão entre mente e emoção, um embate entre opostos, uma fissura entre razão e instinto. Isso explica o movimento contemporâneo de recuperação do mito de Lilith pela Psicologia Analítica e também a incorporação desses corpos celestes no arcabouço astrológico.

A supressão do feminino instintivo pode ser devastadora para o indivíduo, como destacam vários dos autores trazidos nesta reflexão. Por isso, o processo de integração entre masculino e feminino colabora não apenas para a saúde mental dos nossos clientes, mas também para a saúde emocional da sociedade como um todo.

Lembrando o que Marks pondera, “o redespertar da consciência lunar é necessário tanto para a sobrevivência física como para a emocional”. A autora prossegue o alerta: “dissociados do alimento dos nossos instintos e do nosso espírito, fora de sintonia com a natureza interior e exterior, nós nos destruimos e destruimos o mundo à nossa volta” (MARKS, 1995, p. 17).

Hurwitz, que também analisa a questão da integração entre as polaridades feminino-masculino de um ponto de vista psicológico, concorda com a necessidade desse movimento consciente de diálogo com a Anima lilithiana.

Em termos psicológicos, essa Anima puramente natural e instintiva tenta várias vezes se aproximar de um homem, ou seja, forçar seu caminho para uma consciência que ela sente que deve absorvê-la. Como inúmeras outras figuras animadas que aparecem para nós em mitos, contos de fadas e lendas, como as melusinas, ninfas, sirenes e ondines, Lilith também tenta se associar com os humanos. Só assim – ou seja, psicologicamente falando, aceita por uma consciência receptiva e firme, ela pode ser ‘liberada’, ou seja, transformada (HURWITZ, 2009, s/p).

Para além da identificação e aceitação dessas energias em nós mesmos, o que pode ser auxiliado com a leitura da Carta, Jacobs (2008) recomenda algumas estratégias práticas para nos reconectarmos com esse feminino selvagem e instintivo, representado de forma muito aguda por Lilith, mas que também encontra ressonância nos asteroides:

- Aceitar o corpo como ele é e deixá-lo fazer o que ele tem que fazer;
- Honrar e acreditar no instinto;
- Honrar e deixar a natureza instintual rude sair;
- Cultivar autonomia;
- Trabalhar pela igualdade entre os papéis de gênero e pelo equilíbrio entre feminino e masculino;
- Lutar para deixar situações que não são justas, a fim de manter o autorrespeito.

Nesse sentido, o autor concorda com as ponderações de Jung:

Uma vez que os arquétipos são relativamente autônomos como todos os conteúdos numinosos, não se pode integrá-los simplesmente por meios racionais, mas requerem um processo dialético, isto é, um confronto propriamente dito que muitas vezes é realizado pelo paciente em forma de diálogo. Assim ele concretiza, sem o saber, a definição alquímica da meditação, como *colloquium cum suo angelo bono*, como diálogo interior com seu anjo bom (JUNG, 2016, p. 62).

Se pudermos colaborar para que esse processo de diálogo com nossos anjos e demônios internos se realize na vida de mais pessoas, contribuiremos para a melhor compreensão da Natureza humana e sua reconexão com o Cosmos. Que, afinal, é um dos objetivos centrais da Astrologia.

## *Referências*

BERNARDES, Cristiane Brum. **Saturno & Lilith** - Paradoxo essencial a serviço do desenvolvimento psíquico III. Publicado em: 31 jan. 2019. Disponível em: <https://cronicasuranianas.com/2019/01/31/saturno-lilith-paradoxo-essencial-a-servico-do-desenvolvimento-psiquico-iii/>

CAMPBELL, Joseph. **Goddesses: Mysteries of the Feminine Divine**. (The Collected Works of Joseph Campbell Book 6). New York: Joseph Campbell Foundation, 2013.

ENGELHARD, Suely. O renascer de Lilith. **Junguiana**. Revista Brasileira de Psicologia Analítica. Nº 15, dez. 1997, p. 28-41.

HURWITZ, Siegmund. **Lilith** - The First Eve: Historical and Psychological Aspects of the Dark Feminine. 3ed. Zurich/ Switzerland: Daimon Verlag, 2009.

GEORGE, Demetra; BLOCH, Douglas. **Asteroid Goddesses**. 1<sup>st</sup> ed. Lake Worth/FL: Nicolas-Hays, 2003.

GRAVELAINE, Joëlle de. **Le Retour de Lilith**. La Lune Noire. Paris: L'Espace Bleu, 1985.

GUTTMAN, Arielle; JOHNSON, Kenneth. **Mythic Astrology Applied**. Personal Healing through the Planets. St. Paul/MN: Llewellyn, 2004.

JACOBS, Tom. **Lilith: Healing the Wild**. GNU Free Documentation License, 2008.

JAY, Delphine Gloria. **Interpreting Lilith**. 2<sup>nd</sup> ed. Tempe/AZ: American Federation of Astrologers, 2010.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11ed. Obras Completas, Vol. 9/1. Tradução Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

KOLTUV, Barbara Black. **The Book of Lilith**. Lake Worth/FL: Nicolas-Hays, 1986.

LISBOA, Cláudia. **Os astros sempre nos acompanham**. Um manual de Astrologia contemporânea. Best Seller: Rio de Janeiro, 2013.

MARKS, Tracy. *A Astrologia da Autodescoberta*. 10ed. São Paulo: Pensamento, 1995.

MARTINEZ, Raul V. **Lilith, a Lua Negra**. *Constelar*, edição 111, setembro de 2007. Disponível em: [https://www.constelar.com.br/constelar/111\\_setembro07/lilith1.php](https://www.constelar.com.br/constelar/111_setembro07/lilith1.php)

PAIM, Vanessa Guazzelli. **Black Moon Lilith in Taurus** - Embodying the Impossible. Palestra proferida para a Cosmic Intelligence Agency em 18 de outubro de 2020.

SICUTERI, Roberto. **Lilith – A Lua Negra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

## CRISTIANE BERNARDES



Astróloga formada pela UNIPAZ-DF, pela Escola de Astrologia de Brasília e pela Mercury Internet School of Psychological Astrology (MISPA), de Londres. Apaixonada pelo simbolismo de Lilith e pelos temas astrológicos relativos à integração entre feminino e masculino, mantém o blog *Crônicas Uranianas*, assim como os perfis com o mesmo nome nas redes sociais. Especialista em Psicologia Junguiana pelo IJEP, jornalista e professora de Comunicação & Política.

**Blog:** <https://cronicasurianas.com/>

**E-mail:** [cronicas.urianas@gmail.com](mailto:cronicas.urianas@gmail.com)

**Instagram:** @cronicasurianasastro

**Facebook:** /cronicasurianas

## CAPÍTULO 4:

# SEXO, GÊNERO, BIOLOGIA, PSICOLOGIA E ASTROLOGIA NOS NOSSOS ESTILOS DE VIDA E EM NOSSAS RAÍZES CULTURAIS

LUIZ ALFREDO VASCONCELOS

A Astrologia teve suas origens no entendimento dos ciclos da Natureza, em todos os sentidos. Pares de Opostos estão representados em todo o funcionamento tanto do símbolo zodiacal quanto no nosso corpo, p.ex., para a alimentação temos a *Boca* (*associada a Touro*), a porta de entrada. Depois de um processamento no nosso interior, com digestão (Câncer), análise e seleção nos intestinos (Virgem), tudo acaba sendo encaminhado a um lugar onde “aquilo que não nos serve” encontra a porta de saída, o *Ânus* (*Escorpião*). A interpenetração entre as Polaridades (como padrões de ações da energia Psíquica) aqui tem mais um exemplo prático, pois para a Respiração (Gêmeos) a boca é tanto porta de entrada quanto de saída. Inspiração e expiração são tão (ou até mais) essenciais à sobrevivência quanto a alimentação. A boca, no sentido centrífugo também é uma via de expressões menos “educadas”, como o arroto, o vômito p.ex. O coração (Leão) notabiliza-se por integrar tanto as Polaridades de expansão quanto as de contração, servindo como exemplo de Integração de Polaridades Opostas. Já o ânus, no sentido introvertido e receptivo oferece bem menos opções de inversão de Polaridades.

Na nossa *Boca* estão representadas experiências humanas que possuem correspondências com componentes emocionais e sentimentais de nossa vida. Experiências como “posse, atração, apego, começo, garantia, segurança”, de um lado. Do outro lado, no *Ânus*, está o seu oposto manifesto em “perda, repulsa, desapego, fim”. Muitas pessoas sofrem pelo exagero tanto de “um lado” quanto do outro.

Olhos, ouvidos, pulmões, braços, pernas e hemisférios cerebrais aos pares configuram um corpo individual que é de alguma forma idêntico aos dos outros, diferenciando-se tão somente pelos caracteres sexuais secundários, fisionomia e impressões digitais. No corpo humano, a inesgotável ressonância entre o plano Coletivo e o plano Individual está representada.

Pares de Opostos estão entranhados em absolutamente tudo, tanto no que somos quanto no que experimentamos. Paralelos se manifestam tanto no individual quanto no coletivo de todas as espécies, pois todos, indistintamente, somos expostos desde sempre a padrões repetitivos. Desse modo, a espécie humana desenvolveu padrões de respostas para a sobrevivência e a permanência no Tempo.

A Natureza desenvolveu-se em um tempo histórico extenso. Nossa espécie está construída por sistemas diferenciados e cada vez mais complexamente organizados, guardando algumas relações íntegras com a necessidade de continuar existindo para além dos opostos “Vida e Morte”. Todos nós, integrantes desse processo vivo, sofremos a mesma determinação.

A Vida nos indivíduos é transitória, a Morte sempre está no horizonte de todos e as diferentes espécies contornam esse fato através da procriação, sexuada ou assexuada. Todas as espécies neste planeta oscilam entre esses Pares de Opostos, todas apresentam especializações e adaptações a aspectos específicos dentro do espectro das Polaridades. Adaptações de todos os tipos acontecem no exercício do fenômeno “Vida” do qual somos filhos.

A biologia, p.ex., divide os seres vivos em dois instintos fundamentais: *Agressão* (expansão/centrífuga) e *Inibição* (contração/centrípeta). Esses são exemplos de Polaridades Complementares.

O instinto de alimentação também cumpre papel de relevada importância moldando instintos, afetos e tendências. A importância do instinto sexual é enorme, mas não considero válido atribuir a ele uma superioridade sobre os outros instintos. Sob o ponto de vista da espécie, sobreviver é a meta principal e isso envolve tudo em um só processo.

Estes são alguns poucos exemplos de *Pares de Opostos Complementares* que são integrantes básicos da natureza em geral:

Polaridade Masculina	Polaridade Feminina
Atração	Repulsão
Apego	Desapego
Separação	União
Extroversão	Introversão
Expansão	Retração
Extensão	Contração
Autonomia	Cooperação
Agressão	Timidez
Atividade	Passividade
Elétrico	Magnético
Diurno	Noturno
Potência	Impotência
Ação	Reação
Explicação lógica	Compreensão
Individual	Coletivo
Comando	Obediência
Independência	Dependência

Eles se apresentam combinados das mais inesperadas maneiras, com matizes igualmente variáveis, ao mesmo tempo em que guardam entre si alguma espécie de simpatia ou antipatia natural. Por exemplo, se em uma pessoa aparecem combinadas as Polaridades como o “apego” e a identificação com a “agressão/poder” podemos derivar efeitos na pessoa como a ambição, a avareza ou mesmo o ciúme. Se somarmos “individual” com “separação” e a “autonomia” podemos estruturar o que se entende como “egoísmo”.

Qualquer Mapa Astrológico é constituído de oposições, complementações, harmonias e desarmonias, pois é uma descrição detalhada do funcionamento do ciclo anual do Sol e traduz uma revelação e uma sabedoria a respeito dos ciclos naturais de que somos todos constituídos.

Podemos acabar, desde a tenra infância, identificados com alguns particulares dos Pares de Opostos e assim construímos uma noção do que somos e do que não somos, do que gostamos e do que odiamos, do que nos atrai e do que nos traz uma repulsa. Não cabe a culpa ou a autorrecriminação com relação a nossas Identificações pessoais, pois elas são uma mistura de tendências inatas e adaptação ao meio ambiente e familiar que ocorrem nos primeiros anos de vida. Antes de sermos

capazes de ter algum pensamento e imagem mais individual, essas Identificações já estarão entranhadas em nosso funcionamento inconsciente com bases emocionais e códigos de valor. Identificações pessoais exageradas trazem os defeitos inerentes a cada tipo de Identificação.

É interessante notar que os assim chamados “defeitos”, nas manifestações dos Opostos, nascem, quase sempre, do exagero na expressão das Polaridades. Estamos envoltos, por todos os lados, por “ismos”. Se associarmos “dar um fim” com a polaridade “agressão”, podemos derivar o desejo de exterminar aquilo que porventura nos incomode – algo muito comum no momento cultural que vivemos. Podemos discutir a origem e o processo que abastece a radicalidade e o extremismo atuais. A Origem está na existência de opostos e o processo está descrito no modo como nos diferenciamos, quase sempre quebrando os pares de Opostos e ficando sintonizados com um lado e em dissonância com o outro lado do Par.

Conosco o que se passa com relação a Polaridades é que podemos nos diferenciar como pessoas, p.ex., apegadas ou desapegadas, iniciadores ou finalizadores, com cada diferenciação provocando especializações e criando tipos de padrões de resposta diametralmente opostos. O Mapa Astrológico pode nos dar pistas do “caminho da energia psíquica” que nos leva a ter Identificações com esta ou aquela Polaridade. Isso é muito marcante na questão da Identificação psicológica e emocional com este ou aquele aspecto do existir humano. Também pode compor o principal fator motivante de todas as nossas escolhas em todas as áreas da vida. Não cabe julgamento moral ou de valor se o leitor se alinha no contingente dos Opressores ou no dos Oprimidos. Não cabe responsabilidade pessoal enquanto o indivíduo não despertar para os alcances e os limites de suas Identificações inconscientemente enraizadas em sua atitude diante da vida. O despertar para a consciência das Identificações pessoais traz a possibilidade de uma conscientização e o indivíduo aos poucos deixa de ser comandado e condicionado por elas. No geral, o que parece não natural nem saudável é a especialização, a fixação e a repetição inconsciente de algum padrão, sempre o mesmo.

*Ao nos Identificarmos com um conjunto específico de Polaridades, acabamos (emocionalmente) selecionando padrões de resposta que serão considerados por nós como “preferíveis” e rejeitando outros padrões de resposta como indesejáveis. Criam-se simultaneamente as tendências dominantes*

*sobre a Personalidade e a composição da Sombra Pessoal. Nesse processo concorrem tanto as disposições inatas quanto as adquiridas pelo contato e relacionamento com o meio ambiente físico e cultural. Não podemos esquecer também o fator determinado pela Epigenética, ou seja, a possível e visível influência dos ancestrais na composição de nosso molho genético pessoal. Parece que a Natureza que herdamos tem olhos para o que foi a vida dos ancestrais naquele meio ambiente antes mesmo que nossa vivência pessoal possa se configurar.*

Para viver em um mundo civilizado repetitivo, habitual, previsível e estruturado, desenvolvemos uma espécie de “robô de pensamento binário” pleno de rotinas de todos os tipos. Mas este não representa, nem de longe, a totalidade das habilidades adaptativas de nosso organismo e de nosso sistema nervoso. Não manifestamos a totalidade das possibilidades que nossos mapas astrológicos pressupõem. Todos nascemos e crescemos em um ambiente cultural que se independeu, até certo ponto, da Natureza propriamente dita. Todos recebemos diferenciações através do nosso molho genético herdado dos ancestrais familiares.

O mundo civilizado é construído de especializações típicas de um ambiente urbano e culturalmente condicionado. As diferenciações nas Identificações ocorrem em todos os aspectos da vida e da Personalidade. Todos podemos observar que existem pessoas mais “quentes” e pessoas mais “frias”, “agressivas” ou “tímidas”, “secas” ou “úmidas” etc. Temos uma avaliação subjetiva dessas Polaridades nos outros.

Nesta reflexão, o mais importante está na demonstração dos movimentos intensos entre os Pares de Opostos e qualquer aparência de estar tomando um partido e de ser valorativo é falha no nosso mecanismo de comunicação: as palavras.

Preciso acentuar que vou me referir a palavras como Masculino e Feminino, como **Polaridades**, que estão presentes em machos e fêmeas nas mais variadas proporções, sendo independentes do binômio sexo (macho e fêmea), pois encontramos Machos/Masculinos (MM) e Femininos (MF), temos Fêmeas/Femininas (FF) e Masculinas (FM). Mesmo reconhecendo que há uma analogia natural entre Polaridades e Sexos, demonstrarei que no plano das Polaridades existe uma autonomia com relação ao corpo e seus sistemas<sup>(6)</sup>.

---

<sup>(6)</sup> Advertência: vou sempre usar (para nossa reflexão sobre os efeitos) apenas uma

*A observação aponta que a identificação pessoal com um gênero ou a preferência sexual (heterossexual ou homossexual) se demonstra como independente das categorias como sexo, masculino e feminino*

Aquilo com que nascemos, como tendência inata, também condicionados pelo nosso DNA, sofre uma pressão cultural e familiar para direções que nem sempre consagram ou favorecem a expressão de nossa vocação e estilo pessoais. Somos fruto dessa mistura adaptativa, entre o herdado e o condicionado, entre o estrutural e o circunstancial, mas Polaridades estão em tudo, dentro e fora de nós. Somos construídos de Identificações inconscientes, algumas estruturadas pela relação com o meio familiar e cultural e outras com as quais nos identificamos desde os primórdios de nossa vida pessoal.

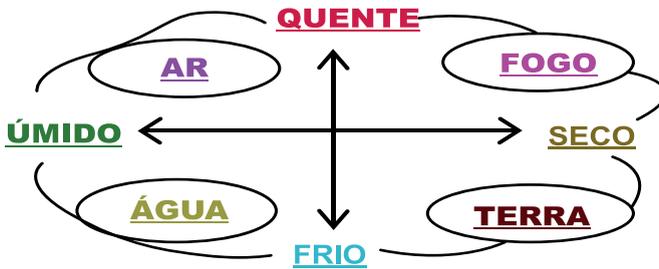
Se observarmos os ciclos presentes em nosso planeta, veremos que as estações do ano, p.ex., obedecem a uma oscilação entre os Opostos como Luz/Escuridão, Quente/Frio, Úmido/Seco. Toda a Natureza se adapta a essas oscilações de modo intrincado e complexo. A oscilação entre Pares de Opostos está presente em tudo. É democrática a alternância entre Poderes, mas temos que lembrar que, no plano coletivo, uma alternância pode demorar séculos e até milênios para se produzir.

As Qualidades Fundamentais de Quente, Frio, Seco e Úmido estão disseminadas em tudo. Em nosso íntimo, no Inconsciente, estão representadas todas as predisposições de adaptação da espécie sem diferenciações individuais.

Na tradição filosófica, sempre foram associados atributos à mãe Terra, a Pachamama, a Gaya, sendo atribuída uma Alma ao nosso Planeta, assim como a todo ser vivo, uma aura vital, uma existência no plano da energia. Isso sempre aconteceu, em muitas civilizações e culturas, tanto no oriente quanto no ocidente. A construção e funcionamento dos fenômenos físicos pela interação entre os Quatro Elementos não parecem ter sido “inventados”, e sim “descobertos” pelo ser humano. No nosso planeta, estão manifestos os Quatro Elementos em diferentes proporções.

---

ou duas Polaridades combinadas e sempre vou acentuar e exagerar o resultado para tornar mais notórias as influências. Não tomem isso como algum tipo de julgamento a respeito de qualquer pessoa que esteja sofrendo pelos exageros advindos da separação ou divisão entre os Opostos. Todos somos muito inconscientes dessa divisão e suas consequências em nossas vidas.



Na antiguidade clássica, o Elemento Terra, na sua cooperação com o Elemento Água compoemdo o mundo natural, sempre teve as qualidades e as atribuições da Polaridade Feminina.

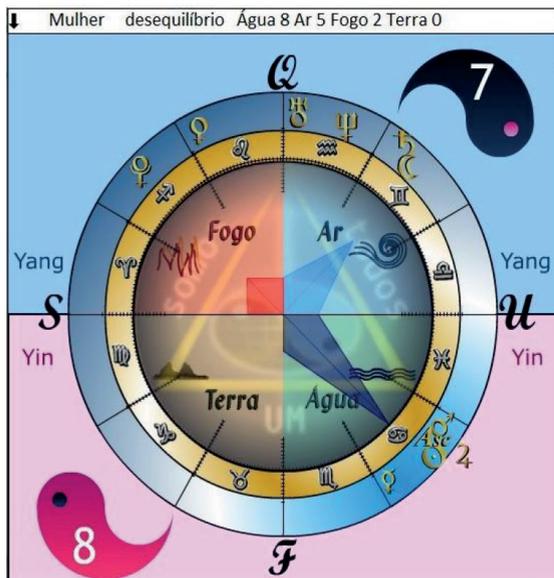
Ao Céu, nas concepções orientais, tanto quanto nas ocidentais, sempre foi atribuída a Polaridade Masculina, o Espírito, o Criador... Sendo o Masculino/Yang ativo/gerador e o Feminino/Yin passivo/receptivo.

O livro das Mutações, o “I Ching”, demonstra o quanto de compreensão da Natureza se pode conseguir na elaboração das interações entre Polaridades complementares. Essas atribuições de Polaridades *não possuíam qualquer noção de valor, maior ou menor*, para qualquer lado, e sim traduziam uma compreensão de que cada lado, sem o outro, não funcionaria, não estaria completo, não haveria movimento nem oscilação e não teríamos o mundo que conhecemos como resultado. O “mundo” é fruto da interação entre os Pares de Opostos complementares.

Essa compreensão dos Pares de Opostos, pelos “antigos” criava *um caminho para a sabedoria e o desenvolvimento da consciência humana como integrada ao Todo das forças que trabalham na nossa realidade vivida.*

Então, alguém com um Ascendente em Peixes e o Sol em Escorpião (portanto com predomínio das Polaridades “Úmido/Frio” do elemento Água), pode nascer em uma família de princípios rígidos, tradicionalista, materialista, cética e pouco afeita à arte, descrente de tudo que não esteja manifesto no mundo físico e na existência material. Essa possível família, aqui descrita com Identificações com o Elemento Terra, traduz para a criança seus próprios condicionamentos. Isso ocorre com todas as gerações, desde sempre. Esse ser ali nascido, predisposto à arte, misticismos, imaginação fértil etc.

vai ter dificuldade de se firmar em um mundo, digamos, mais frio, descrente com relação às forças psíquicas e espirituais.



O exemplo acima é o de uma mulher, com o Ascendente apontando o Elemento Água, composto das Qualidades Frio e Úmido. A carência de Terra, a posição do Ascendente e o predomínio de Água, provavelmente influenciará na Personalidade tornando-a emotiva, sensível, introvertida, muito ligada à família e ao lar, subjetiva, fantasiosa, imaginativa, apreciando ficar passiva e em estado de relaxamento. Uma Personalidade intimista e emotiva pode ser o efeito do Elemento Água na Personalidade. Essa mulher sofrerá se exposta a um ambiente “aterrado”, por assim dizer, com visões e concepções muito “pedestres” a respeito de tudo.

Todos refletimos esse choque entre tendências naturais e o modo de vida no momento histórico em que nascemos. O astrólogo precisa conferir maior importância, em suas interpretações, ao choque entre o Mapa Astrológico e o meio ambiente onde nascemos.

*Vivemos e crescemos muito dependentes do que se chamaria Aceitação ou de Rejeição para com nossas predisposições de Ser.*

A Personalidade humana é fruto do conflito e/ou da harmonia entre o que é Pessoal e o que é Coletivo/Família.

Tipicamente o ego humano separa e divide o Par de Opostos se identificando com um lado (o preferido) em detrimento do outro. Desde muito cedo sabemos o que agrada e o que não agrada aos nossos parceiros de jornada, em especial à família nos primeiros anos de vida. Esse fenômeno pertence mais ao plano individual e às circunstâncias da vida pessoal do que a determinantes coletivos. Antes de termos uma consciência de nós mesmos (e um pensamento mais diferenciado), imitamos inconscientemente tudo que nos chega através da experiência com os mais adultos.

No Mapa Astrológico, podemos calcular para cada indivíduo qual proporção ele carrega quanto às Polaridades, assim como o predomínio ou carência de qualquer Elemento. Porém a Astrologia não é suficiente para descrever o processo como o Ego humano se diferencia e se adapta ao mundo. A Psicologia precisa nos ajudar a entender o que acontece. E então temos que conscientizar o processo de nossas Identificações egoicas com estes ou aqueles Pares de Opostos naturais. Na adaptação pessoal à vida cotidiana, criamos quebras nos Pares de Opostos naturais.

*Do TODO do mapa astrológico, podemos desenvolver uma síntese das Identificações do nativo para com uma ou outra tendência de ser, agir, pensar etc. Porém todos os signos e planetas precisam ser levados em conta e não apenas o signo solar ou o Ascendente em particular.*

Outro exemplo, porém mais adaptável e síncrono com o Pensamento da Época: um predomínio de Terra (fria/Seca), especialmente se este for o Elemento presente no Ascendente, influi sobre a Personalidade da pessoa. Que tenderá a ser do tipo “pé no chão”, perceptiva, organizada, racional, rotineira e repetitiva. O efeito do signo de Capricórnio na Personalidade (ASC) pode induzir a um estilo controlador, que procura agir apenas quando se sente seguro e que tem um jeito analítico, estruturado e, portanto, mais lento de decidir a respeito de tudo. De modo genérico, o Elemento Terra é metódico, habitual, lento, tendendo para a inércia e para a reação ao invés da ação.



despertar para a consciência de que os outros não funcionam de modo igual, o que nos ajuda a perceber e aceitar que o nosso estilo de ser é apenas um dentre muitos. Isso raramente costuma se oferecer antes dos 28 anos de idade, quando já se instala alguma maturidade na personalidade, mas não se pode afirmar isso como uma regra, e sim como uma possibilidade. O que sabemos é que envelhecer é obrigatório e amadurecer é opcional.

O que muda na maturidade é que acabamos por nos render ao fato de que os outros não se expressam nem se comportam como nós, manifestando formas diferentes de ser e de responder ao meio ambiente. Paramos de funcionar em termos de comparação com os outros. *Então começamos a relativizar o nosso estilo e isso pode fazer voltar o foco da atenção consciente para nós mesmos.*

Aquilo que sempre fomos, nessa hora, relativiza-se, e o nosso eu costumeiro, nosso estilo pessoal passa a ser percebido como um dentre muitos. Passamos a conviver com o fato de que os outros podem não ser nem mesmo parecidos conosco. O auge desse processo de descoberta é a aceitação dos Outros através da compreensão e do Amor. Essa percepção também pode se voltar para nosso próprio mundo íntimo e expor, à luz da consciência, alternativas antes vedadas e envoltas em proibições, medos, preconceitos e censuras (A Sombra Pessoal). Só então se torna possível a percepção incômoda de que somos fruto de várias quebras nos Pares de Opostos, que motivam Identificações Parciais dos nossos Egos e que há muito mais a conhecer (e muito mais a descobrir e a desenvolver) tanto em nós mesmos quanto nos relacionamentos com os outros e o mundo em geral. As nossas “Sombras Pessoais” são vistas como algo fora de nós, não nos pertence e nós projetamos nos outros os conteúdos nela presentes.

A Astrologia nasceu como uma complexa forma de colocar todas as forças naturais conhecidas dentro de um mesmo processo, seguindo um modelo similar ao da Vida neste planeta. O Todo da Natureza e do Homem foi então representado dentro de um círculo a que se chamou Zodíaco.

A representação em um círculo demonstra o processo de alternância e repetição dos Pares de Opostos. A funcionalidade da Astrologia veio da compreensão dos ciclos, oscilações e ritmos presentes em tudo. A observância do processo natural, nas tradições e

conhecimentos transmitidos por gerações, é irrepreensível. Nesse sentido, a natural Religiosidade humana nutre Amor pela Mãe Terra e pela Mãe Água, nutre Respeito e Reverência pelo Pai Ar e pelo Pai Fogo. A experiência da Religiosidade representa nossa possibilidade de viver uma Integração com o Todo.

Quando falo em Religiosidade, não confundam com religião, seita ou instituição humana, falo de uma experiência de sentimento, reverência, fé, confiança em um porvir, reconhecimento de algo misterioso que embasa o que chamamos de Vida, Natureza ou Universo. A Vida em nós é também a coragem de buscar realizar sonhos, vontade de compreender paradoxos ou mistérios, exercer uma intencionalidade, ser expressão de vitalidade e um desejo de despertar como consciência...

Naqueles tempos do poder religioso, não demorou muito para que (removidas do poder as autoridades antes instituídas) *outros poderes se encastelassem nas instituições para ditar paradigmas conceituais e intelectuais (céticos e materialistas)*. De modo absolutamente igual, passaram a perseguir e condenar todos quantos não pensassem como eles. Banida do pensamento se tornou a metafísica, a religiosidade, a astrologia e outros poderes relacionados a funções cerebrais alternativas. Houve uma progressiva inversão de valores, mas é muito relevante notar que *o fundamentalismo e a radicalização continuaram intocados, funcionando do mesmo modo, ainda que as Polaridades envolvidas tenham se invertido*.

As grandes instituições humanas também constroem e sustentam uma Sombra.

***Qualquer perspectiva científica ou filosófica que se encastele no poder institucional de qualquer estrutura patriarcal, tendo tempo para isso, demonstrará o mesmo prejuízo para a evolução do conhecimento humano e perseguirá os grupos dissidentes de mesmo modo.***

*A única coisa que se modifica são os pontos de vista diferentes, da parte substituta da anterior, mas, com o tempo, as pessoas capazes de ditar regras e regulamentos farão o mesmo que seus antecessores, só que em defesa de valores opostos.*

A atitude totalitária do pensamento unipolarizado não se altera. É devido a essa característica que tenho que acentuar os aspectos históricos dos tempos atuais para que se possa ao menos

relativizá-los. As instituições sociais de bases radicais são discriminatórias e preconceituosas.

Mais recentemente tivemos ótimos exemplos disso nas instituições político/sociais: o nazismo, o fascismo, o capitalismo, o comunismo e todo tipo de “ismo”, como o “direitismo” e “esquerdismo”. A incompreensão para com o TODO é a regra desses processos. Notemos que Lao Tze não era taoísta, Maomé não era muçulmano, Buda não era budista, nem Jesus era cristão.

O fundamentalismo não é moderno, sempre existiu e agiu do mesmo modo. Os mártires de hoje existem e estão igualmente sendo discriminados. Em outras religiões, outros povos, o mesmo aconteceu e acontece. Todos esses eventos, repetidos ao longo da história, aliam-se às guerras santas ou profanas em seus mesmos objetivos: eliminação dos dissidentes e contrários. Não é nova a compulsão humana de se livrar de tudo aquilo que considera inaceitável. Cada pessoa e cada grupo humano age da mesma forma com relação às Polaridades com as quais não se identifica.

*É interessante notar que cada facção se comporta como iluminada pela Luz e lutando contra a Escuridão.*

Essa Polarização hoje no Brasil ocupa destaque em tudo e em todos, gerando dissidências nos casais, nas famílias e em todos os aspectos da vida em comum.

Até mesmo a objetiva ciência moderna, ao se encastelar no poder, criou paradigmas entendidos como inquestionáveis, alicerçados nas conquistas da física experimental, fundamentados pela visão Newtoniana e cartesiana. Todos nós, indistintamente, somos beneficiados por inúmeros frutos positivos da Ciência voltada ao domínio do mundo físico e temos que ser muito gratos por todos os avanços conseguidos. *O que discuto aqui é a Polarização, e não a Ciência em si, que, aliás, tem no seu ventre as mais variadas vertentes.* O que demonstro aqui, para efeito da nossa reflexão, é o predomínio de específicas atitudes que se tornaram componentes distintivos da Ciência moderna. A negação da atitude filosoficamente unicista da Astrologia é um exemplo marcante disso.

*São, todos esses, exemplos de um patriarcado no poder e que reprime a presença e o sentido do Par de Opostos Negado, o que nos obriga a lembrar da Polaridade Feminina, sempre empurrada para a Sombra Coletiva*

*das instituições patriarcais. Não são apenas as mulheres que sofrem repressão, mas o Feminino, como Polaridade, tanto em homens quanto em mulheres, indistintamente.*

***Somos frutos das escolhas de nossos ancestrais a respeito dos rumos a seguir no processo coletivo. Somos todos sensíveis e responsivos ao Pensamento da Época. Em nossa vida pessoal, não podemos ficar esperando que os conflitos coletivos tenham solução.***

A Consciência Integrativa, nome que estou dando a uma capacidade de visão do Todo, pode se confrontar com desafios desses tipos, que se oferecem a toda a humanidade, pois, na vida pessoal, eles igualmente se apresentam para ser compreendidos e resolvidos. Essa função psicológica promove a paz entre os contrários e ameniza a radicalização entre contrários. Nossa responsabilidade é máxima. Entre a Personalidade egoica e o Inconsciente estamos nós. E não podemos ficar passivos esperando que o mundo melhore por conta de oscilações e inversões de valores, concepções e filosofias nos processos coletivos. Ciclos como esses são transpessoais em sua essência. Nosso curto tempo de vida não nos permite ficar esperando por mudanças nos processos coletivos. Compreendendo o que se passa, através de nossa Consciência podemos implementar mudanças em nossas ações pessoais. Esse é o limite e, ao mesmo tempo, o alcance de nossas ações individuais. ***Uma massa crítica de seres despertos do transe atingirá o limiar de influir em uma mudança coletiva.***

Uma função Integrativa, se ativada em nós, tem que abrir olhos para a quebra nos Pares Opostos que ocorreu (e continua a ocorrer) no plano individual e pessoal. Ela precisa representar uma função que se situe entre o meio externo (coletivo) e o meio íntimo (Individual), tendo olhos para ambos os lados. Essa função de equilíbrio atua dentro dos confrontos naturais (entre Opostos) buscando evitar que se transformem em conflitos. Pode demonstrar firmeza, que não é o mesmo que uma rigidez. Pode encontrar caminhos de solução para as diferenças de opinião demonstrando uma visão a respeito de tudo que está envolvido. Pode ser uma alternativa de solução entre pontos de vista aparentemente inconciliáveis. Pode também cuidar para que paradoxos sejam solucionados sem desembocar em radicalismos e arbitrariedades. Do mesmo modo, no âmbito psicológico individual, essa função tem que se localizar entre o Ego e a Sombra Pessoal, sendo um caminho para o contínuo aperfeiçoamento do indivíduo ao longo

do Tempo. Não somos apenas Macho e Fêmea, não somos apenas masculino e feminino, não nos limitamos a ser hétero ou homossexuais.

Nos dias de hoje, a imperativa dominação da mídia e das redes sociais (escrita e falada) configura uma espécie de hipnotismo de massa, uma psicose coletiva, uma epidemia que contamina tudo e todos. Já se apresentam os terríveis problemas advindos disso e está apenas começando o processo. O Coletivo está se projetando sobre o Individual, pressionando para uma uniformização. Umhas poucas pessoas, grupos de interesses e centros de Poder estão no controle do que todos saberão e pensarão. O domínio sobre aquilo que “se pensa” e “se fala” tornou-se imprescindível para quem queira se sustentar no Poder. A exigência maior, que está sendo alimentada e atendida, é a de impor o que “se deve pensar” sem oferecer meios para que as pessoas aprendam a pensar. Transferir inteligência e sabedoria deixa de constituir uma prioridade. A ênfase está em informar pessoas e não em formar cidadãos. Nesse sentido, dar Informação é inferior a propiciar verdadeiro Conhecimento e não garante algum verdadeiro Saber. As “infinitas guerras” entre opiniões contrárias tomam para si todo o universo de possibilidades existenciais.

A perspectiva astrológica, como conhecimento do mundo natural, sempre foi consequência de uma atitude tanto masculina quanto feminina, portanto Integrativa entre Polaridades, com prioridade para compreender o Todo, para integrar os contrários em um só sistema, para tornar os pares de opostos naturais mais perceptíveis e compreensíveis.

O que quero acentuar é que o mapa astrológico é um símbolo do Todo e, assim como no símbolo do Sol (um ponto ao centro de um círculo), o estudioso do mapa precisa se transportar para o meio do círculo  para ter todas as facetas e pares de opostos levados em consideração. Só assim se consegue analisar predomínios e carências de todos os tipos. Isso não está escrito nos manuais básicos de Astrologia.

***Qualquer predomínio ou carência em termos de Polaridades induz inconscientemente a pessoa a nutrir desejos, interesses, ações e a ambição de buscar uma complementação.***

Uma atitude integrativa aparece na maioria das filosofias humanísticas através do exercício com símbolos masculinos e femininos,

também na Mitologia, Alquimia, na Teosofia, no Ocultismo e no espiritualismo de modo geral.

Desse modo, o par de opostos Espírito/Alma sempre ocupou a atenção de todos que quiseram discutir o sentido de nossas vidas. Espírito entendido como Masculino e Alma entendida como de Polaridade feminina. O que essas modalidades de pensamento e filosofia têm em comum é a capacidade de lidar com símbolos, analogias e metáforas que são a característica do funcionamento do nosso hemisfério cerebral alternativo.

Nosso cérebro trabalha dividido em dois hemisférios, as especializações são evidentes, e atribui-se ao lado dominante o controle sobre a musculatura voluntária, a intencionalidade, a racionalidade, a adaptação ao mundo cultural e ao “adquirido”. Ou seja, torna-se uma expressão do Ego.

Ao hemisfério oposto, o alternativo, atribuem-se funções como intuição, capacidade de lidar com analogias e sensibilidade artística. A lateralidade é uma característica natural do nosso sistema nervoso. Temos, nesse sentido, um lado ativo/dominante e outro passivo/dominado.

As Polarizações entre Persona, Ego e Sombra podem ser alvo de, conhecimento mediante a Astrologia, mas a procura da solução para a Polarização Personalidade consciente/Sombra é o alvo da Psicologia que tem técnicas e conhecimento para ajudar o indivíduo a conscientizar seu lado subjetivo e fazer voltar a atenção consciente para o interior, para as relações entre o Ego e o Inconsciente, levando o processo a um maior equilíbrio e saúde psíquica. Sem a ajuda de um processo terapêutico psicológico é mesmo muito difícil que uma pessoa sem ajuda consiga harmonizar as tensões internas provocadas e sustentadas pela quebra no Par de Opostos. A Sombra sempre polariza com a Personalidade e quanto maior for a oposição entre essas dimensões de nós mesmos, maior será a chance de uma neurose, de uma bipolaridade ou de todos os conhecidos fenômenos psicopatológicos que se possa imaginar.

A Psicologia da Gestalt, p.ex., demonstrou, sem sombra de dúvida, que podemos nos diferenciar em tendências de perceber mais a “figura”, enquanto outro estilo de pessoas vê mais o “fundo” de qualquer representação. Podemos nos diferenciar entre aqueles que usam e aqueles que não usam o Hemisfério Alternativo.



Os estudos do nosso funcionamento cerebral demonstram que a lateralidade cerebral é importante fator para o desenvolvimento do nosso pensamento e consciência. As descrições do funcionamento de um e de outro lado demonstram que os hemisférios cerebrais estão em perfeita sintonia com a questão da integração de Polaridades opostas, aliás eles são a prova da “inteligência” na Natureza propriamente dita.

Alguém é mais linear e racional, enquanto outro alguém é mais analógico e artístico, pensando por metáforas e fazendo do mundo uma outra imagem interpretativa à qual também chamará de “realidade”. Enquanto um lado raciocina, o outro imagina. Enquanto um se diverte aplicando explicações e conceitos lineares a tudo, o outro deseja compreender mais do que explicar.

No hemisfério dominante, está instalado nosso Campo consciente, habitual e costumeiro, construído de hábitos adquiridos, ou seja, é nele que está instalada nossa programação consciente. No funcionamento egoico, está presente o volume das nossas Identificações pessoais com isto ou aquilo, com este ou aquele modo de ser, de pensar, de fazer... O hemisfério alternativo produz reflexões mais elaboradas e lida com o tempo de modo mais extenso do que o imediatismo do hemisfério dominante. Temos, sim, um hemisfério cerebral para a vida no espaço e outro para a vida no tempo...

Nos nossos egos, o mesmo se passa, pois temos um lado Dominante e outro Dominado.

### ***Adaptação da Espécie ao meio ambiente. Vida e Morte, Sexos e Polaridades.***

A adaptação prática da nossa espécie aos desafios da sobrevivência sempre fez valer os princípios naturais (inerentes aos Opostos)

e a extinção foi sempre o prêmio indesejado para quem se afastou dessas leis desrespeitando seus alcances e seus limites. Qualquer organismo ou cultura que despreze, p.ex., os ciclos naturais de atividade e repouso, de plantar e colher, os ciclos das estações do ano e todos os ciclos ou processos básicos dos quais dependemos para sobreviver, pagará com sua própria existência. Toda vez que, por circunstâncias, a Natureza alterou de modo substancial os ciclos de umidade e secura, de calor e de frio, exagerando qualquer um desses Opostos complementares, tornou impossível a vida para os homens e mulheres naquela região. Civilizações inteiras morreram, extinguíram-se, por causas naturais como essas.

*Nem tudo é equilíbrio no nosso passado cultural e social.*

O exagero da Polaridade Masculina no patriarcado (séculos de tradição bem estabelecida) está sendo corrigido através do retorno da Polaridade Feminina a um lugar de maior destaque muito oportuno e merecido. E não estou falando de homens e mulheres, e sim de Polaridades. Estão aí todos os esforços crescentes pela preservação do mundo natural e a ecologia como atitude diante do mundo. Estão aí os movimentos para restituir a “perspectiva Feminina” (que é Unicista) a um lugar de poder nas decisões que a todos afetem. A secura e a frieza mecânica e tecnológica estão sendo confrontadas com pressupostos outros nascidos da necessidade de uma integração do humano com a natureza... Valores humanos marcados pela sensibilidade e sentimento.

Quem me acompanhou até aqui precisa cuidar para não se restringir ao sentido intelectual de palavras usadas aqui. Se falo em masculino e feminino, procurem compreender como universos de significados complementares e naturais.

*A consciência egoica, no plano individual, constitui um fenômeno de foco, típico de nossa capacidade perceptiva e o mundo observável é uma construção interpretativa da realidade em si, ou seja, nossa concepção da realidade acompanha o maior ou menor desenvolvimento de uma consciência de nós mesmos.*

Indistintamente, desenvolvemos mecanismos de defesa para com tudo que nos faça sofrer. Medos influem e distorcem a nossa percepção, o plano dos afetos cria tanto ilusões positivas quanto negativas, assim como expectativas, interesses momentâneos e preconceitos são influências marcantes e determinantes de nossa

interpretação de mundo. Projetamos inconscientemente, o tempo todo, sobre o mundo que percebemos. Tornamo-nos previdentes e inseguros ao mesmo tempo. Aquilo de que temos medo nos chama a atenção muito mais do que o resto. Fazemos esforços de controlar e de prever quaisquer outras exposições às situações que em nossa vida foram desagradáveis ou motivo de algum trauma. Nossas Identificações e preferências para com algum lado dos Pares de Opostos seguem essa mesma linha geral.

Podemos nos diferenciar de modo muito variado dentro do espectro de Opostos. Meu esforço em demonstrar várias formas de expressão das Polaridades em nosso funcionamento psicológico e biológico busca iluminar a percepção do leitor para com esses efeitos em si mesmo, na sua experiência pessoal. Engana-se quem imagina que estou procurando provar alguma hipótese com esses exemplos multifacetados, pois o que faço é demonstrar a presença e o efeito múltiplo desses processos que estão presentes no nosso íntimo funcionamento e que afetam a vida de todos nós.

Algumas pessoas podem ser induzidas a ser um tipo “noturno”, enquanto outras são tipicamente “diurnas”. Inclusive o nosso cérebro, individualmente, consagra períodos de maior eficiência tanto na noite quanto no dia, dependendo de uma predisposição natural e inata. Chamamos a isso de Ritmo Circadiano, cada um de nós se diferencia por esse ritmo, ele não se modifica mesmo que a pessoa se especialize em funcionar em um período que não seja o de sua maior eficiência cerebral. O tipo “galo” tem sua maior eficiência cerebral na parte da manhã, enquanto o tipo “coruja” tem maior atividade cerebral no período noturno. Todos conhecemos pessoas com essas particularidades.

O leitor, na medida em que se coloque no lugar da espécie humana, precisa se transportar a um tempo histórico muito mais amplo, natural e primitivo, lembrando que, no passado remoto, a descrição a seguir se aplica de modo direto. Sempre fomos tanto noturnos quanto diurnos em nossos hábitos e adaptações. A experiência original a respeito dos ciclos de luz e sombra nos marcou intensamente:

Pessoas diurnas criticam as pessoas mais noturnas e os tipos noturnos igualmente fazem “fofoca negativa” para com os tipos diurnos.

*E o que se pode constatar quando se trata de identificações com gênero e preferências sexuais?*

É bom lembrar-se dos profundos significados de momentos como o Nascente e o Poente, em que os Pares de Opostos se interpenetram e se misturam, com cada lado ganhando gradativamente uma proeminência sobre o outro. Muitos ciclos em nossas vidas representam momentos assim. Pensando então em termos de analogia e metaforicamente, esses ciclos estão manifestos em nós.

***Também se pode afirmar que, sem a quebra no Par de Opostos, talvez nem seja possível o nascimento ou o desenvolvimento de um Ego.***

Não é por acaso que palavras como “sombrio, obscuro, disfarçado” estejam relacionadas à falta de luz. A “noite” é mais análoga à Lua, à Polaridade feminina, ao Campo Inconsciente e a uma exposição perigosa ao desconhecido.

Qualquer ego humano tem uma tendência quase incontrolável de demonizar tudo que venha do seu plano inconsciente (ou que não lhe seja familiar), confrontando o “conhecido” com um “desconhecido” tomado como ameaçador. *Assim é com relação às Polaridades com as quais não nos identificamos, nós as demonizamos e rejeitamos ativamente.* Os da Direita enxergam os da Esquerda como demônios e vice-versa. Enquanto isso ocorre, tudo o que realmente importa fica fora das vistas.

Nascemos, temos um começo, uma alvorada, crescemos, como o Sol até o meio-dia. Aí temos uma representação da infância, da adolescência e da idade adulta que começa antes do ápice, mas no cume o Sol só pode descer até o horizonte e então podemos fazer a analogia com a idade madura e a velhice: o declínio natural das forças vitais em todos nós. Essa é uma analogia que nasce da compreensão da repetição em nós mesmos do ciclo solar. Essa foi a base de onde nasceu o conhecimento astrológico que levou a descrever os signos, interpretações dos planetas nos signos, polaridades e ciclos de todos os tipos. Mitos e lendas são construídos desde sempre na tentativa de transmitir aos descendentes algum grau de sabedoria.

Fica claro como adoramos a Luz e tememos a Escuridão. Não por acaso, a adoração do Sol se mostrou muito presente em todas as civilizações importantes no passado cultural e social da humanidade.

O que acontece conosco quando atribuímos, a características das outras pessoas, qualificações como “negativo”, “errado” ou “inaceitável”?

Não posso me limitar a descrever a nossa experiência para com o mundo objetivo, os outros, o exterior. Na nossa vida psicológica, no íntimo de cada um de nós, o mesmo processo se apresenta.

*Se nos estruturarmos com tudo que seja claro e evidente (o dia, para nós), construímos uma dimensão a que podemos chamar de **Personalidade Consciente**, nosso Eu costumeiro, habitual: um universo de experiências, afetos, instintos que entendemos como “claros e luminosos”. O Ego, nesse sentido, é nossa ferramenta para lidar com a realidade objetiva.*

*De igual maneira, cria-se em nós mesmos uma dimensão diametralmente oposta a esta, a que podemos chamar de **Sombra**, composta por um outro universo de experiências, modos de pensar, valores, crenças, com as quais temos uma relação mais complicada e conflitiva.*

Todos conhecemos pessoas que são mais ou menos egoístas ou altruístas, submissas ou independentes, extrovertidas ou introvertidas, passivas e/ou ativas... Muitas dessas tendências podem ser identificadas nos Mapas Astrológicos.

*Uma atenção para com a definição e a construção da Sombra Pessoal não pode faltar na busca pelo autoconhecimento.*

Não se pode deixar de incluir aqui ao menos algumas palavras sobre um apêndice da Personalidade, o qual chamamos de **Persona**, que é uma função psicológica que pode ser apelidada de “o Eu-para-os-outros”. **Todos nos esforçamos para conseguir algum controle sobre o que os outros verão e pensarão de nós.**

Nesse esforço, o ator (que é o EU) cria um personagem, um recurso adaptativo ao meio familiar e social. Existimos nós e existe o que queremos que os outros vejam, imaginem e pensem que nós somos. Existe o que somos e existe o que nos interessa mostrar. Sofremos quando deixamos que partes nossas, não muito reconhecidas como nossas, escapem a esse controle e mostrem algumas facetas das quais gostaríamos que ninguém soubesse. Esse é o alimento das fofocas e da maledicência.

Muitas pessoas possuem uma Persona mais poderosa do que a Personalidade. Isso cria um processo bem mais complicado no que se refere ao aspecto psicológico do nosso funcionamento. Também é de

relevância o fato de que uma parte substancial do que aprendemos na vida profissional se incorpore na Persona e a isso chamamos de Papel Social ou Papel Profissional.

A fixação da consciência egoica na Persona é a razão de estarmos sempre nos comparando com padrões e valores dos outros. Isso inclusive possui padrões morais e envolve também a Sombra Pessoal na construção de uma autoimagem positiva ou negativa.

Dependendo do fato de termos uma Identidade trocada em relação ao sexo com que nascemos, a persona corporal não corresponderá ao “feminino” que vive em um corpo de macho nem ao “masculino” que está encarnado em um corpo de fêmea. Se impõe a necessidade de alguma conformidade entre o que a pessoa sente que é, o que aparenta aos olhos dos outros e o que os outros vão achar de tudo isso.

Não é pequeno o efeito da Persona atualmente no assunto gênero e sexualidade. Vou ressaltar aqui o que acontece em termos de Persona com os homossexuais e com os transexuais principalmente. Ela é igualmente poderosa no que se refere às personalidades consideradas “normais”.

No passado, machos e fêmeas que não se identificassem com as Polaridades consideradas naturais, podiam desenvolver uma Persona de Polaridade contrária à de seus corpos, genericamente isso envolvia exterioridades como a maquiagem, penteados, cor de cabelo, roupas e exterioridades (tom de voz, comportamentos, trejeitos) configurando a elaboração de uma Persona na relação com os outros. O Eu também necessita se identificar com a Persona, como modo de demonstrar sua presença, escolhas e definições individuais, mostrando-se ativo na relação com os outros.

Torna-se comum a projeção de uma imagem idealizada sobre o corpo físico e esta como que “veste” o corpo físico. O corpo físico na atualidade pode ser alterado a nosso bel-prazer. Corpos podem ser modificados para atender ao desejo do transformista. Um corpo de fêmea, com seios, pode ser alterado. Um corpo de macho, sem seios, pode passar a tê-los. Órgãos sexuais internos e externos podem ser modificados e a medicina oferece recursos antes inimagináveis para isso. Alguns exageros irão se oferecer no cardápio dos interessados. Se há consumidores, nasce um mercado.

A novidade é que um macho homossexual agora pode adquirir, literalmente, um corpo de mulher. E vice-versa: uma fêmea pode ter um corpo de macho, inclusive com os assim chamados “caracteres sexuais secundários”. Os exageros, como sempre, são quase obrigatórios, pois nossos Egos são mesmo radicais assim como os dos especialistas nesses tipos de intervenções.

Existindo fortes interesses rondando esse mercado de manipulação de corpos, o interesse econômico envolto nessas práticas é notório. Essas são expressões do quanto nossos egos, os de todos, sem exceção alguma, profissionais e clientes, podem ser manipulativos e servir a interesses particulares.

*Alguns resultados farão felizes os pacientes, outros, menos equilibrados, nunca se sentem felizes e não param de manipular e transformar. Se um Ego não está feliz com a autoimagem corporal, independente do sexo e da polaridade dominante nos envolvidos, a tendência é sempre encontrar algum motivo novo para fazer diferentes intervenções. Quando não há esse desequilíbrio, uma intervenção ou outra já bastará.*

Nas fêmeas normais ou equilibradas, são bem conhecidas as intervenções para se adequar a um ideal de beleza consagrado pela mídia, podendo primeiro mudar os seios, as nádegas, a barriga ou o rosto, e por aí vai, pois sabemos que a insatisfação com a “imagem vista pelos outros” reflete uma insatisfação do Ego para consigo mesmo. A Persona existe para, de preferência, ser uma representante legitimada do nosso ego na relação com os outros.

A comparação do Eu para com modelos socialmente aceitáveis torna-se uma compulsão, e tanto a liberdade pessoal quanto a autonomia ficam reprimidas e perdidas. O que a pessoa “parece ser” se torna mais importante do que ela eventualmente é de um ponto de vista mais espontâneo e natural. É prejudicial para nós uma Persona exagerada, assim como a sua falta (ou a sua pouca eficiência) nas nossas relações pessoais.

***Ter seletividade e capacidade de filtrar tudo que lhe chega é essencial para que o indivíduo não seja vítima passiva da manipulação de sua vida.***

Autoestima e autoimagem são complementos essenciais nessa equação. O fato de todo mundo se comparar com padrões estéticos

sociais é notório. Está aí o mercado do vestuário, da maquiagem e das cirurgias plásticas. E o que dizer da pressão para que meninos se comportem como machos típicos e meninas correspondam a um feminino tido como regra?

Em um futuro não tão distante, tudo leva a crer que nos transformaremos em ciborgues, frutos de todo tipo de manipulação por parte de especialistas em condicionamento de comportamentos, preferências, desejos e necessidades. O que quero ressaltar é que talvez nunca tenha havido uma época em que a Persona (o Eu para os Outros) tenha se investido de tanto poder como agora. O Ego escravo da mídia e da manipulação de opiniões torna-se alvo de manipulação por interesses escusos que não o libertam nem lhe oferecem opções de autonomia.

No plano pessoal, temos que notar que qualquer um tem uma “imagem corporal” e que esta pode ser modificada até certo ponto. Um estado de felicidade com relação à autoimagem seria algo simples: a pessoa contente com o corpo que melhor represente o que deseja para si. Igualmente, pode se sentir contente com o que aparenta aos olhos dos outros. É o que se passa toda vez que alguém “se arruma para sair”. Não há nada de errado com a Persona Corporal que esteja refletindo espontaneamente e de forma autêntica o Ser de uma pessoa. Uma pessoa equilibrada fará apenas aquelas intervenções que julgar necessárias.

Na modernidade, através do poder de sugestão da mídia, pressupostos de beleza, moda, conceitos estéticos e afins estão por toda a parte e possuem um poder antes inimaginável. Não só de modelos estéticos vive o mundo dos manipuladores de opinião, pois disseminam todos os tipos de padrões como modelos. Só causam preocupações os exageros e radicalizações.

Não é de importância menor o fato de sermos sensíveis ao que os outros pensem e imaginem que somos, em especial quando o que demonstram ver não corresponda a quem realmente somos, tanto no sentido positivo quanto negativo. Enganos e mal-entendidos proliferam nesse reino impreciso e indefinido, exigindo esforços e cuidado de todos os envolvidos nele. Podem existir choques e discrepâncias entre o que imaginamos ser e o modo como os outros nos percebem.

Para nosso grande incômodo, decepção e sofrimento, os outros percebem com facilidade a Sombra que não reconhecemos como

própria, por mais que tentemos ocultá-la e disfarçá-la perante o olhar alheio. Os outros não possuem nenhum compromisso em manter conteúdos de nossa Sombra fora das vistas. Essa é a base psicológica para a fofoca e a maledicência humanas.

Psicologicamente se pode dizer que uma coisa é ter sucesso em confinar a Sombra ao Inconsciente Pessoal, fora do Ego, reprimindo-a. Outra coisa muito diferente é acreditar que ela magicamente desapareceu. De fato, para nós mesmos, a percepção e conscientização da Sombra Pessoal é uma tarefa bastante difícil, mas para os outros a percepção da nossa Sombra é muito fácil de ser conseguida.

Haja vista o que acontece quando casais (tanto homo quanto heterossexuais) entram em processo de separação e cada qual começa a “jogar na cara do outro” os defeitos e imperfeições. Os defeitos apontados invariavelmente demonstram exatamente as Identificações Parciais que o outro Indivíduo não conseguiu superar através de um aprendizado e conscientização. Há um marcante ciclo onde isso acontece, por volta dos dois anos de convívio e relacionamento. Outro marcante ciclo de “queda na realidade sombria do outro” ocorre por volta dos sete anos de relacionamento. O Amor é a energia que pode levar à compreensão e aceitação do Outro como ele realmente é. E se ainda ele(ela) puder ser admirado justamente por isso, então algo se completou realmente: o Amor se fez presente.

Nas separações de casais, muitas vezes, o que inicialmente pode ter sido motivo de “atração”, troca de sentido e se transforma em “repulsão”. Amor pode acabar em ódio e uma “aceitação” se transformar em “rejeição”. Esses são exemplos de como o Ego pode não aprender a assimilar, incorporar e compreender os opostos, quer nele mesmo, quer na relação com os outros. Desejar “nunca mais ver o outro” é um sintoma claro disso.

A radicalização, na separação, não aparece nos casais que, com mais maturidade, conseguem admitir bem o fato de que não se sentem mais complementados pelo parceiro de relação, ainda que, respeitando as diferenças, os dois possam continuar sendo amigos. Existem várias tonalidades e intensidades no Amor como Polaridade. *Não há lugar melhor, nem tão eficaz, para um aprendizado a respeito de nossas Identidades Egoicas, do que os nossos relacionamentos de todos os tipos, mas em especial os amorosos.*

*Os relacionamentos conjugais (tanto hétero quanto homossexuais) estão alinhados entre as melhores oportunidades para o despertar de uma Consciência Integrativa e, digamos, para além do Ego. Se a relação com o outro for para nós uma experiência integrativa, haverá Amor no final das contas, quer se confirme a continuidade da união, quer tenha resultado em uma separação. Esse eixo está, no zodíaco, representado pela Polarização de Áries e Libra.*

***A função “Consciência Integrativa” – Um parêntese para discutir o aspecto Psicológico envolvido na conscientização dos Pares de Opostos.***

A função *Consciência Integrativa*, desde que ativada, consegue ascender a um outro nível de compreensão dos Opostos, como que vistos de cima, em perspectiva e relativizando-os. Ela põe na balança, p.ex., os pontos de vista otimistas e/ou pessimistas (que assaltem o Ego), considera ambos reais e palpáveis, ambos são então entendidos como alternativas reais da natureza humana (e, portanto, do EU) e então delibera sobre qual é o melhor caminho a seguir. É nessa condição que se pode falar de algo como um arbítrio. Sem conseguir a ativação dessa função em nós, acabamos vítimas das radicalizações, dicotomias, projeções sombrias sobre os outros e incapazes de Amar verdadeiramente o OUTRO.

*Não podemos passar a discutir as diferenciações de gênero e entre os sexos sem nos aprofundarmos nessas questões psicológicas e emocionais.*

Ninguém errará muito se entender que a Consciência Integrativa é algo raro hoje em dia. Para a função Integrativa o que importa é descobrir o caminho mais sábio. A pessoa se libera de ser apenas opinativa e de acreditar em dicotomias. A sedução de tomar partido e ter opiniões correspondentes não atrai mais a pessoa. A dinâmica da função Integrativa é fluida, imprevisível e, muitas vezes, impessoal. É a divina capacidade de decisão, para o momento, na busca do SENTIDO e do VALOR (dos atos), mais do que a busca de coerência e repetitividade. Ela consegue uma diferenciação na direção do Individual em detrimento de uma submissão ao Coletivo, sem conflitos, e sim como um desapego e uma relativa distância para com os contrários, os opostos, os diferentes. Os conflitos inerentes entre Identificações Egóicas podem ser objetos de exame e de compreensiva integração no EU. Temos que diferenciar aqui a significação do EU e do Ego.

Uma paz social (e entre as nações), assim como entre indivíduos, só pode nascer da compreensão e assimilação amorosa das

diferenças e contradições entre Pares de Opostos. No TODO, tudo tem o seu lugar...

Uma autonomia em relação a Polaridades só pode se sustentar em um “meio caminho” entre os Pares de Opostos envolvidos, ninguém está circunscrito, p.ex., aos efeitos do seu Ascendente ou signo Solar/Lunar.

Quem experimenta uma oscilação da consciência (entre os Opostos) tem olhos para um lado e para o outro lado de tudo e de todos. Seus julgamentos se tornam mais maduros (e mais difíceis), sempre traduzindo algo como a consideração de um grau ou intensidade entre os contrários envolvidos, mas sem quebrar com o Todo. A Consciência Integrativa se vê, às vezes, diante de paradoxos difíceis de conciliar.

Seria algo como alguém com Sol ou Ascendente em Áries aprender com Libra; Touro com Escorpião; Gêmeos com Sagitário e assim por diante. Uma conscientização de que não nos bastam as Identificações com as partes, já que não existem signos puros, e sim *eixos de Polaridades complementares*.

Para conseguir esse tipo de experiência, a consciência precisa fazer as pazes com a Sombra, que a Identidade Egoica projetou e construiu, fazendo as pazes com os opostos negados no âmbito da Personalidade. O Mapa Astrológico, nesse sentido, é visto como uma oportunidade de conscientização do Todo de que somos construídos e não algo que está dado e ponto final.

A ciência da Psicologia, desde seu nascimento, ocupou-se da relação entre o Ego e o Inconsciente levando a uma descrição e compreensão de processos que antes apareciam apenas implícitos nos símbolos astrológicos, nas mitologias e nas religiões.

Recompôr-se com a sua Natureza significa reconhecer e aceitar como seus os afetos, instintos, desejos, impulsos, bons e maus... Nossa complexidade é inerente, plena de paradoxos, cheia de complementariedades incômodas e qualquer simplificação daquilo que realmente somos nos afasta de nós mesmos. Somos uma complexidade cheia de paradoxos e dicotomias que precisam ser integradas e compreendidas por nós. Somos aquele ponto no centro do Mapa Astrológico.

Qualquer antítese é construída de algum tipo de tensão entre opostos e tem, no mínimo, dois polos ou então não é antítese.

Acontece que a diferenciação deve ser buscada, pois ela é como outras, uma força natural que precisa ser atendida e respeitada. Ela pode ser uma antítese da uniformidade com os outros. Desenvolver uma diferenciação pessoal, uma autonomia consciente não significa ter que brigar com o mundo, com os outros e polarizar negativamente com tudo que é oposto ou contrário aos nossos interesses. Esses são os efeitos comuns da falta de consciência das Polarizações ativas em nosso íntimo. Aí reside a base energética para todos os conflitos e guerras entre humanos.

O Eu só conquista sua relativa independência e liberdade, assim como seu relativo arbítrio, quando se depara no meio de um “algo” que não é a sua Identidade Parcial com algum lado do Par de Opostos, mas sim um “algo” que só pode ser objeto de sua compreensão e aceitação, ambas bastante femininas em sua Polaridade. Quando algo assim acontece, o Ego perde o seu fictício senso de poder e nem todo mundo está disposto a pagar esse preço. No entanto, quem não o pagar, não terá a alegria de muitas descobertas, desapegos, não terá o humor característico de quem consegue chegar a constatações procedentes e libertadoras, geralmente impessoais e desapegadas de seus interesses, desejos ou necessidade individuais.

Esse ser mais maduro e sábio (macho ou fêmea), mais desapegado de si, tem suas raízes menos alavancadas em suas opiniões e desejos personalísticos, ganhando em amplitude e horizonte para uma visão mais ampla e uma capacidade de observar e problematizar o vivido a partir de uma análise mais impessoal a respeito de tudo.

Vale a pena reativar a conexão de sua Consciência Integrativa com a Energia Universal, que flui sem parar e de modo inesgotável, à espera de que a conheçamos e de que a vivenciemos, tanto no sentido extrovertido quanto no sentido introvertido. Esse propósito esteve e ainda está na base da procura do conhecimento Astrológico de se aproximar da compreensão do TODO.

### *Quadros de diferenciação entre Polaridades, Pares de Opostos básicos*

Cada especialização pressupõe e necessita, para a continuidade da vida, de sua contraparte, de seu oposto (ou daquela atividade característica/função que compensa cada especialização ou diferenciação). Polaridades são expressões energéticas que constroem o mundo físico.

Desse modo, temos:

– para um estado de vigília: o sono
– para uma porta de entrada (boca): uma saída (ânus)
– necessidade de atividade/ação - e necessidade de repouso/inércia
– temos o ir - e o ficar
– temos o dentro - e o fora
– o centrífugo - e o centrípeto
– o Bem - e o Mal
– o Eu - e o Outro
– Extensão - e Contração
– Esquerda - e Direita
– Avanço - e Recuo
– Certo - e Errado
– a Fonte - e a Meta
– A Origem - e o Fim

### *Polaridades complementares nos relacionamentos*

No que tange ao modo como nos relacionamos uns com os outros, a procura da complementação, de uma metade (Polaridade) pela outra, compõe a maior parte do sentido e do propósito de nos relacionarmos, quer no sentido fisiológico, anatômico, genético, energético, sentimental, emocional etc. Isso se aplica a toda e qualquer complementação entre Pares de Opostos.

No encontro e na interação com Polaridades Opostas, pode acontecer uma espécie de casamento cósmico. Muitos símbolos e rituais humanos, em todos os tempos, em todas as culturas, celebram a complementariedade e a união dos Opostos. Rituais estes que apontam a direção externa, mas para efeito de nossa reflexão, é no íntimo de cada um de nós que o casamento cósmico entre Polaridades pode acontecer. Se acontecer no mundo objetivo, é, digamos, fruto da sorte, circunstancial, e temos que agradecer por essa benção do universo.

Uma vez identificados com um lado do Par de Opostos, um abismo pode separar nossos Egos-Conscientes do outro lado, o lado negado em cada um de nós. Esse exagero/ radicalização/extremismo está por

trás de todo tipo de patologia e desequilíbrio nas personalidades em geral. O que se nota é que, quando existe o *exagero* e a *radicalização*, aparecem os *defeitos* associados àquela Polaridade em particular.

A Identidade Parcial de um Ego, p.ex., com a Agressão (que é ativa e extrovertida) quando exagerada pode provocar a violência, a dominação e uma ausência de respeito pelos direitos dos outros. Vice-versa, a Identificação exagerada com a Timidez pode provocar o conformismo, a submissão e uma falta de respeito para com os próprios direitos.

Os casais humanos, de todos os tipos, geralmente apresentam especialidades que se complementam e esse é muitas vezes o motivo da atração (e da paixão) inicial. Não por acaso, muitos dos motivos que ensejaram a atração podem virar motivos de repulsa na separação, geralmente motivada pela não integração entre Polaridades opostas. A procura da “cara-metade” não dá qualquer garantia de um real encontro com a “cara-metade”.

A identificação de um Ego Consciente com o lado oposto, a “Inibição”, se exagerada e radicalizada, induz a possíveis defeitos, como a submissão e a inércia. Daí temos a interdependência entre os dominadores e os dominados, pares de tipos de personalidade que são complementares, uns identificados com o Poder e outros identificados com a Impotência. Os Opostos se atraem nem sempre para nossa felicidade e harmonia.

O que transforma em defeito (as consequências de uma Identificação Parcial do Ego) é o **exagero** (radical) na preferência por um lado e a consequência é não conseguir (jamais!) se servir do lado negado, reprimido, desprezível, abjeto, feio, nojento e por aí vai. Preciso exagerar para que me entendam.

Tomemos alguns destes Opostos: Exterior/Interior - Centrífugo/Centrípeto - Expansão/Retração. No que se refere à diferenciação sexual, as características fisiológicas e biológicas da fêmea humana a tornam mais propícia a experimentar a intimidade e a privacidade, seus órgãos reprodutores são internos e, do mesmo modo, ela é um tipo de vazio a ser preenchido, uma interioridade, um espaço íntimo e sua subjetividade inerente. Vale ressaltar aqui uma analogia: o óvulo é possibilidade e potencial, se fecundado é VIDA em progresso e nisso depende do espermatozoide, originado da união com o macho. Caso não vingue, transforma-se em Morte e fim (menstruação).

A Polaridade Feminina, tomada isoladamente, é Introvertida. Nela, o interesse por assimilar e *envolver tudo através* dela mesma é muito maior. A Polaridade Feminina é assimilativa, unicista, envolvente e usa da sensibilidade como forma de conhecer e assimilar o mundo. Sua privacidade e intimidade abarca os mistérios do inconsciente, a vida emocional/sentimental e a torna mais suscetível para algo como uma “subjetividade” (na fêmea não identificada com a Polaridade Feminina, isso pode não ocorrer como aqui descrevo).

Preciso sempre lembrar que não existem Polaridades isoladas, isso é uma armadilha intelectual, pelo uso de categorias estanques e sem qualquer sincronização e integração entre elas. É na direção oposta que quero levar quem me acompanhou até aqui.

*Cuidem-se para não ver só um lado do que estou pretendendo demonstrar. Eu aponto às vezes uma direção (da Polaridade) que estou considerando acentuada para efeito de demonstração, mas **entre um e outro oposto existem todos os graus possíveis e imagináveis** desde o desequilíbrio até o chamado “caminho do meio”.*

Ao descrever aqui os efeitos naturais dos Pares de opostos, não estou defendendo leis imutáveis e categorias sob as quais todo mundo deva se submeter, pelo contrário, descrevo aqui os Polos entre os quais oscilamos nos mais infinitos graus de diferenciação e especialização.

A partir do momento em que a civilização foi tomando uma face Patriarcal, encampou, se apropriou e dominou a Polaridade Feminina. Como consequência direta e ao longo do tempo, a cultura e suas instituições se enrijecem, se institucionalizam e se tornam um conjunto de regulamentos impostos a todos, passando a estabelecer estritas noções sobre o Bem e o Mal, disciplinando e controlando os costumes, hábitos, pensamentos e interpretações de todos a respeito de tudo. Somos construídos de um amontoado de condicionamentos, de todo tipo e qualidade, a ponto de alguém poder dizer que quase tudo que uma pessoa tem na sua mente veio de fora. É uma meia verdade, mas é importante mesmo assim.

### ***Exercitando um difícil desapego das Identificações Egoicas***

*Uma reflexão um tanto indigesta sobre a impessoalidade de nossas Identificações Egoicas:*

Cada qual tem a língua falada por seu meio cultural. Podia ser qualquer outra em qualquer outro lugar do mundo e o processo seria o mesmo, nada tem de fisiológico ou genético nisso, são apenas circunstanciais. Nossos órgãos de fala se adaptam a todas as circunstâncias, sendo neutros nesse sentido. Então, desse modo, *excluídas as Identificações forçadas e não integradas pelo Ego*, tudo o mais é assumido como pessoal e nos diferenciamos dos outros pelas características de fala, de roupa, de cor da pele, de modo de falar, pelo sotaque, pelo que pensamos e o modo como o dizemos.

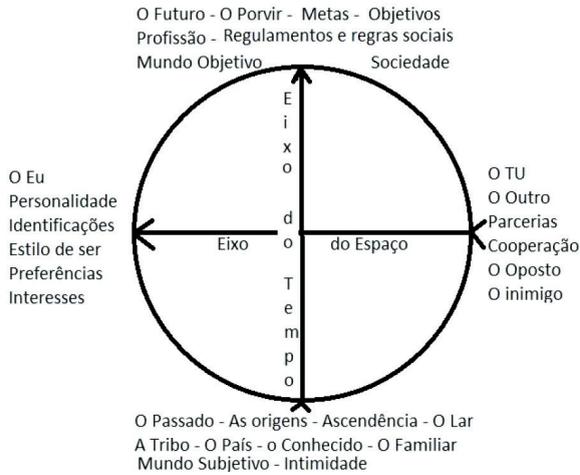
Por outro lado, a *Consciência Integrativa* nesta nossa reflexão não é idêntica à *consciência egoica*, pois ela é aquela parte em nós que se mantém isenta das escolhas emocionalmente carregadas, um tanto mais independente quanto a parcialidades e pontos de vista.

Sob a ótica da *Consciência Integrativa*, a visão de que nossas identificações egoicas são circunstanciais torna-se um fato aceito e nada dessas escolhas emocionais e identificações egoicas seria tão forte a ponto de a pessoa ser capaz de matar alguém por causa de preconceito, raiva, ódio ou repulsa.

A humanidade em geral com tantas bandeiras, religiões, identidades territoriais e raciais ainda não descobriu que tudo isso está reunido no Ser Humano. Parece que precisaremos de alguma ameaça externa, extraterrestre, para que consigamos nos unir. Podemos constatar isso no imenso número de filmes de ficção que confrontam nosso conhecido mundo com seres inimigos e poderosos do espaço exterior. Os ETs e outros Aliens (negativos, violentos, sem sentimento) são projeções da Sombra Coletiva da humanidade, daí o interesse do espectador pelo desfecho do confronto e da luta com eles. Os ETs são personificações da Sombra Negativa da humanidade. Como são humanos que fazem os filmes, geralmente nós vencemos e temos o “Bem” do Universo a nosso favor: ao final, a Luz vence as trevas.

*Algo em nós é capaz de muito mais do que a Identificação com uma religião, idioma, país, time de futebol, partido político e todas as diferenciações artificiais/circunstanciais/culturais de que somos capazes. Somos capazes de tudo isso e de algo mais também.*

*O potencial humano representa um Todo que está manifesto em nós e nos outros, igualmente.*



Acima está o simbolismo da Cruz (que sempre existiu, mesmo antes da criação de algum tipo de linguagem), e não é, nem nunca foi, prerrogativa do cristianismo. Aliás, o que acima está posto é o “símbolo” da cruz, o original e está inserido nele o entendimento do que ele representa em nós. O plano horizontal está para a existência física assim como o plano vertical está para a vida espiritual.

*É máxima a nossa responsabilidade nas escolhas e decisões pertinentes que possamos desenvolver por nós mesmos. Desenvolver a **Consciência***

*Integrativa é o caminho.*

Dependemos do desenvolvimento, em nós, de algum tipo de consideração mais particular a respeito do geral. Dependemos da possibilidade de integrar terapeuticamente nossos conflitos na relação com as Polaridades Negadas.

*A Integração na Personalidade é tarefa da maturidade.*

Em verdade, a expressão habitual e repetida das características associadas a algum lado de um Par de Opostos não faz desaparecer o outro lado, apenas não nos identificamos mais com ele. Alguém observador, nesses termos, notará que em todo tipo de relacionamento (homo ou hétero) as diferenciações em termos de Polaridades estarão manifestas em comportamentos e estilos de Personalidade, geralmente complementares. Um casal de homens pode ter um dos dois mostrando-se como o tipo passivo clássico relacionando-se com o tipo masculino clássico (alguém manda, tem o poder, e alguém é mandado e segue as escolhas do líder). De mesmo modo, num casal de mulheres pode-se notar que existe uma que lida melhor com a realidade, é mais agressiva e ativa, autocentrada, mais dura, rígida, dona de si mesma, enquanto que a outra é mais dependente, passiva, sensível, emotiva e preocupada como o “bem-estar” da companheira. Esta última se ocupa muito mais da manutenção do relacionamento do que a primeira, que costuma ter facilidade para ser separativa ou autônoma.

Desse modo, facilmente se nota que *as Polaridades é que definem as direções gerais para a nossa conduta e não apenas as regras morais ou papéis prescritos pelo meio familiar ou sociocultural.*

Como exemplo, a especialização de gênero e suas diferenciações podem ser fruto do treinamento pela cultura e pela família, o que pode inclusive contrariar tendências naturais e herdadas, tanto em machos quanto em fêmeas.

Só existem dois sexos, mas podemos ter, grosso modo, o Macho/Masculino (MM) e o Macho/Feminino (MF), podemos ter a Fêmea/Masculina (FM) e a Fêmea Feminina (FF). Isso para dizer o mínimo.

*Amplas áreas, de cada um de nós, podem estar configuradas para uma atitude masculina enquanto outras áreas, igualmente importantes, podem ter uma configuração feminina.*

Na prática não se comprova a ideia geral de que a Identificação com uma Polaridade seja a definidora da escolha ou opção sexual, homo ou hétero.

Observa-se que *um M/F pode ser heterossexual (MFHe) enquanto outro MM pode ser homossexual (MMHo), pois só entendendo a natureza das Polaridades percebemos que é perfeitamente possível uma independência entre os sexos (macho e fêmea), a polaridade envolvida (masculina ou feminina) e a preferência na orientação da energia sexual.*

*Do mesmo modo uma mulher FM ser heterossexual (FMHe) é possível tanto quanto uma mulher FM ser homossexual (FMHo). Não por acaso essas incongruências estão causando muita confusão nas interpretações que possam ser feitas a respeito do fenômeno. A compreensão e o entendimento para com os meandros desses processos é justamente o que estou tentando promover aqui.*

Por exemplo, um ego de estilo “dominador” tem, no seu universo íntimo, o lado “dominado”, mas este foi relegado à sua Sombra Pessoal, então ele faz todo o esforço para tornar “sem voz e sem nenhuma ação” esse lado que foi relegado ao Inconsciente. Se algo está na Sombra, geralmente acaba demonizado e entendido como ruim, maléfico, doente, patológico e assim por diante. Os tipos dominadores entram em conflito com a Sombra e sofrem muito se exigidos a ações adaptativas que exijam atitudes e sentimentos correspondentes a ela. Pessoas assim podem ficar desconfortáveis e incomodadas em situações em que a melhor opção seria comportarem-se como “dominados, impotentes, submissos” etc. Vice-versa, os “tipos dominados” sofrem quando expostos a situações em que precisam exercer liderança, tomar decisões, fazer escolhas etc. Nosso “eu costumeiro” é bastante mais robótico do que gostaríamos.

Somos criados na sociedade e na família com papéis prescritos e desempenhos de papel (masculino e feminino) que se tornaram “obrigações”. Somos forçados a responder a pressões que nasceram ou foram frutos de quebras nos Pares de opostos com especializações inerentes e defeitos obrigatórios devido aos exageros e radicalização. Herdamos de nossos ancestrais tanto a inteligência quanto a falta dela.

As fêmeas projetam seu lado masculino nos machos e estes projetam suas expectativas femininas sobre aquelas.

Não se pode também deixar de lado o fato de que somos criados e educados através dos “exemplos” de Pai e de Mãe. As nossas

experiências de vida se mostram decisivas na hora de nos Identificarmos de forma Positiva ou Negativa. Imitamos tudo dos pais e autoridades antes de termos qualquer chance de conscientização do que estivemos imitando do meio ambiente.

De modo sistemático e fixo, desenvolvemos preconceitos com relação a determinados tipos de experiências com as quais não nos identificamos, como nos exemplos abaixo.

Um menino (ou menina) pode ter tido um pai autoritário, extremamente seguro de seus pontos de vista, ortodoxo, que se achava o dono da verdade, exigente quanto ao cumprimento estrito de normas e regulamentos, sendo uma pessoa um tanto fria e inflexível. Esse exemplo de Pai denota um desequilíbrio dele entre Polaridades Masculina e Feminina. Quem eventualmente “sofreu” com esse desequilíbrio na figura paterna poderá se **identificar positivamente** com esse modo de ser, então o imitará e sempre o replicará. Caso contrário, jamais o imitará, proibindo-se de sentir excessiva segurança em valores e em regulamentos, jamais sendo autoritário com os outros, jamais sendo aquele que exige dos outros a estrita observância de algum regulamento/regra; ou seja, tornar-se-á uma espécie de “antipai”. A criação de uma Personalidade marcada pela noção de “antipai” representará o resultado da Identificação do filho para com as polaridades que faltaram na Personalidade do Pai, encontrando-se ausentes dos comportamentos dele (flexibilidade, visão democrática, tolerância para com os diferentes, respeito para com a opinião alheia etc.). Nesse exemplo de “filho(a)”, a Polaridade Rebeldia vai se impor sobre o Conformismo. Essa pessoa vai Polarizar negativamente com o Pai na procura de “manifestar tudo aquilo que nele faltou” e de não continuar a incorrer nos mesmos exageros. Na radicalidade comum a esses casos, cometerá outros erros, mas jamais os mesmos. Essa pessoa que sofreu com os exageros do Pai (provavelmente um Frio/Seco MM patriarcal), tendo sofrido por esses desvios, não se atreverá a fazer outros sofrerem pelos mesmos motivos. Se se identificar positivamente, imitará os exemplos das ações do pai real.

Lembro aqui e sempre que *Polaridades manifestam defeitos quando exageradas e radicalizadas*, como é o caso aqui. Vice-versa, quando em equilíbrio apresentam os talentos inerentes a elas.

Aqui não é o lugar nem o momento de discutir a construção da imagem de um Pai Idealizado, que nos remete àquilo que

esperaríamos de um Pai caso isso viesse a fazer diferença em um mundo ideal. O Pai Ideal, assim como a figura de uma Mãe Ideal são constructos de nossa fantasia inconsciente e reúnem as qualidades das Polaridades em alguma imagem simbólica que se torna idealizada e pode ser venerada. Deuses masculinos e Deusas femininas proliferaram no politeísmo e estão representados em rituais e religiões.

Algo de parecido se passa na nossa construção inconsciente de uma “Imago Dei” (imagem de Deus). Existem grandes diferenças no caso de pessoas que nutrem uma Imago Dei de amor e perdão e aquelas que, ao mesmo tempo, nutrem uma Imago Dei de um ser punitivo e ameaçador (o medo da punição constrói a imagem do “Deus está vendo!”). Essas duas facetas podem conviver o tempo todo nas consciências não despertas. Hoje em dia, nota-se que essas duas expressões opostas do divino imperam: adora-se uma dualidade com alto grau de incongruência, já que comumente a imagem de Deus congrega em si duas Imagens: a do Pai amoroso e a do Pai censurador/punitivo. Até na Imago Dei a falta de integração aparece.

Esse é um dinâmico processo que pode desdobrar-se ao longo de muito tempo.

Pessoalmente, internalizamos o modelo moral e preconceitos de todos os tipos em uma estrutura tornada inconsciente: uma espécie de voz interior que é tomada como sendo a nossa voz. Durante a infância e até a idade adulta, quando eventualmente a criança deixa a casa dos pais, essa internalização, que aparece como um autojulgamento, estará estabelecida no seu íntimo. A polarização com os pais é mantida por meio dessa voz. Aquilo que um dia foi exterior à criança – a educação pelos pais, os julgamentos que censuravam e puniam – agora aparece interiorizado nela. Essencial é conseguir reduzir o diálogo interno e aprender a ouvir mais do que falar. O Ego precisa se ofertar para um diálogo, silenciar e esperar um sinal, dando oportunidade às manifestações espontâneas. A voz composta de impropérios morais é representativa de um conjunto de valores adquiridos, composta quase que inteiramente por crenças adquiridas, e progressivamente passa a ter menos força se for confrontada com uma outra voz que pressione por uma integração e evolução. A fofoca interna cheia de maledicências e julgamentos adquiridos não corresponde sempre à fala da Sombra, e sim a um senso de dever e de moralidade internalizado. Nas sessões de terapia psicológica, esses “assuntos” são

obrigatórios. A aproximação do Ego consciente com a Sombra Pessoal é muito desafiante do ponto de vista moral e ético. Temos que dar uma voz à Sombra, e ao Inconsciente, outra voz. Temos que dar ouvidos ao que essas “partes contrárias” tiverem a dizer, só que, no diálogo, temos também muito a dizer e a relativizar o que “está posto”.

Inversamente, uma criança que cresceu sendo respeitada ou bem aceita internalizará essa noção de “bom” e projetará o “ruim” fora de si com consequências diametralmente opostas. Quando se vir fora da família, terá que aprender que a aceitação de si mesma varia enormemente nas situações extrafamiliares. Se esperar o mesmo padrão de aceitação por parte de outras autoridades (que não os seus pais), terá que realinhar todo o seu sistema de valores e de crenças. Podemos imaginar um MF Homo bem aceito em sua família, mas exposto a um ambiente escolar, profissional, organizacional, religioso ou militar onde suas preferências sejam consideradas algum tipo de patologia. Aí se instala um grande conflito adaptativo.

Outros poderes dentro de nós pressionam para uma completude, para uma evolução, um desenvolvimento que nos aponta o possível, o ideal, o sonhável e tem um alcance muito maior. Cabe a cada um de nós escolher qual parte de nós merece ser ouvida e tomar decisões pertinentes. É necessário despertar o universo do possível e do alcançável em um confronto cada vez maior com o do limite, do bloqueio, da inércia e da compulsão de se repetir. É necessário Sonhar nossas possibilidades e criar compromissos pessoais e compromettimentos com nossa vida interior.

Dando continuidade, portanto, um menino ou menina que tenha sido criado(a) por uma FF (exagerada), passiva, conformada que nunca teve vida própria, que pensa sempre unicamente nos outros (em especial os filhos) e que quase nunca exerceu vontade e desejo nas suas escolhas mais pessoais, poderá imitá-la ou, vice-versa, poderá, ao longo de toda a sua vida, evitar, por todos os meios, a imitação do estilo dessa mãe e negar veementemente essa possibilidade. Essa pessoa crescerá se esforçando na construção de um estilo de vida que seja o contrário de sua mãe, esse modo de ser pode ser chamado de estilo “Antimãe”. Caso isso aconteça, estabilizar-se-á em uma noção de “antimãe”, englobará aspectos negados na personalidade e nas ações da mãe real (Individualidade, autoestima elevada, assertividade, poder de decisão).

Ao contrário, caso se identifique positivamente, a imitará e replicará o exemplo experimentado nos próprios modos de ser, pensar etc.

Exagerei os estilos dessa “Mãe” e desse “Pai” de propósito, como um recurso para que a gente consiga entender como os Opostos se manifestam e se estabelecem na nossa estrutura egoica e no nosso Inconsciente Pessoal. Enfatizei aqui alguns exemplos de como nos expomos ao desafio de nos Identificarmos (positiva ou negativamente) desde a primeira infância. Os exageros, em especial, tanto para um lado quanto para o outro, sempre são marcantes para nós. Exemplifiquei aqui um Pai de estilo muito frio/seco (duro e rígido) e, vice-versa, uma mãe excessivamente altruísta, despersonalizada e submissa (Úmida).

Esses são apenas exemplos de como se instalam as Identificações Positivas e/ou Negativas em nossa personalidade. Todas as nossas experiências de vida concorrem para essa construção e estruturação, o que inclui necessariamente família, escola e vida profissional.

Se o leitor quiser ter uma boa ideia do que está na sua composição pessoal de Identidades Positivas e Negativas, faça uma lista. Pegue uma folha de papel e separe-a no meio. Coloque um cabeçalho chamado:

Amo isto... Adoro isto... Eu sempre.....gosto de, sempre fui assim, prefiro, sempre faço assim, adoro gente do tipo etc.

Coloque opiniões e pontos de vista que causariam uma reação com tonalidade emocional positiva.

*Completem a lista com outro cabeçalho chamado: Odeio \_\_\_\_\_.*

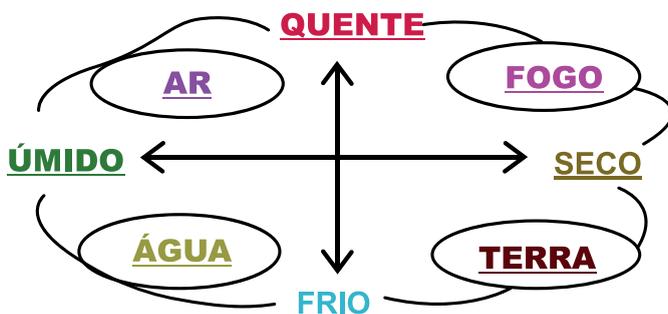
2- “Eu nunca .....gosto de..., odeio..., não simpatizo..., nunca faria..., jamais pensaria assim..., odeio gente do tipo... etc.”

Complete com a maior honestidade possível e se verá podendo criar uma noção do seu lado “Sempre” e do seu lado “Nunca”.

Os “EU SEMPRE” e os “EU NUNCA” são muito instrutivos. Nessas áreas residem nossos preconceitos e julgamentos para tudo. Luz e Sombra pessoais se tornam visíveis nessas listas.

As Identificações Parciais do Ego, de qualquer tipo, envolvem todas as áreas da vida e podem ser atividades, esportes, tipos de arte, torcer por clubes, comungar com facções, integrar partidos, países diferentes do nosso, preconceitos de raça, de língua, de cor e assim por diante.

Conhecemos, todos nós, os que se sentem desconfortáveis quando obrigados a uma “inércia total” enquanto existem outros que se sentem desconfortáveis se expostos a uma atividade incessante. Há amantes da atividade (quentes) e amantes da inatividade (frios). Dando alguns exemplos das qualidades associadas a cada tipo, neste quadro se pode entender algo sobre diferenciações e tendências a que somos induzidos:



Fonte: WEISS, Adolf. *Astrologia Racional*.

As Quatro Qualidades primitivas se apresentam assim:

**Quente:** é o princípio expressamente ativo, manifesta-se como força que tende ao vasto. Provoca o movimento expansivo/centrífugo ativo. Distingue-se como excitante, estimulante, impulsivo.

**Frio:** A principal faculdade é a concentração. É o fator determinante de toda condensação e defesa, provocando um movimento centrípeto de reflexo. Favorece o desenvolvimento de uma natureza reflexiva e meditativa.

**Úmido:** Princípio inteiramente passivo. Sensível, brando e plástico, possibilita flexibilidade e mobilidade no sentido passivo da palavra. Por carecer de forma própria, favorece a variedade. Favorece o desenvolvimento de uma natureza sensitiva.

**Seco:** Determina um veemente esforço de energia. Apresenta-se como decisão, precisão, rigor, obstinação e veemência. Tem um caráter tenso. Favorece o desenvolvimento de uma natureza apaixonada.

Essas classificações são um legado da Mesopotâmia, egípcios e gregos. São conhecimentos presentes na tradição astrológica de todos os tempos.

E... os opostos se atraem? Claro que sim. Eles inclusive se complementam e se tornam inseparáveis. Daí temos o metódico e o caótico, o ordeiro e o desordeiro, o conformista e o rebelde/revolucionário. Temos o que constrói e o que destrói. Temos o conformado e o revoltado. Existem os agentes da manutenção e da segurança, assim como existem os agentes da revolução e da transformação. Existe o hábito e existe a mudança. Existe o conhecido/familiar assim como existe o desconhecido/estranho. No nosso universo de interações humanas, todas as tendências concorrem para o resultado final, com os mais variados tipos se apresentando, porém a uniformização social é buscada no sentido de evitar os conflitos obrigatórios.

Na Astrologia, o trabalho com Sinastrias deve incorporar a noção de que o par é constituído de complementariedades inconscientes de parte a parte.

Para o Universo, todos têm a mesma importância, o mesmo valor para o TODO, concorrendo ativamente para o equilíbrio de tudo e de todos.

A Polaridade, em si, não dá garantia para que uma Identificação aconteça, depende de a pessoa ser vocacionada para isso e depende de a pessoa ter sido orientada também. Depende, inclusive, de possível acordo/desacordo entre as partes envolvidas.

Não havendo como garantir a Identificação dos Machos com a Polaridade Masculina e das Fêmeas com a Polaridade Feminina, cada cultura, pelo tradicionalismo inerente de seus integrantes, ficava obrigada a superar essa indeterminação/indiferenciação através da repressão e da censura, pois de outro modo não existiria garantia alguma. Como eu disse: *as Polaridades representam inclinações, mas não obrigações.*

Como um exercício, podemos imaginar o que acontece se um macho for exposto a uma educação inteiramente feminina (lembremo-nos daqueles exemplos de pais que queriam uma menina e se recusaram a criá-lo como menino) e o mesmo se imaginarmos uma fêmea sendo educada como menino. Esses exemplos já aconteceram em todo lugar. São possíveis temas para filmes, literatura, arte, porém ocorreram em famílias de todos os tempos.

Se pensarmos em uma fêmea masculina (FM) sendo inteiramente treinada, de modo inequívoco, para ser mulher feminina (FF) padronizada, podemos imaginar algum obstáculo, pois há uma vocação masculina nela que não conseguirá se identificar com a manifestação cultural da Polaridade, ou seja, o feminino nela não é “preto no branco” como na cultura. Provavelmente, a menina vai querer jogar futebol e participar de jogos competitivos. Na sociedade Espartana, na Grécia antiga, de forte Polarização Masculina, as mulheres também passavam por um treinamento de combate. Na Grécia antiga, a polarização entre a democrata Atenas e Esparta é um exemplo de Polarização Social e Coletiva.

De modo complementar, imaginemos um macho vocacionado a ser feminino (MF), nascido numa sociedade ou família machista, ele não se sentirá confortável a ser exigido apenas e tão somente a se comportar de modo compatível com o Polo masculino, sendo que essa Polaridade cultural e seus papéis prescritos não o atraem do mesmo modo que a um macho masculino (MM) típico.

Um menino com vocação feminina precisa ter na cultura um ambiente favorável para desempenho do seu papel natural, pois há necessidade de “homens femininos” em inúmeros departamentos da vida cultural, sem que se obriguem homens a ser homossexuais. Essa polarização, apenas como exemplo, acontece quando um macho se sente vocacionado para a Arte, profissões humanitárias ou assistenciais, quando houver interesse e prazer em curar, proteger, sustentar ou ajudar. São tipos de homens que se comprometem naturalmente com a preservação e proteção da natureza. Essas são apenas algumas das expressões da polaridade feminina no tecido cultural e nada possuem de estranho ou patológico. Também não há motivo para entendermos como desviantes do padrão masculino, pois muitas realizações e transformações positivas nas famílias e sociedades se deveram a pessoas desadaptadas a seus papéis prescritos. Do mesmo modo, uma fêmea pode se sentir incompleta e em dívida consigo mesma se não se sentir vocacionada a ter filhos, desejar constituir uma base para uma família e por aí vai.

Continuando a reflexão: ao contrário da Fêmea, o macho humano tem seus órgãos dotados do poder de espalhar para fora seus conteúdos, extrovertidamente agindo como um espalhador de sementes. Ele tem menor interesse (do que a fêmea) no envolvimento e na

manutenção do relacionamento. Sua direção centrífuga e extrovertida o leva a ter desejos de exploração e de expansão para todos os lados e para todos os aspectos da vida objetiva. Sob o ponto de vista da sobrevivência da espécie, podemos imaginar que esta fique satisfeita com a pluralidade no interesse sexual do macho, pois seu objetivo de espalhar o máximo possível de sementes de novas vidas estará garantido e satisfeito. Depois de me perdoarem pela crueza, compreendam que existem algumas “lógicas simples” na nossa vida instintiva.

Assim como nesses exemplos, as perversões das tendências naturais implícitas nas Polaridades podem se encontrar nos mais variados graus de manifestação, tanto em machos quanto em fêmeas, pois as Polaridades não são um roteiro enrijecido/imutável, e sim uma espécie de “sugestão”. São funções que nos atingem como uma Energia, uma dicotomia entre polos negativos e positivos. Elas existem e atuam em um plano supramaterial, podemos identificar suas manifestações e categorizar em palavras, mas em si, as Polaridades, os Opostos, existem em um plano acima das manifestações materiais que possam provocar. São como indutores de manifestações de si mesmos, mas todas as suas significações não extinguem o seu sentido ou finalidade. Existe um algo mais que sempre anuncia probabilidades e alternativas outras, das quais podemos não ter consciência.

A mutabilidade, como um movimento entre os polos envolvidos, é uma complementação perfeitamente natural no sentido energético, mas indesejável e inoportuna em ambientes culturais rígidos e formais.

A rigidez e repressão são típicas da cultura e demonstram a insegurança da família e das instituições educacionais por não poderem garantir que a polaridade desejada, hábitos, costumes, se incorporem nos corpos dos machos e fêmeas. Existe o temor na educação e na família patriarcais de que a mutabilidade natural das Polaridades e o intercâmbio (mudanças, variações, alternativas) se produza nas personalidades e no exercício de papéis sociais prescritos. Há alguma tolerância se o Macho se mostra mais feminino e a fêmea um tanto masculina, mas esses desvios só são tolerados na medida em que os papéis prescritos pela biologia não sejam ameaçados. Quando alguém manifesta preferências sexuais pelo mesmo sexo, daí a situação logo se transforma e a censura se apresenta.

O relacionamento, entendido aqui como uma complementação entre os Opostos, acontece tanto nos casais heterossexuais quanto

nos homossexuais, não se nota qualquer diferença no processo de interdependência e de procura de compensações de um pelo outro. As consequências para os envolvidos são idênticas.

As definições de Gênero Masculino e Feminino nascem com bases biológicas e se tornam institucionais com o tempo, inclusive gerando normas, regulamentos, leis e costumes, rituais etc. O menino e a menina são instruídos paulatinamente quanto a comportamentos, pensamentos, valores, sentimentos, e tudo isso se apresenta coordenado a um modo de ser característico daquela cultura. Tudo isso corresponde a um peso e pressão que a cultura atribui a cada ser em desenvolvimento dentro de seu território. O menino tem o seu futuro pré-estabelecido assim como a menina.

Existe um sentido inerente a isso, espera-se que as tendências *entendidas como naturais tenham* oportunidade de se expressarem na vida de todos, porém essa é apenas uma expectativa e um desejo dos pais e autoridades, pois Polaridades sempre foram independentes disso e extravasam seus efeitos para além das categorias e departamentos que as culturas e costumes sociais pretendam enquadrá-las. Os instintos básicos são poderosos e dirigem as ações de modo bastante dominante. As experiências fora do padrão prescrito sempre existiram e sempre existirão. Cada qual vai ser condicionado para que se comporte dentro do que ali se considere normal e comum. A normose (a pressão e obrigação de ser normal) é a regra e todos a conhecem e cultuam, de diferentes modos e com variadas ênfases, mesmo dentro de uma mesma cultura. Recentemente isso recebeu um nome como o de “instinto de manada”.

A pressão íntima para uma realização de ditames biológicos não depende tanto assim dos padrões e valores sociais. Não parece ser fruto da vontade de ninguém em particular. Tanto é que se pode imaginar um macho que se sinta em débito consigo mesmo, ou seja, em falta com os seus impulsos biológicos/procriativos, caso esse macho não esteja motivado, nem se comportando, de modo a espalhar o máximo de espermatozoides pelo máximo de úteros que puder. Isso parece chocantemente impessoal, não é mesmo? Quem pode contestar a funcionalidade do instinto sexual da espécie em tornar o macho humano 365 dias por ano disposto a copular, acaso isso não serve para que ela, a espécie, sobreviva em um ambiente difícil, perigoso, com muitas mortes e acidentes de percurso?

Lembre-mos da premiação máxima que a Vida conferiu (o orgasmo) à concretização energética da cópula biológica. Essa ênfase (o maior prazer possível) não está ali por acaso, mas é fruto da necessidade. Como sabemos, a função necessária (sobreviver) determina a construção de estruturas e sistemas (genitais externos e internos). O prêmio ao uso das estruturas e sistemas genitais e procriativos é então conferido aos envolvidos.

Naturalmente, nesse terreno, satisfação e frustração andam sempre juntas com evidentes efeitos em ambas as direções.

Quem pode deixar de verificar um efeito inconsciente e poderoso numa paixão ou numa compulsão de acasalar com determinado parceiro? Quem pode lutar ou resistir a uma pressão interna que desliga até as funções de consciência e de decisão moral em prol da realização pura e simples de desejos e paixões, tesão ou envolvimento? Essas são expressões do efeito energético das forças inconscientes a ditarem os rumos. Relações entre casais podem se circunscrever aos aspectos práticos, mas estou falando daquelas que transcendem essa praticidade mais pedestre e atingem cumes de realização inclusive sentimental ou espiritual. Não é obrigatório sob o ponto de vista biológico, mas que é possível e desejável isso ninguém pode contestar.

A parte energética de uma paixão é abastecida de energia e esta é predominantemente inconsciente, fora do controle e muitas vezes se opõe aos desejos e intensões dos egos envolvidos. O que é característica egoica e, geralmente, não se apresenta no início dos relacionamentos é o desejo de controle e a possessividade; ou seja, a insegurança e o medo de perder, que podem desencadear episódios de ciúmes e de totalitarismo no controle de um sobre o outro. Algo muito presente em casais, tanto hétero quanto homossexuais. Dentro da estrutura de interdependência de um casal, de qualquer gênero, dito normal, esses episódios são de se esperar, só constituindo desequilíbrio quando exagerados. Enquanto a insegurança não se insinuar, o casal vive momentos de envolvimento e de entrega, acontecem sincronidades e coisas mágicas se apresentam, intuições e “ligações mentais” à distância, devido ao empenho da energia inconsciente, ou seja, o empenho da vitalidade e da interdependência entre os envolvidos nessa relação.

Cada metade se oferece para o ritual de completude que é o encontro com a Polaridade oposta propiciando um equilíbrio que na

solidão não se mostrava possível, principalmente devido à quebra no par de opostos dentro da psique individual. Essa tensão entre os contrários ou entre os opostos, complementando-se mutuamente, acaba ancorando – por tempo geralmente menor do que o desejado! – os interesses e a atenção de um parceiro pelo outro. Então um “não larga do outro” e a interdependência se estabelece. Porém, assim que os egos começam a sentir insegurança, pois a intensidade da energia psíquica pode começar a diminuir, surge uma necessidade de garantir e de manter o objeto de prazer conquistado, daí vem a fase do controle e da atitude possessiva, e isso pouco ou nada tem a ver com a questão energética ou com as Polaridades, tem mais a ver com a interferência da racionalização egoica, com base em medos e traumas passados (se existiram), haja vista que afetam ambos os sexos e pelas mais variadas razões e justificativas. Certa vez nomeiei o Ciúme como “uma insegurança à procura de um motivo que a valide”.

A parte energética de nossa psique se destacou e até se isolou do aspecto procriativo/biológico. Os relacionamentos se transformaram a partir do momento em que o controle da natalidade se tornou fácil e disponível a todos. A tendência para a experimentação e a alternância típica da dinâmica entre as polaridades se libertaram dos limites estreitos e passaram a explorar alternativas. A atração pela relação sexual permanece, porém torna-se menos vinculada à complementação macho/fêmea.

Voltando à questão mais genérica ou coletiva, temos que entender que tendências e direções contrárias ao que está estabelecido como regra, em uma sociedade, podem ser objeto de Identificações por parte de pessoas e isso pressupõe algum sofrimento e conflitos da pessoa na sua adaptação e aceitação pelo meio social.

Um machão típico ser advertido de que *seu lado feminino não só existe como também participa de todos os seus conflitos e dificuldades*, é algo indigesto para o Ego desse homem. Muita energia é gasta para manter calado (Sombrio) o seu lado feminino. Nas relações com os outros, ele manifesta projetivamente essa repressão mantendo as fêmeas de seus relacionamentos e de sua família, de preferência, submissas e incapazes de comandar as ações. Há um custo energético na manutenção de uma Sombra feminina reprimida e o machão típico paga essa conta através da reafirmação peremptória e inofismável de suas escolhas vocacionais em termos de Polaridades, adquiridas

ou não. Contestado em suas atitudes perante o feminino, ele pode chegar à agressão e violência.

São também bem conhecidos os casos em que acontece um conflito entre Personalidade e Persona, pois um MM/patriarcal pode ter um papel profissional totalmente compatível com o que a cultura espera dele, enquanto, em outras áreas da vida, poderá manifestar exatamente o contrário e tendo real prazer ou satisfação nisso. Podemos imaginar, p.ex., um MM patrão/gerente/durão que troca de polaridade no lar e na família (no lar quem manda é ela e talvez se comporte como uma espécie de mãe dele). No entanto, foi marcada uma reunião de fim de ano e todos os funcionários, assim como ele mesmo, levarão suas famílias. Então, ele se vê numa festa que reuniu a própria família e seus funcionários ou comandados *em um mesmo tempo e lugar*, e acaba sofrendo pelo conflito entre papéis contraditórios (patrão/gerente/patriarcal e seu lado passivo/feminino/sentimental, antes restrito ao lar). *Ele não experimentaria o conflito se esses papéis não estivessem se misturando em um mesmo tempo e espaço.*

No íntimo de um MM exagerado, ocorrida uma cisão, ele vai fazer fofoca íntima para julgar negativamente o lado negado em sua personalidade, assim como a FF desequilibrada fará fofoca íntima negativa com o lado negado na personalidade dela.

Também com relação aos outros, o mesmo processo acontece (o da negação/demonização do Oposto negado na Personalidade) e então a mulher identificada com o Poder e a Força (FM) vai julgar negativamente as mulheres passivas e submissas. O homem MM identificado com o Poder e a Força vai julgar negativamente os homens passivos como fracos, tímidos e covardes.

Poder, força, conquista e competitividade são de polaridade masculina e podem estar presentes tanto em homens quanto em mulheres. E o mais interessante é que isso nada tem a ver com a escolha do papel sexual de cada um. Um Macho Feminino (MF) pode ser heterossexual, assim como sua contraparte polar, a Fêmea Masculina (FM) também pode ser heterossexual, pois nada obriga que exista uma atração ou paixão pelo mesmo sexo. O homem que ama outros homens e a mulher que ama outras mulheres e as desejam para relacionamento estão na mesma busca: a da complementariedade

das Polaridades. O mito do encontro cósmico com a “cara-metade” possui essa base natural.

***Mulheres masculinas e homens femininos? Polaridades ajudam a entender a questão atual...***

De modo complementar, podemos ver homens assumindo papéis e cumprindo funções antes entendidas como femininas, mas para estes fica a sensação de que o poder foi perdido e fica a sensação de uma involução ou marcha a ré. No passado, o homem “ia para a batalha” no exterior e a mulher ficava no território, fixando um senso de apego emocional ao lar e à família.

Ainda que esses sejam instintos naturais do Masculino e do Feminino, a especialização de papéis é artificial e exagerada. O homem masculino quase só vinha para o lar/a tribo/a nação para se curar das feridas e encontrar algum repouso e segurança, enquanto as mulheres femininas lhes proporcionavam filhos, alimentação, agricultura, curas e sossego, significando uma interdependência de papéis complementares correspondentes a Pares de Opostos naturais.

Se pensarmos nas consequências da progressiva assimilação e identificação das mulheres com o seu lado masculino, resgatando-o das Sombras e passando a ter uma Personalidade mais assertiva e combativa, podemos encontrar também os exageros e especializações. Daí surgem as Fêmeas Masculinas Desequilibradas, exageradas, vou tentar uma descrição do que pode ser muito comum quando isso acontece. Alguém pode se identificar no todo ou em partes, sem problema, pois vou me limitar a algumas possibilidades enquanto existem muitos outros tipos de transtornos e exemplos possíveis. O processo é o mesmo no caso do Macho Masculino exagerado, mas os resultados diferem bastante.

Quando digo “Desequilíbrio”, estou significando preferência, dicotomia, unipolarização e quebra radical no Par de Opostos.

A assimilação, por parte da mulher, das polaridades masculinas, resultou, em um primeiro momento dessa adaptação e evolução, no abandono e desidentificação – por parte das mulheres – para com as polaridades femininas, com consequências tanto psicológicas quanto orgânicas. A repressão e preconceito para com as Polaridades Femininas tornou-se regra geral tanto para homens quanto para mulheres.

Por exemplo, o tempo ficou escasso para a mulher que, em especial, tenha assimilado para si a função de se profissionalizar, eventualmente ser a provedora do lar, pois ela incorporou papéis e funções antes atribuídas aos homens. Constitui uma sobrecarga capaz de acentuar desafios e levar a disfunções. Ela quase sempre não consegue abandonar, de todo, os papéis de mãe e de administradora do lar. Quando o seu sucesso financeiro acontece, ela, geralmente, paga substitutas para ela mesma, a babá, a cozinheira, a empregada doméstica, o transporte dos filhos até a escola e outras funções que antes poderiam ser desempenhadas por ela. Não por acaso ela passa a contratar outras mulheres que, no geral, podem representar o tipo FF. Espero que ninguém se ofenda com essa minha descrição, como se fossem julgamentos meus. Apenas reuni algumas distorções comuns nesse desequilíbrio.

Essa FM pode acabar desequilibrada e então sofre com o rompimento íntimo ocorrido, pois uma natural identificação e uso da Polaridade Feminina torna-se inalcançável. De modo radical, até mesmo suas conexões humanas com ela mesma podem se deteriorar em pouco tempo: seu sono (repouso) acaba comprometido, seus ciclos naturais (menstrual, digestivo, amamentação, gestação) parecem-lhe incômodos e injustos. Ela fica desequilibrada com consequências como o estresse, a irritação, a insônia, a falta de apetite sexual, o radicalismo nos pensamentos, a impaciência e a revolta. Poderá mostrar-se em completa indignação diante das exigências que lhe podem ser feitas para que retome ou exerça papéis e funções femininas. Para ela, assim como para o machão, parecerá uma marcha a ré, um descenso. A autoexigência mais comum nesse desequilíbrio da FM Desequilibrada é a busca da Perfeição e a sua identificação com o Poder, que a fazem pensar que ela “pode tudo”, “aguenta tudo” e que não pode nem deve se sentir fraca nem incapaz, e, menos ainda, demonstrar algum tipo de impotência. O resultado é que a FM Des acaba sem uma noção equilibrada dos alcances e limites naturais para si mesma. Temos como resultado a “superfêmea”, heroica e escrava de sua autoexigência exagerada e radical. Ela costuma ter opiniões firmes e indiscutíveis a respeito de quase todos os assuntos. A identificação com o lado Potência (de Polaridade Masculina) a faz sentir inferioridade e desprezo por seus limites naturais e nutrir expectativas exageradas quanto aos seus alcances. Há hora, tempo e lugar para tudo, e quando a situação exige que ela saiba esperar, ficar

quieta, aguardar, deixar o tempo passar e ficar quieta no seu canto, aguardando os acontecimentos e a hora certa de agir, provavelmente acontecerá de ela se precipitar, se antecipará às ações dos outros, sendo impaciente, não sabendo dar tempo ao tempo, forçando as situações, deixando de confiar na “natureza espontânea dos processos universais” e, muitas vezes, acaba estragando até o que ela mesma queria que acontecesse.

Não se pode deixar de notar que ela é uma lutadora, nunca descansa, ambiciona o melhor, mas pode ter perdido a fé (que é um dos grandes talentos da Polaridade Feminina). Ela agora quase só confia na sua própria ação e só conhece a experiência da Certeza, mas ter esperança pode faltar na sua fórmula pessoal, então não espera mais nada de ninguém nem da providência divina. Ela busca estar sempre ativa e, não demora, começa a prejudicar ou comprometer seus ciclos de sono, atividade e repouso, menstruação e digestão. Ela assume responsabilidades e compromissos mais e mais. Qualquer situação que signifique fraqueza ou dependência do que quer que seja, será afastada propositalmente, e mesmo diante da oportunidade de se livrar do peso das responsabilidades excessivas, ela sente culpa, se recrimina, assumindo até o que poderia delegar para outros. Ninguém pode fazer nada melhor do que ela. Os desequilíbrios podem tornar-se cumulativos e crescentes.

Ela passa a viver em conflito permanente e em impagável dívida consigo mesma, e a autoexigência a faz sentir-se sempre incompleta, e então ela pode passar a escolher, para compensar-se, o consumismo (roupas, carros, imóveis, joias, vida de celebridade, operações plásticas ou o que quer que sirva a esse propósito). A Persona dela passará a se preocupar em demonstrar *Status* e importância. Também poderá se esforçar para a obtenção de mais e mais diplomas, certificados ou especializações, pois nela a intelectualidade ganha importância e privilégios. Naturalmente, surgem os tratamentos caros de beleza, as plásticas para a silhueta, o desejo de vencer a velhice e permanecer jovem para sempre, o uso de roupas que só pessoas vencedoras utilizam, grifes e marcas de sucesso. Ela se exige, mais e mais.

Relevem meus possíveis exageros nessas tentativas de descrição dos desequilíbrios.

De modo semelhante, muito disso costuma aparecer no MM Desequilibrado, já que ele apresenta muitas atitudes e comportamentos

do tipo: pouca empatia com os sentimentos dos outros. Ser alguém excessivamente competitivo e desleal no ambiente de trabalho, ser insensível aos sentimentos dos outros, falar sempre muito bem de si mesmo enquanto nutre fantasias de sucesso ilimitado, inteligência excepcional ou vocação para o comando. Quando assume algum papel de poder, pode ter um comportamento impiedoso, frio e até cruel. Pode se gabar de que seu único defeito é ser perfeccionista. Passa por cima de todo mundo como um trator. Seu interesse por símbolos de *status* e a vaidade pela sua importância podem se tornar incômodos para os outros.

As descrições acima esboçadas são apenas as de um grande desequilíbrio, porém este pode aparecer, para homens e mulheres, não apenas com essas feições, mas aparecendo em muitas outras de outro tipo ou apenas em algumas, dependendo inclusive do grau de desequilíbrio atingido, maior ou menor.

A mulher que se desequilibra com o seu lado feminino jamais imita a mãe, especialmente se esta era um típico exemplar da passividade e devoção feminina ao marido, aos filhos e ao lar. Ela acaba sofrendo, por consequência, de todas as doenças antes comuns aos homens, como crises quanto à realização profissional, estresse, úlcera, insônia, sentindo-se sem o direito ou a liberdade para viver uma vida para si mesma.

Vice-versa, uma FF exagerada, nos tempos presentes, sentir-se-á alvo das críticas ao se comparar com todas as exigências sociais para que a mulher se empodere, algo que ela não nutre como um real desejo pessoal. Hoje é motivo de grande confusão o fato de que é hora do Feminino se empoderar para corrigir distorções que estão levando o mundo ao perigo da destruição. Nutre-se hoje a ilusão de que são as Personalidades (e os egos de mulheres) que se devam empoderar.

Esse exagero se nota nos roteiros dos filmes, hoje comuns, onde os personagens heroicos, ativos e decisivos são, cada vez mais, desempenhados por mulheres egoicamente empoderadas e nem se pode descartar a possibilidade de que, nos roteiros futuros, caberá ao personagem masculino o papel de “ter seu tornozelo torcido e precisar ser carregado pela heroína” (quase toda personagem feminina, antes dos anos 70, passava por essa situação nos filmes de aventura!).

Hoje em dia, os personagens heroicos femininos são uma caricatura dos papéis tradicionalmente atribuídos ao homem (em

desequilíbrio) e ainda não traduzem uma libertação da mulher com relação aos papéis prescritos. A atriz, nesse caso, macaqueia e papagueia do mesmo modo como um homem faria. Uma compreensão maior quanto às propriedades naturais de cada Polaridade se evidenciará em roteiros e personagens que traduzam uma integração mais natural e espontânea para as personagens femininas. O heroísmo feminino poderia representar outros pressupostos e perseguir diferentes objetivos.

A simples transposição do papel masculino do herói para uma personagem feminina não demonstra necessariamente uma integração. Não é por acaso que o livro que mais circula nos meios internos de Hollywood é “O mito do Herói” de Campbell, mas infelizmente só algumas propriedades do Herói, bem descritas no livro, tornaram-se comercialmente aceitas e disseminadas. No mais das vezes, o herói dos filmes é um desequilibrado a favor da Luz e do Direito, o que torna mais fácil que aceitemos seus exageros e defeitos em prol do Bem maior.

É preciso advertir, a todos quantos precisem ser advertidos, que a quebra no Par de Opostos e as Identificações Parciais do Ego (que se criem a partir disso) são o resultado de um processo inconsciente e que todo o esforço do Ego para despertar para esse fato é oportuno e válido. Não se limitem a considerar que somos compostos de Ego e Sombra, pois somos também formados pelo mar inconsciente e seus potenciais infinitos, imprevisíveis ou surpreendentes. Somos também imitadores compulsivos dos valores e crenças comungados na cultura, quer como rebeldes, quer como conformados a esses.

Um Ego humano (masculino ou feminino) rompido com o Inconsciente ou a Natureza interior precisa se recompor com suas origens, suas fontes, resgatando a conexão com suas raízes naturais.

A quebra, geralmente radical, no Par de Opostos não facilita a reintegração dos aspectos negados na Personalidade. Algo importante é perdido e, pior, o Ego nem mesmo se dá conta de que está dividido e compartimentado. Algo completo na sua essência, com o tempo, tornou-se incompleto.

O desafio para quem interpreta uma Mapa Astrológico ou oferece uma terapia de equilíbrio nas Polaridades torna-se crucial:

orientar a pessoa para conscientizar o seu centro, seu eixo natural e atualizar em vida o seu potencial humano.

O despertar para a aceitação do “outro lado” pode transformar a experiência personalista e restabelecer a integralidade perdida. Para tanto, torna-se necessária uma função a que podemos chamar de Consciência Integrativa, que obviamente representa uma função que vai além do ego e que o engloba.

Não há mal algum em dar exemplos do efeito de nossa capacidade de imitação e das Identificações Egoicas, já que muitos de nós perderam a capacidade de manter certa distância com relação a escolhas mal construídas sob as quais acabamos submissos.

Já que todos julgamos e atribuímos nomes e adjetivos a todas as coisas, experiências, pessoas e circunstâncias percebidas, convém despertar para o fato de que nossa percepção é muito mais o reflexo do que projetamos na realidade do que a realidade por si mesma. *Tudo que sabemos sobre a Realidade é a interpretação que dela fazemos.*

Por outro lado, a Consciência Integrativa, nesta nossa reflexão, não deve ser confundida com a consciência egoica, pois ela é aquela parte em nós que se mantém isenta das escolhas emocionais, um tanto indiferente quanto a parcialidades e pontos de vista. *Sob a ótica da Consciência Integrativa, o conhecimento de que nossas identificações egoicas são circunstanciais nos dá alguma isenção e democratiza nossos julgamentos a respeito de tudo. A harmonização e diplomacia entre as várias facções e pontos de vista humanos depende essencialmente de que essa evolução egoica se torne possível. Isso se aplica à sexualidade, visão política, cor da pele, diferenças filosóficas, religiosas etc.*

Resgatar essa atitude mais aberta e mais espontânea diante da flexibilidade adaptativa que todos possuímos é a tarefa da conscientização das Identidades Parciais que, nesse sentido, são entendidas como egoicas e superadas pela realização pessoal em um grau de liberdade antes perdido. A abertura para a experimentação é comum na juventude, mas muito rara nos adultos tornados — em diferentes proporções — rígidos, insensíveis e repressores a qualquer mudança, como se qualquer mudança fosse depor contra o seu caráter e integridade. Nesse sentido, a rigidez é uma defesa natural contra a necessidade de uma mudança ou da retomada da natural tendência para o movimento e a oscilação entre Opostos.

É dessa prisão a um ego compartimentado e parcialmente estruturado que temos que alcançar a libertação, que não é nem em relação ao mundo exterior nem ao mundo interior, mas se encontra em algum “lugar” entre um e outro lado dessa oposição.

Se alguém se atrever a dizer para um típico “machão patriarcal” que ele podia ser mais feminino e passar a se comportar como um homem mais “afeminado”, ele provavelmente rejeitará isso veementemente. Se alguém disser para uma fêmea feminina sobre a possibilidade, sempre presente, de exercer outras escolhas, de outro tipo, mais “masculinas” em sua vida, ela também reagirá com negação e até reafirmará que só se ela deixar de ser ela mesma, o que espero ter conseguido demonstrar que não é nem mentira nem verdade absoluta.

Essas definições emotivamente carregadas são fruto de Identificações com Polaridades e não possuem na nossa Natureza Maior (nosso Todo) nem a permanência nem a coerência que todos gostaríamos que tivesse. Tanto no sentido individual quanto no sentido coletivo isso ocorre.

A resistência às mudanças e transformações no caminho da Personalidade Adulta, em seu processo de desenvolvimento, obriga-se pelas Identificações Parciais do Ego.

Relaxando nossa rigidez quanto a nossas Identificações egoicas, um caminho se abre e, em verdade, na crise atual de valores e de formas de ser, a cultura está a manifestar um desejo de experimentação e de procura de alternativas válido e natural, porém a certeza com que cada grupo de pessoas “diferenciadas da normalidade” procura afirmar suas escolhas e opiniões nada tem de natural ainda que represente uma defesa justificada para encobrir a insegurança inerente a suas Identificações egoicas. Essas possuem suas bases em um esforço rígido pela sua manutenção e, às vezes, reforçadas pelos regulamentos comungados naquele meio em particular.

Nesse processo a que estou chamando de Consciência Integrativa não acontece a inflação egoica comum aos inseguros e àqueles partidários de facções de todos os tipos. O perigo de uma inflação é real e sempre precisa de medidas corretivas, já que a vaidade egoica é onipresente. O processo energético é novidade na evolução humana, pois agora os polos, as polaridades se manifestam na

psique individual e não são experimentadas apenas nas relações com o mundo objetivo ou com os outros.

Havendo uma evolução, sobe-se um degrau e a tolerância para com os contrários torna-se natural. Pessoas que navegam nesse “meio-termo entre os Opostos” dificilmente ficam infladas (Poder) e, com maior probabilidade, acabam ficando um tanto tímidas e com uma atitude mais humilde no desenvolvimento de um autoconhecimento.

Encontrar seu eixo em algum lugar no centro energético de seu Mapa Astrológico, em algum lugar entre o Ego e o Inconsciente, é o desafio de uma vida. Alguém poderá dizer que essa pode ser uma finalidade para a vida e a existência de todos nós.

Um “machão patriarcal” (cheio de convicções e certezas, reprimindo em si as incertezas inerentes) que esteja passando por esse tipo de experiência fluídica e oscilante é algo muito raro e que “vale uma vida” sob o ponto de vista da evolução da Consciência do machão.

A fêmea tem que conseguir dar limites e alcances a uma pressão coletiva que a impulsiona a amearhar em torno de sua Personalidade um “Poder” que tem sido reivindicado, desejado e venerado por gerações. Conseguir, então, passar por uma oscilação de Polaridades merece aplauso e consideração.

Uma FM (se corresponder a um tipo de funcionamento Fêmea/Masculina exagerada) reconhecer que está desequilibrada e retomar as funções femininas diante de si mesma e da realidade do mundo é um processo que “vale uma vida” e ela nunca mais será a mesma, com certeza.

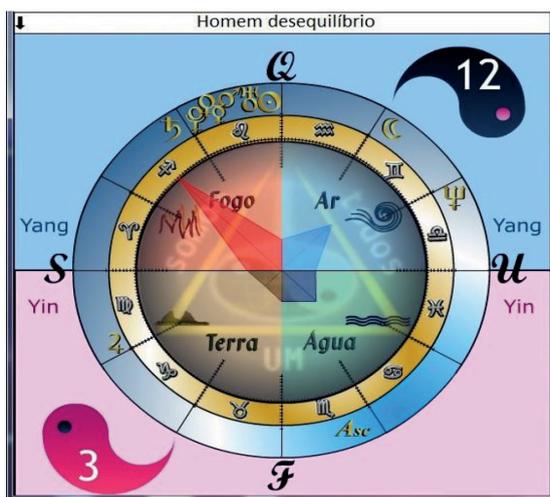
Raramente esse processo, de profundas consequências e transformações, costuma ocorrer motivado não pela vontade pessoal, e, sim, como consequência natural da pressão íntima da Sombra de cada um. No geral é motivado por algum grande conflito, é envolvido em muito sofrimento e crises de igual força, não é a rotina e a adaptação passiva que motivam algo assim: algum luto, alguma proximidade para com a própria morte, uma perda ou separação conjugal, algum tipo de trauma motivador de adaptações antes inconcebíveis sob o ponto de vista do ego. Quase sempre acaba sendo algo forçado e exigido por conflitos sérios na adaptação à vida, e contra essa pressão a pessoa resiste com todas as forças. Quanto mais a pessoa luta contra e reforça uma manutenção da parcialidade das Identificações, mais forte se torna a pressão da Sombra para uma mudança. Muitas vezes

acaba levando o próprio organismo a desenvolver alguma doença muito ameaçadora.

É mesmo difícil imaginar alguém despertando do transe da submissão inconsciente às Identificações egoicas sem ajuda de algum tipo de terapia ou de algum “Outro Eu”.

Quanto mais pronunciada alguma radicalidade e a unilateralidade decorrentes, maior é a pressão inconsciente na direção oposta. Todo radicalismo atíça a reação da Sombra no Inconsciente forçando uma compensação. O Inconsciente costuma se esforçar em compensar as atitudes conscientes costumeiras, nesse sentido ele representa em nós a pressão da Natureza, na busca de restaurar uma condição mais plena e que parece perdida. Já disse acima que uma coisa é acreditar que a Sombra esteja “fora de questão”, outra coisa é acreditar que ela magicamente desapareceu.

Alguém com um predomínio ou excesso no Mapa Astrológico terá que se recompor com seu outro lado. Imaginemos um macho com predomínio do Elemento Fogo, altamente centrado em si mesmo, tendo que aprender a ser mais altruísta, mais atento aos outros e sendo respeitoso com os desejos e interesses dele ao invés dos seus próprios.



Uma identificação exagerada com qualquer lado do Par de Opostos provoca uma necessidade de complementariedade que é então projetada no exterior. A busca daquilo que em nós está carente nos torna

susceptíveis de criarmos dependências e cumplicidades com os outros com vistas a diminuir nossa sensação de carência e incompletude.

Se colocarmos o foco da atenção sobre o casal assim formado, notaremos que *duas metades incompletas precisam criar interdependência para que alguma experiência de totalidade e integridade possa ser vivida*. O côncavo precisa do convexo e vice-versa. Essa pressão para o TODO é vivida internamente no mundo íntimo de homens e de mulheres, aparecendo de forma extremada e dependente apenas quando em desequilíbrio. Cada metade procura seu complemento geralmente com base nas suas carências particulares. No casal homossexual, o mesmo processo se apresenta com idênticas consequências. O Universo como uma reunião das partes em um Todo não parece se contentar se nós, seres em desenvolvimento, nos propusermos apenas a uma relação interesseira com tudo e com todos.

Pendendo para um concretismo, dou um exemplo caricato: dois seres incompletos, já que em cada um falta uma mão e uma perna, podem se unir, agarrando-se um ao outro e juntos vão treinar até superarem suas deficiências, vão conseguir se locomover como um só corpo, na interdependência e complementação baseada em suas deficiências. Na realidade, isso acontece muito.

Observar o quanto nós humanos procuramos nos relacionar com base em nossas carências e em nossas deficiências (não precisa ser a falta de uma mão ou perna) esclarece muito a proporção com que procuramos os parceiros por nos sentirmos incompletos e carentes daquilo que em nós está faltando.

A visão para a natureza desse processo só é possível quando abandonamos nossas identificações preferenciais (relativizando-as) e caminhamos na direção da integração íntima dos opostos negados em nossas personalidades. Só assim nos aproximamos de uma integração com a Natureza entendida aqui como sinônimo de um TODO, tanto no sentido externo (extrovertido) quanto no sentido interno (introvertido). Exteriormente representa algo como uma atitude mais ecológica e respeitosa para com a Natureza em geral e para dentro se manifesta como uma religiosidade e reverência para com os mistérios do Desconhecido (Inconsciente). Obviamente um dos resultados disso é o de nos tornarmos menos dependentes uns dos outros.

Nas pessoas ditas incoerentes, os compartimentos estanques que se organizam no ego parcializado se comportam como uma colcha de retalhos onde convivem aspectos contraditórios, irracionais, aceitos e negados, tudo formando um quebra-cabeças intrincado e, quase sempre, parecendo um tanto “esquizofrênico”, bipolar ou ambíguo.

Um ego, por definição, sofre se se mostra difuso ou pouco definido, ele precisa ser algo em que se possa confiar, que tenha fidedignidade e que seja amanhã o que está sendo hoje, que se mostre coerente com algum sistema previsível e estruturado. Essa exigência é tanto íntima quanto sentida na relação com os outros, que nutrem a expectativa de que a pessoa se comporte sempre de modo coerente com o que demonstrou no passado. Um tipo de programação repetitiva se apropria da pessoa e a transforma em algum tipo de ciborgue psíquico. Quando os outros observam nossos comportamentos, a fidedignidade para com o que afirmamos pensar, acreditar ou valorizar é cobrada intensamente. Coerentemente respondemos a isso, a menos que queiramos correr o risco de nos mostrarmos pouco confiáveis e ganharmos a fama de hipócritas, fingidos ou suscetíveis de mudanças incongruentes.

### *Referências*

“Aion”, “Psicologia e Religião Oriental”, “A Natureza da Psique”, “Símbolos de Transformação” e “Tipos Psicológicos” todos de Carl. G. Jung.

Vários autores da Psicologia Transpessoal como Daniel Coleman, Frances Vaughan, Ken Wilber, Abraham Maslow, Ram Dass, “Cosmoterapia” de Huberto Rohden “Ego e Arquétipo” de Edward Edinger “The Planets and Human Behavior” de Jeff Mayo “A Mandala do Amor” de Júlio Cesar Parreira Lima “Astrologia Racional” de Adolf Weiss. “Astrologia e Psicologia” Dane Rhudiard

## LUIZ ALFREDO VASCONCELOS



Formado em Psicologia pela PUC-SP em 1976. Especializou-se na Psicologia Analítica de Carl G. Jung. Foi professor no “Instituto Delphos de Ensino Superior” (tentativa de se oficializar uma Faculdade de Astrologia no Brasil junto ao MEC). Deu aulas no “Instituto Pieron de Psicologia Aplicada” nos temas da Psicologia Analítica.

Desde 1984, atua como moderador de pequenos grupos em consultório para estudos de temas da Psicologia Analítica e da Astrologia Humanística.

Colaborou com dezenas de publicações no portal “SomosTodosUm”. Colaborou também com artigos na revista *Piauí* (“Ciúme, o Amor Possessivo”), na revista digital *Stratto* e em variados portais na mídia digital.

Participou de programas televisivos sobre o tema “Interpretação de Sonhos”, como “Hebe” (SBT) e “Ana Maria Braga” (Globo), no canal por assinatura GNT, no canal 21 (Programa Millenium), na TV Bandeirantes (Canal Livre), na TV São Paulo (Simone Arrojo) e na TV Vida de Aparecida do Norte.

Autor do livro *Consciência Individual - o Eu perante as pressões coletivizantes*, publicado pela Editora da PUC-GO – disponível direto

por correio ou na Livraria Pulsional SP. No Facebook administra as Páginas “Sygnos” e “Astrologia Humanística”.

**Sygnos:**

<https://www.facebook.com/sygnosastrologia>

Atua como psicoterapeuta de indivíduos e casais, em seu consultório ou por videoconferência.

**E-mail:**

[lualf.psicologo@gmail.com](mailto:lualf.psicologo@gmail.com) / [luizalfredovasconcelos@gmail.com](mailto:luizalfredovasconcelos@gmail.com)

## *II*

### **PERCEPÇÕES EM TRANSIÇÃO NO SABER ASTROLÓGICO**



## CAPÍTULO 5:

# ASTROLOGIA E RELACIONAMENTOS

TITI VIDAL

Astrologia é uma área do conhecimento que nos ajuda a compreender a vida e seus ciclos e isso inclui a vida humana. Conhecer a relação entre os movimentos celestes e os acontecimentos terrestres nos ajuda a ser seres humanos melhores e muito mais empáticos com os outros. Isso melhora não apenas nossa vida pessoal, mas nossos relacionamentos de todas as naturezas.

Relacionamento, aliás, é um dos temas frequentes em atendimentos astrológicos por ser uma das áreas nas quais mais aprendemos ao longo da vida. Para nos relacionarmos, precisamos lidar, ao mesmo tempo, com nossa própria dinâmica e complexidade e, também, com a de outra pessoa, em uma fusão de aspectos que nem sempre é fácil de lidar. Mas se relacionamento sempre foi um tema importante na vida humana, é também um assunto que passa por suas mudanças e readaptações de acordo com o contexto de cada tempo e sociedade.

Se há séculos ou até mesmo décadas atrás não era possível escolher com quem íamos nos casar, cada vez mais temos liberdade para ser e viver da forma como somos e desejamos ser e viver. E a Astrologia precisa se adaptar às mudanças que acontecem no mundo.

Isso vale para o nosso olhar para o ser humano que está diante de nós, em uma consulta astrológica, ou na hora de falar sobre um relacionamento, em uma sinastria (técnica astrológica que estuda os relacionamentos), por exemplo.

Vale lembrar que o mapa astrológico, inclusive, é uma ferramenta que temos à nossa disposição para falar também sobre pessoas, e não podemos esquecer, nunca, que é sempre sobre um ser humano ou vários que estamos falando.

Ao atualizar a Astrologia que praticamos, por exemplo, atualmente não temos mais a convenção de que Vênus apresenta a forma como uma mulher age nos relacionamentos e a mulher que um homem busca, ou, inversamente, Marte não se limita a falar sobre o ato de conquista de um homem ou o homem que uma mulher busca. Felizmente, hoje, sabemos que o ser humano é muito mais complexo e diverso e que temos que praticar uma Astrologia mais moderna, holística e integrada, que permite observar nossas questões e relações de uma forma muito mais profunda e completa.

Em 2010, escrevi meu primeiro livro, um Caderno Brasileiro de Astrologia (CBA), editado e publicado pela GAIA - Escola de Astrologia, com o tema *Amor e Astrologia: em busca de relacionamentos melhores*. Nesse pouco tempo, muita coisa mudou e se atualizou. Então é a partir daí que eu começo minha reflexão.

Minha proposta com este artigo é trazer questões práticas, especialmente a partir das minhas observações e atendimentos às tantas pessoas que diariamente me permitem entrar em seus universos particulares para traduzir o céu e auxiliar em seus processos de autoconhecimento e escolhas de vida, com foco especialmente nas questões afetivas individuais e na prática da sinastría.

### ***Sinastrías***

Sinastría é a técnica astrológica que combina dois ou mais mapas em busca de compreender a dinâmica das relações. É uma técnica complexa, que inclui a análise individual de cada um dos mapas em busca do entendimento sobre quem é cada indivíduo de forma integral e como cada um deles se relaciona consigo mesmo e com os outros. A partir daí, mapas são combinados de diversas maneiras, incluindo técnicas diversas dentro da própria sinastría.

O mapa astrológico natal é uma espécie de manual de instruções que mostra quem somos, o que sentimos, do que precisamos, quais nossas necessidades emocionais, quais nossos medos, o que buscamos ao nos relacionarmos, entre tantas outras coisas.

Além disso, o mapa mostra que somos – e precisamos ser – pessoas inteiras e que tudo que faz parte de nós está presente em cada situação, incluindo um relacionamento.

Por isso o papel do/a astrólogo/a ao fazer uma sinastría é, antes de tudo, olhar seu cliente e/ou o casal como pessoas, e não apenas como mapas. Não cabe ao/a astrólogo/a querer decidir por seu/sua cliente, com base em suas próprias experiências. Quem sabe o que é melhor para os/as outros/as? Precisamos olhar e compreender e interpretar o mapa com os olhos do próprio cliente, com base no mapa que temos em mãos. E em um mundo em constante evolução e com a diversidade tão bem-vinda, o não julgamento se faz ainda mais necessário.

No fundo, o objetivo de todos é a felicidade e, em termos de relacionamentos, isso é ainda mais verdadeiro. As orientações astrológicas em uma sinastría têm essa finalidade. Ajudamos cada um dos envolvidos a se compreender melhor e viver de forma mais consciente e destacamos, quanto ao relacionamento, desafios, pontos onde as coisas podem ser mais complicadas e ao mesmo tempo as afinidades e onde a relação tende a fluir melhor.

Em uma sinastría, é possível observar questões de envolvimento, paixão, amizade, sexualidade, parceria, durabilidade, comunicação, entre outros diversos temas.

Além disso, cabe sempre ressaltar que a sinastría não é uma técnica destinada exclusivamente aos casais afetivos, mas também pode ser feita entre pais e filhos, amigos, sócios, parceiros de trabalho etc.

E o mais importante de tudo, sempre tendo cada mapa natal individual como ponto de partida, uma vez que nem sempre o que faz um relacionamento ter ou não sucesso não depende apenas de amor ou sexo, mas também de manias, valores, questões financeiras, familiares e outras.

### *Astrologia na contemporaneidade e os relacionamentos afetivos*

É possível estudar Astrologia e fazer previsões, por exemplo, porque os ciclos repetem-se constantemente, levando-nos a compreender a dinâmica de cada momento que vivemos. Por outro lado, o céu nunca se repete e isso significa que temos que nos atualizar constantemente em nossa visão de mundo e isso inclui a aplicação prática da Astrologia. Isso ficou ainda mais evidente após a descoberta dos planetas Urano, Netuno e Plutão que, ao serem descobertos, também marcaram um novo mundo que segue em constante atualização, não apenas em termos de acontecimentos, como principalmente na nossa forma de olhar para tudo que acontece na vida.

Somos fruto da sociedade na qual estamos inseridos e, querendo ou não, acabamos sendo influenciados em nossa visão de mundo. Felizmente, de tempos em tempos, acontecimentos e movimentos importantes — celestes e terrestres, sempre vinculados — nos fazem repensar tudo e nos atualizam enquanto indivíduos e sociedade.

Como filhos de uma sociedade, infelizmente ainda patriarcal, há tempos vemos as questões de relacionamento muitas vezes de forma machista e não inclusiva, sem o devido respeito às questões de diversidade que, felizmente, têm sido mais abordadas e respeitadas nos tempos atuais, mas ainda com um longo caminho pela frente em busca de mais respeito e inclusão.

Apesar de todo preconceito que, infelizmente, ainda existe, as questões de diversidade têm aparecido com mais frequência nas conversas e na mídia e isso se reflete no olhar astrológico. Nós, astrólogos, já lidávamos com questões de diversidade desde sempre em nossos consultórios. As questões de gênero e sexualidade sempre foram temas dos nossos atendimentos, bem como os temas ligados ao preconceito (algo que muitos de nós, como astrólogos, guardadas as devidas proporções, também sofremos).

Entretanto, ao buscar o tema sexualidade e relacionamento nas referências bibliográficas existentes, ainda encontramos predominantemente definições de Vênus e Marte voltadas aos mapas de mulheres e homens, especificamente em termos de relacionamentos heterossexuais.

Nos livros de Astrologia, em geral, lemos que Vênus é a atitude da mulher na conquista, enquanto Marte é o tipo de homem que ela busca, ao passo que, no mapa do homem, Marte representa o tipo de atitude na conquista, enquanto Vênus representa seu tipo de mulher.

Ainda, sobre Lua e Vênus, no mapa de um homem, seriam as mulheres e buscas de vida nos relacionamentos, enquanto no mapa de uma mulher dizem respeito especificamente às suas questões femininas e de relacionamento, especialmente voltadas às relações com homens.

Mas não podemos nos restringir a tais conceitos e visões limitadas, especialmente hoje em dia. Além da homossexualidade, temos as demais questões da diversidade a considerar. Precisamos saber como fazer uma sinastria de um casal gay tanto quanto precisamos definir a interpretação astrológica para pessoas transgênero, ou fazer uma sinastria entre um trisal, por exemplo.

Isso é um tema importante, já que mapa astrológico nunca definiu sexo, ou seja, não temos como saber, vendo um mapa astrológico, se ele se trata do mapa de uma mulher ou homem. E, desde sempre, precisamos da identificação para que a leitura do mapa seja mais precisa. Isso segue sendo relevante, porque existem as questões inerentes aos homens e às mulheres, incluindo a gestação, por exemplo.

Quando temos um mapa de alguém transgênero, consideramos o sexo que ali se apresenta. Mas, para abordarmos de forma mais profunda as semelhanças e diferenças nas interpretações astrológicas de um mapa natal e de uma sinastría, é importante contextualizarmos as questões de gênero, sexualidade e diversidade.

Isso inclui não sabermos apenas Astrologia, mas sermos pessoas atualizadas, informadas e abertas às evoluções de cada momento. Além disso, a conversa com o cliente em uma consulta se faz cada vez mais necessária, em tempos que não apenas em termos de relacionamento, mas em tudo, temos cada vez mais livre arbítrio e possibilidades. Construir o mapa junto com o cliente é a garantia do sucesso da consulta e da melhor orientação que vai gerar uma satisfação ainda maior na pessoa que busca um bom astrólogo.

### **LGBTQIA+**

LGBTQIA+ é uma sigla que contempla as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queer*, intersexo, assexuais e outras que não sejam heterossexuais.

Lésbicas são as mulheres cuja orientação sexual faz com que se sintam atraídas afetiva e sexualmente por outras mulheres. Gays, por sua vez, são homens cuja orientação sexual faz com que se sintam atraídos afetiva e sexualmente por outros homens.

Bissexuais são pessoas que se relacionam afetiva e sexualmente tanto com homens como com mulheres, incluindo homens e mulheres transgêneros, que também podem ser bissexuais. A bissexualidade, assim como lésbicas e gays, está relacionada com orientação sexual.

Transexuais são pessoas que não se identificam com seu gênero biológico. Por exemplo, uma pessoa de gênero masculino que não se identifica com ele, reconhecendo-se mulher. No caso da transexualidade, não é uma questão de orientação sexual, mas sim de gênero.

Travestis também são um movimento político de resistência

*Queer* é a denominação para pessoas que não se identificam 100% nem como gênero masculino, nem com o gênero feminino. Quem é *queer*, em geral, se considera um terceiro gênero, mais fluido e/ou andrógono, com características tanto masculinas como femininas. Nesse caso, a orientação sexual também não é definida como hétero ou homossexual.

As pessoas intersexuais são aquelas que nascem com as genitais de um sexo e o sistema reprodutivo e os hormônios de outro ou, ainda, apresentam uma anatomia que não é de um nem de outro gênero.

Assexuais são as pessoas que não se sentem sexualmente atraídas nem por pessoas do mesmo gênero nem de outro, podendo, apesar disso, envolver-se afetivamente com outras pessoas.

Já o + que se encontra na sigla LGBTQIA+ visa incluir qualquer outra condição de forma a agregar todas as possibilidades e diversidades.

### *Quem somos em um mapa natal*

Como citei anteriormente, não cabe ao astrólogo adivinhar identidade, gênero ou orientação sexual em um mapa astrológico natal. Isso sequer é possível, e o profissional astrólogo apenas pode saber isso quando seu cliente fala a respeito. Por isso uma consulta astrológica ideal inclui conversa, troca, compartilhamento de informações e a construção da interpretação do mapa em conjunto com seu cliente.

Mas, tendo as informações necessárias, conseguimos compreender a dinâmica do mapa e orientar o cliente sobre como viver seu mapa e suas relações em toda sua potencialidade.

Ao fazer a interpretação de cada ponto do mapa, inserimos o contexto do cliente na análise do mapa e atualizamos os significados de signos, planetas e casas.

### *Independente de gênero ou orientação sexual*

O Sol sempre será sua essência, assim como a Lua sempre refletirá suas necessidades emocionais e afetivas.

Podemos observar o Sol como representante do masculino e Lua do feminino em um mapa astrológico, vale lembrar que todos

nós, independente de gênero ou orientação sexual, arquetipicamente, temos sempre ambos dentro de nós. Entretanto, nem sempre Sol e Lua dizem respeito a homens e mulheres em nossas vidas.

O mesmo vale para Vênus e Marte que, diferente do que se interpretava tempos atrás, não estão relacionados necessariamente a homens ou mulheres. Vênus, no mapa de qualquer pessoa, independente de gênero ou orientação sexual, está relacionado à forma como se relaciona, como demonstra afeto, o que espera em um relacionamento, necessidades afetivas, entre outros assuntos. Marte, por sua vez, fala sobre atitude não apenas em uma conquista, mas na vida, e diz respeito à performance sexual, independente de sexo, gênero ou orientação sexual. Juntos, Vênus e Marte são essenciais na análise dos assuntos que envolvem a sexualidade.

### *Sinastria para relações homoafetivas ou gêneros diversos*

Nessa linha, quando vamos fazer uma sinastria entre pessoas do mesmo sexo ou de gêneros que não se limitam a homem ou mulher, simplesmente observamos o sentido essencial de cada planeta e suas combinações.

A sinastria segue a mesma linha de qualquer outra e combinamos Vênus-Vênus, Marte-Marte, Vênus-Marte da mesma maneira, buscando as compatibilidades afetivas, a demonstração de afeto, a paixão e atração sexual etc.

Sobre Sol e Lua, a mesma coisa. O Sol como representante de quem somos e a Lua do que precisamos para sermos felizes e quando a relação existe, seja Sol-Sol, Lua-Lua, Sol-Lua, essa compatibilidade e relação se mostra algo mais forte.

Mesmo em uma sinastria entre um casal hétero, a análise hoje em dia se dá na mesma linha, entendendo Lua e Vênus como necessidades afetivas — de segurança e prazer, respectivamente, Sol como essência e Marte como atitude e performance e atração sexual.

### *Sinastria para trisais e outras relações que envolvem mais pessoas*

Outra situação cada vez mais comum é a consulta com foco em sinastria para trisal, ou seja, uma relação entre três pessoas. Quem trabalha com foco em empresas ou atendimentos familiares já está acostumado a esse tipo de sinastria, ainda que sem o foco afetivo.

No caso afetivo, não muda muito. Vamos analisar o mapa de cada um e cada combinação, observando onde há conexão entre os três e onde dois deles ficam mais conectados, por exemplo.

### ***Filhos de dois pais ou duas mães***

Mais um tema novo e presente nos atendimentos astrológicos são os casais homoafetivos que têm ou adotam filhos e cujo mapa da criança precisa ser analisado com a consciência de que são dois pais ou duas mães ou, ainda, eventualmente, uma mãe ou pai que optaram por uma maternidade ou paternidade independente.

Podemos fazer a interpretação baseados na situação real da criança, com análise de Sol e Lua como identidade e relação com os pais, acolhimento e formação da personalidade, sem distinguir Sol como pai e Lua como mãe.

### ***O importante é que somos todos iguais em nossas diferenças e todas as formas de amor valem a pena***

O presente artigo foi escrito baseado em experiências de consultório com o objetivo de deixar claro que preconceitos e julgamentos não cabem em nossa prática profissional e, mais do que isso, que Astrologia precisa estar à disposição da vida, do amor, das pessoas. É uma forma de olhar a vida que precisa se atualizar constantemente.

Ao olhar um mapa astrológico, o astrólogo precisa interpretá-lo sem esquecer que é uma pessoa que está em sua frente e que é sobre ela que estamos falando. Isso vale para adultos, crianças, homens e mulheres, independente de gênero, raça, orientação sexual etc.

A Astrologia é uma área do conhecimento que nos ajuda a compreender a própria vida e a vida como um todo, seus ciclos e desenvolvimentos, nossas questões mais profundas e relações. Que nós, como astrólogos, estejamos sempre a favor da vida em toda sua diversidade e do amor em todas as suas formas.

## TITI VIDAL



Ana Cristina Vidal de Castro Ortiz (Titi Vidal) é astróloga e jornalista. Atende e ministra palestras e cursos. Foi vice-presidente e diretora de conteúdo da Central Nacional de Astrologia (CAN). Colunista em *sites*, revistas e jornais. Autora de livros. Foi astróloga da Revista *Cosmopolitan* (Editora Abril) e do Programa Mulheres (TV Gazeta). Já atuou como advogada, especialista em Direito da Família e das Sucessões. Pós-graduada em Jornalismo (Casper Libero/SP - 2011) e em Influência Digital (PUC/RS - 2020) e mestre em Comunicação (Faculdade Cásper Líbero/SP - 2015). Criadora da Rede Bellatrix. Autora do Planner Astrológico. Criou o primeiro *podcast* de Astrologia do Brasil (Céu da Semana com Titi Vidal/Deezer). Roteirista e apresentadora do *Podcast Astrológicas* (Gshow/Globoplay).

**Site:** [www.titividal.com.br](http://www.titividal.com.br)

@titividal nas redes sociais

**E-mail:** [titividal@titividal.com.br](mailto:titividal@titividal.com.br)



## CAPÍTULO 6:

# Nós

ANNA MARIA COSTA RIBEIRO

Numa consulta, uma pergunta entre aflita e irada:

— Meu filho é gay?

Rio de Janeiro, Ipanema, Brasil, séc. 21, 15h, hora de Sol na casa 8, respeitável energia cósmica.

Pensei:

“Mãe é Vida. Também Morte. Quem dá a vida, de certa forma traz a morte”. Respondi:

— Pergunte a ele. Pois Astrologia não é fofoca.

Desde 1980 dando consultas e formando classes, não é de espantar a frequência de certas perguntas. Mas espanta.

Que o seu Talento não seja subornado, donde aniquilado. Nem sempre se apreciam certos preconceitos. Mas, qual apreciar?

No século passado, fiz uma pesquisa com 471 homossexuais, como era chamado na época. Foi publicado na Revista dos Gauquelin, França/USA, *AstroPsychological Problems*.

Problemas? Por que não *Cases*?

Enfim.

(Mais tarde vi MINHA pesquisa publicada por profissional da área, nos USA, com o nome dessa pessoa. Fala sério).

Nessa pesquisa havia várias tabelas com suas incidências. Está no meu livro *SINASTRIA* (Ed. Hipocampo). Veja lá.

Há vários casos hereditários, perto ou longe. Visíveis ou disfarçados.

Já neste século, em 2015 fiz outra pesquisa, chamada de Homoafetividade, com 210 casos, mas com outro propósito, por causa da forma tradicional de se dizer:

— Nos mapas de homens ver a pessoa com quem ele se casa, pela Lua e Vênus.

— Nos de mulheres ver idem Sol e Marte.

— *O.k.* Não *o.k.* Não é bem assim. Como ficariam os gays, gay-votas (nome gracioso para as meninas) trans??

Vida é vida.

Essa pesquisa está no meu livro *Eu te encanto, tu me encantas* (Ed. Imperial Novo Milênio), também traduzido para o inglês, junto com a Coleção de Astrologia Tenho Pressa, mas não Dispensou Qualidade.

Sol e Marte são Forças Ativas, expressão da assertividade, ação e decisão. Marte, a sexualidade. Sol, a luz pessoal — que depende das experiências de vida —, força motivadora, Eu Quero e Eu Sou. Isso é que importa num relacionamento. O que vocês querem de si próprios. Lua, suas necessidades/carências — que dependem, também, da hereditariedade, Eu Preciso. E que, lógico, importa muitíssimo num relacionamento qualquer. E que ambos têm carências eternas enquanto viverem.

Lua e Vênus são Forças Receptivas, aceitação, inclusão. Vênus, a sensualidade.

Marte, o empurrão da vida que lhe diz: Avante! O estímulo para as conquistas de qualquer coisa/pessoa/situação. Ou impotência, sabe-se bem por que, se você analisar o mapa.

Vênus, as preferências, essas coisas que lhe dão conforto e prazer, cada qual com seu cada qual. Estar sendo aceito/a. Ou desequilíbrio. E doença, podes crer.

Acredito, piamente, que homens e mulheres, não importam as preferências ou impulsos homo ou heteroafetivos, tenham tanto a sexualidade como a sensualidade. São forças de Vida. Sem elas,

não haveria, atualmente, 8 bilhões de mapas astrológicos humanos. Naturalmente, tudo pode ser sublimado. Por uns tempos.

A interpretação de qualquer coisa é cultural e tem sua época. E o astrólogo deve se atualizar a cada movimento.

Agora, por exemplo, as Astrologias Vocacional, Empresarial e Mundial precisam ser reajustadas. Tanto quanto a Sinastria e as interpretações dos aspectos planetários.

Já, também, no século passado, fiz uma minipesquisa (por falta de candidatos) com 13 pessoas transexuais, e que foi publicada num livro com outros profissionais, chamado *Possibilidades Terapêuticas da Astrologia* (Ed. Hipocampo). Agora, seria interessante refazer, com um outro olhar. Mas, certamente, ia se enquadrar, também, nas duplas Sol/Lua, Vênus/Marte.

Meu amigo de longo tempo, codinome Paracelso, dizia: “A grande mestra é: ver, observar, voltar atrás, raciocinar. Ser humilde em face da grandiosidade das experiências humanas, e aprender com elas.”

Eis uma necessidade: aprender com elas. Até porque, se você vai dar consultas profundas, seria de bom alvitre ter o coração dilacerado. Pois. Só pode consolar quem já teve o coração dilacerado. Não fui eu que disse originalmente, mas assino embaixo e coloco selo. O cliente, por mais ingênuo que seja, percebe na cara do consultor/a se ele teve algumas dilacerações, principalmente se for um plutoniano. Aí ele decide se fala ou se cala.

Como falar, por ex., de sexualidade, quem não teve experiências tais? Condição do astrólogo: não ser um inocente de vida.

Como falar de Sinastria (afetiva) quem nunca viveu com alguém? *Crushes* não pesam.

Astrologia tem uma técnica. *O.k.*, bacana. Mas insuficiente para quem vai dar consulta. Ainda mais quando se trata de sexualidade.

E a compaixão. Que não é uma coisa tão simples assim. Pois há muito sofrimento, angústia, ansiedade, raiva etc. nas questões de gênero.

Hétero – interesse sexual no sexo oposto.

Homo – idem no mesmo sexo.

Trans – identificação com sexo oposto, sem conotação de sexualidade, mas no gênero (masculino ou feminino).

Travesti – similar ao homo, com maneirismos do sexo oposto, mas não necessariamente homo. *Crossdressing*.

Seu mapa não vai apontar sua propensão. Basta você pegar mapas de gêmeos astrais e ver que se um é homo, o outro pode ser hétero etc.

O que importa é o Bem-Estar.

De qualquer forma, são questões dos 4 planetas M/F: Sol e Lua, Vênus e Marte.

Num caso específico de cliente travesti, Netuno era focal, em quadratura com Lua e Sol. E o regente do ASC estava em Peixes.

Netuno/Baco/Dionísio, a fantasia em qualquer sentido. O encanto pelo distante ou abstrato. Pois, perto, perde a ilusão. Só fazer aquilo que lhe maravilhar, eis um belo desafio.

Num caso específico de impotência e masturbação constante, Lua conjunção Netuno e MC, trígono Saturno/Urano, preguiça e animação. Marte conjunção ASC, oposição à dupla Saturno/Urano, sextil Lua. Ou seja, a Lua acomoda os planetas em aspectos fáceis, mas as oposições de Marte entram em choque de indecisão existencial.

A alma sempre vai além das convenções. Além do quê, tem memória. E quando a mente se abre ao novo, nada fica como antes. Isso você pode ver nas diferentes reações dessa covid-19, que já vem dizendo: se tem 19, teve 18 e terá 20. A questão é: a mente bitolada não interessa ao Cosmos.

A quem interessa a mente bitolada?

Enfim.

Homo, hétero, LGBT, o Sol precisa de quem lhe prove e reforce a identidade, como o criador ideal. A Lua precisa de quem lhe compreenda e acolha, como o receptáculo ideal. Marte precisa de quem lhe estimule nas decisões, como um treinador de futebol ou de qualquer coisa. Vênus precisa de quem lhe valorize e dê prazer.

Agora, olhe o seu mapa e observe esse quadrilátero. Olhe o de seus pais, de seus cônjuges, de quem você quiser. Se puder, acrescente os dos avós e filhos.

Uma Vênus pode interromper uma gravidez, uma Lua, nope. Veja os mitos. Eles são sábios. A Astrologia e a Mitologia devem andar de mãos dadas. Urano e Saturno, por ex., abortavam. Aguarde Plutão em Aquário. Saturno em Aquário já trouxe o tema à luz da mídia. Aliás, Aquário é regido por esses 2.

Aquário, esse signo celestial, urânico, não se importa com gêneros e padrões, ele é O Criador.

A tecnologia é um recurso, mas o gênio é um criador. Eis por que, o astrólogo, um filho urânico, usa a tecnologia, mas não se esquece de que a sua criação é o seu forte, pois sem ela será um *robot*.

Os aspectos de Vênus e Marte com Plutão são decisivos na sua vida. Percebem no ambiente o que importa e o que não importa. Concentram-se no que importa e não olham para trás. É assim que se vence.

Vênus e Marte com Netuno captam algo que está começando a transparecer e isso lhe dá inúmeras inspirações, ou some: porque já não lhe “diz” mais nada.

Vênus e Marte com Urano percebem de imediato as informações que estão sendo dadas, por qualquer meio, inclusive gestos, e usa como solução do que tem que ser solucionado logo de uma vez.

Ah, bom, você pode dizer: “Mas eu tenho isso e não faço nada disso”. Eu digo: “Coitado/a”.

E se você quer usar os Nodos Lunares, como complemento, mas não como finalização, o Nodo Sul, em questões de sedução é muito mais interessante, tem mais predisposição.

Sem sexualidade de nossos pais nem eu estaria aqui escrevendo, nem você aí lendo. Que importa o gênero ou a preferência? Importa o amor. Coisa que não é tão fácil assim. Se o amor for difícil para você, apele para sua Vênus.

Ah, nem sempre Vênus está acompanhada de Eros/Cupido, com suas flechas de amor... Então, você só tem queixas de amor? Mas Eros também usa setas de amargura, ódio, rancor... Nem todas são flechas douradas deslumbrantes...

A sedução prolonga a Vida. Esse é um poder venusiano. Entenda como quiser.

Encontramos as oposições no mapa e na vida.

Pois é. Isso acontece, muitas vezes, embora nem sempre, quando 2 fidelidades ou 2 traições são inconciliáveis.

Que Vênus quer no seu mapa?

Todos os signos têm intenções.

Vênus e Marte têm atitudes muito diferentes de Sol e Lua, que são mais politicamente corretos. Digamos que a primeira dupla se comporta como pessoas solteiras; e a outra dupla como pessoas casadas.

Que legal! Assim você já tem uma boa noção de como alguém que lhe interessa, a princípio, vai se comportar depois da lua de mel. Veja o seu caso, antes. Ou seja, se o Sol é o que você é e Lua a sua carência eterna, assim serão na função conjugal. Porque, na função de noivado, serão Vênus e Marte.

Nenhum conhecimento ou informação andam sozinhos, por si só. Mas andam junto com o mundo, e o mundo anda com a Humanidade. Nenhuma informação se basta por si só.

Responda a um questionário (síntese do livro *Eu te encanto, tu me encantas*), e veja como isso está no seu mapa natal:

1. O que você valoriza num relacionamento duradouro?
2. Quais são os signos e casas do seu Sol e Lua?
3. O que você faz para conquistar quem lhe interessa?
4. Quais são os signos e casas de seus Vênus e Marte?
5. Quais as principais características do seu pai e da sua mãe?
6. Quem era mais forte, seu pai ou sua mãe?
7. Qual era a história de seus avós?

Nessa brincadeirinha, provavelmente, descobrirá muita coisa sobre sexualidade e gênero.

Não fomos educados para relacionamentos. Por isso, a maioria é míope.

Eis um planetinha importante, e geralmente desprezado, na sexualidade e nos relacionamentos: Mercúrio.

Hermes tem um incrível Poder:

– o poder de atar e desatar;

– o poder de ligar e desligar.

Por isso é o Psicopompo, que sabe andar na noite, que carrega o caduceu, que tem o poder de transformar, amigo dileto de Plutão.

Neste início da Era de Aquário, um signo que prima pela impessoalidade e distanciamento de regras de conveniências, com critérios oscilantes, não será o “tipo” da sexualidade ou do gênero que importará para o bem e progresso da Humanidade, nem o que você faz com seu corpo.

A Astrologia, incorporada pelo astrólogo/a quando em consulta ou ensinamento, está acima dos critérios setoriais, pois ela é, a Grande Ciência Arte Cósmica, os sinais celestiais inexplicáveis e que, como disse Stanislas Grof, “Mesmo rejeitada, a Astrologia é uma grande fonte de informações sobre o desenvolvimento da personalidade.”

Quem dá aulas ou consultas é um Canal daquilo. Aliás, qualquer profissional é um canal da sua profissão, o que é digno e deve ser respeitado pelo próprio canal, para começar.

Perguntei a todos os meus clientes bem-sucedidos e grandes profissionais de todas as áreas:

– Você trabalha incorporado?

A resposta foi unânime;

– Claro. Sim. Sempre.

O SER Humano é humano e pode ter as preferências que lhe falarem à alma. Não cabe à Astrologia achar que algo é Bom ou Ruim, Feio ou Bonito, mas aceitar a Vida que emana de qualquer um de nós, principalmente se é cliente.

Conceitos de relacionamentos começam na Árvore Genealógica, na cultura e época.

Prezo muito os clientes/alunos que vieram em atendimento com suas questões de gênero e sexualidade, em muitos vendo a dor dentro de si, ou a melancolia, esse sentimento viciante e vazio. E em outros, pela sua força da personalidade e uso dos seus aspectos planetários, com entendimento e sabedoria – 2 dos principais requisitos cabalísticos –, além do orgulho de ser o que é, independente de questões sexuais ou de gênero.

Qualquer forma de amor ou satisfação é fonte de rejuvenescimento. E isso pode-se ver, claramente, na aura de cada pessoa. Aura quer dizer, antes que me esqueça, a emanção de uma pessoa. Ou lugar.

Cada um de nós e de seus clientes tem um Decreto. Que é o seu mapa natal. Que, como se chama Mapa, mostra um caminho com suas agruras e benesses. Que, por sinal, não precisam ser quadraturas ou trígono, mas: Reações aos acontecimentos.

Pois, veja bem: Você nasceu com um Mapa, uma sinalização cósmica e ancestral, um *Maktub*, Estava Escrito, um *Mazal*, Destino. Você não pode mudar seu mapa, não pode mudar de signo, casa etc. Mas pode mudar O Modo como usa um signo, casa, aspecto, que é o que vulgarmente se chama de livre-arbítrio. E é aí que se designa a sua Sorte ou o seu Azar. É aí que você se sente um habitante da Terra ou um convidado.

Mircea Eliade disse: “Os primeiros documentos existentes sobre religião, vieram da Sumeria.” E acrescento: são premonitórios. O passado está no presente, o presente está no futuro. Se você controlar seu Presente, controlará seu Futuro. Óbvio.

Leio muito História (e Economia), pois a deusa Saga mostra que o historiador é a memória do Mundo. E a honrosa tarefa do astrólogo profissional requer uma complexidade de outros estudos, o que é muito natural: a criança quando está no colégio tem várias matérias, para aprender a se virar na vida e ser incluída no sistema sociocultural ao qual pertence. Assim, o astrólogo/a precisaria de:

- gostar de gente (ou deveria trabalhar com máquinas, aliás uma necessidade robótica);
- não ter preconceitos (o que levaria à ignorância);
- conhecer outros temas paralelos (ou comerá mosca, ou deixará de ajudar o cliente);
- ter um bom vocabulário (ou terá inúmeros “brancos” e vai se sentir arrasado/incompreendido);
- ter experiências de vida (como disse Jung, mais ou menos, como é que você vai atender alguém com experiências superiores às suas?);

- atualizar-se sempre, a desinformação é um vício e não saber interpretar é a estrada para o nada. Olhar e aprender (disse o rei ao príncipe).

Um dia, como Enki, na Suméria, você, na sua velhice (e ela é um relógio que não se atrasa, ainda que com as novas invenções que virão), vai fazer um inventário e dizer com seus botões:

— Isso que aconteceu foi A Sorte ou O destino? (também no livro *Beleza e Amor precisam ficar livres*).

E, quem sabe, ao ver a lua minguante no céu, você faça uma invocação à grande deusa Hecate:

— Que você, Senhora da Noite, que dá o que quer, quando quer, para quem quer e como quer, e, também, tira o que quer, quando quer, de quem quer e como quer, acabe com:

As minhas necessidades infantis.

## ANNA MARIA COSTA RIBEIRO



Anna Maria é autora de 50 livros, diretora, professora e consultora da “Urantiam” em Astrologia, Tarot, Numerologia, Runas, Cabala, Mitologias grega, africana e suméria, bem como em Meta-genealogia/Constelação familiar. Atua também como colaboradora da “astrodienst.com”.

**E-mail:** [urantiam@terra.com.br](mailto:urantiam@terra.com.br)

## CAPÍTULO 7:

# LUXÚRIA E PUDOR: ASTROLOGIA E SEXUALIDADE

FERNANDO GUIMARÃES

### *Introdução*

Todas as culturas milenares, através dos séculos e de uma forma ou de outra, interessaram-se e discutiram a questão da sexualidade, ou da relação entre os sexos masculino e feminino, e só recentemente começou-se a discutir a questão de gênero. Dessa forma, uma das maiores arenas dessa discussão foi sem dúvida a área religiosa ou espiritualista, metafísica, com suas regras e costumes. Assim, podemos ver esses assuntos discutidos em obras literárias e as artes em geral: escultura, música, poesia e depois cinema etc. A astrologia também é um corpo de conhecimento antigo, que tem passado através dos séculos e regiões geográficas diferentes, com influências culturais várias e até subdivisões que sempre sofreram algum tipo de pressão crítica, preconceito ou regulamentos.

É interessante observar como tudo isso se junta com a arte, através dos dramas históricos, tragédias, comédias e sonetos de William Shakespeare, na era elisabetana da Inglaterra no século XVI. Hoje, vemos as mesmas discussões adaptadas para o cinema, para novelas na televisão e programas de humor, sempre de um ponto de vista da demografia dominante, ou seja, caucasiana, eurocêntrica, patriarcal e cristã. Por isso, cabe a cada um de nós filtrar e pesquisar essas obras com um olhar crítico baseado em nossa bagagem cultural e nossa experiência pessoal, no âmbito familiar, social, relacional, com os temas de sexualidade e a tradução do simbolismo astrológico para aqueles que se consultam ou que aconselham, o público em geral, a respeito dessa área importante da vida.

O meu interesse pessoal pela psicologia social, metafísica, pela literatura e artes, naturalmente me levou a indagar e pesquisar muitas dessas áreas ao longo da vida, e que culminaram numa pesquisa envolvendo a sexualidade humana, diretamente correlacionada a traumas de infância e, conseqüentemente, à dependência química, numa população de um centro de recuperação para dependentes das mais variadas substâncias, onde trabalhei, como forma de amenizar as dores psicológicas desses mesmos traumas. Nas suas entrevistas para uma vaga em tratamento, candidatos preenchiam questionário investigativo completo sobre sua saúde, complicações legais com a justiça, vida familiar, profissional e de adição. Era uma média de 400 candidatos ao ano para cem vagas, e todos, sem exceção, contavam histórias de abuso na infância, no ambiente familiar e social, por figuras de autoridades; tanto em termos de abuso físico e emocional como sexual, que muitas vezes incluíam, infelizmente, incesto familiar. Vários estudos teóricos sobre o abuso infantil mostravam uma proporção absurda de uma vítima em cada quatro mulheres ou uma, dentre oito homens, pelo menos nas literaturas e pesquisas feitas nos Estados Unidos. Isso é uma calamidade de saúde pública que lamentavelmente ainda continua.

### *Sociedade alternativa e urbana*

Existe um filme norte-americano, de 2006, do premiado diretor, John Cameron Mitchell, chamado *Shortbus*, que “revela neuroses, fragilidades e traumas dos personagens, com os quais todo mundo se identifica em algum momento” [Wikipédia]. O filme se passa em um clube especial, democrático e seletivo em Nova Iorque, mas é ficção. Quem não sabe, pensa que é um clube de sexo, mas, na verdade, não é. É um ponto de encontro de pessoas que questionam seus gêneros e reconhecem as sexualidades alternativas. Nesse universo, aparece uma terapeuta sexual, Sofia, que não conseguia ter orgasmo, mas mesmo assim ajuda casais e outras pessoas a se aceitarem e a ter prazer em suas relações, mas ela mesma nunca teve. “Eles se encontram regularmente no Shortbus, um clube *underground* onde arte, música, política e sexo se misturam” [Wikipédia] e toda essa fauna e sua parte humana, existencial que sofre. Há cenas de sexo explícito entre os atores, e alguns críticos acharam que foi apelativo. Contudo é um filme muito interessante, humano, moderno, que nos faz refletir, especialmente quando a gente conversa sobre astrologia

em geral, mas, infelizmente, de uma forma puritana, neutra ou muito racional, no aspecto cerebral.

É interessante que às vezes nos cansamos de falar sobre tudo, a toda hora, racionalizar; falamos demais, nas redes sociais, mas sentimos de menos. O filme questiona isso, na vida, com o objetivo de melhorar a nossa existência e relações humanas, amorosas e sociais através do compartilhamento vulnerável, honesto, procurando melhorar a sociedade e melhorar essas noções de justiça, de liberdade, igualdade e autenticidade, o que é claramente um ideal bem aquariano. Por isso, sexo sempre foi uma das experiências mais fundamentais da natureza humana, por causa da intimidade e conexão de almas. A parte filosófica é bem grande sobre esse tema, bem abrangente, e vários filósofos, assim como cientistas, espiritualistas e poetas se debruçaram sobre o assunto.

### *Diferenças de abordagem clássica, medieval, moderna e oriental*

Ainda hoje em dia, existe uma discussão bastante grande sobre qual seria a casa astrológica básica que representa o sexo e a sexualidade. Todas as casas, tudo o que a gente vive: vocação, personalidade, temperamento, caráter etc., podemos analisar em algumas casas astrológicas, setores, e em alguns planetas como um todo. Antigamente, a parte do erotismo e da sexualidade era ligada à casa cinco, e em outras tradições, à casa sete, depois, apareceu a associação com escorpião, o oitavo signo do zodíaco, água, e passou a ser a casa oito, modernamente. São casas fixas, sucedentes, estruturais, pilares, as casas 5 e 8, e de signos fixos também. Logicamente, a casa oito tem uma relação ao signo zodiacal de Escorpião, é regido por Marte, classicamente sempre vai ser, e modernamente com Plutão também. Porém a casa cinco é a do próprio Sol, Leão, fogo, procriação, criação, recreação, criatividade, prazer, namoro e às vezes é difícil lembrar que o Sol astrológico tem a ver com as ações da casa cinco. Tem a ver com romance, a sexualidade, assim como a casa onze, oposto, de amizade e dos filhos dos outros, do grupal, é regida por Saturno também, não só Urano. Então, Saturno também rege as amizades e relações sociais de cada um de nós e com a casa dez relacionada a Capricórnio, o décimo signo, do *status*, e da relação com os sogros (casas derivadas da sete, do cônjuge).

Essa discussão é ampla e polêmica, se fôssemos ver todas as possíveis abordagens. Por exemplo, como é que a astrologia clássica,

a astrologia moderna, a astrologia Védica/Hindu, a psicológica, cármica, tratam o assunto de sexualidade, não apenas em termos astrológicos, mas em termos filosóficos e ideológicos? Para isso, teríamos que abordar os signos, as casas, os planetas e os aspectos sobre sexualidade, como se fosse um curso completo. Desde a luxúria até o pudor. Falamos disso, porque, infelizmente, parece que o nosso grau de evolução humana e social ainda é muito limitado. Aprendemos mais quando conseguimos comparar os opostos, polos, cujo símbolo é Libra, a balança, signo do Outro, do casal, da harmonia e equilíbrio, mas também, do confronto direto. O signo de Libra (Balança) tem dois pratos, mas eu gosto de ver também esse símbolo como se ele fosse um pêndulo, ou uma ponte, e na história da arte, da literatura, ao longo dos séculos, toda estética e interesse sociocultural vai sempre balançando entre seus extremos opostos; uma hora mais realista, classicista, como Saturno e depois vai para o oposto, Júpiter, o barroco, o romântico, e depois, volta buscando o equilíbrio, no meio-termo, ou meio do caminho, o centro. Ideias bem “Zen”, bem “TAO”. Portanto, são como os dois hemisférios cerebrais, totalmente ligados à dicotomia, aos arquétipos opostos e complementares, Sol e Lua, ou então, Vênus e Marte, o quente e o frio, macho e fêmea, dia e noite.

Entretanto, Júpiter e Saturno também são opostos complementares. Expansão e retração, seriedade e humor, luxúria e pudor. Júpiter rege o barroco, o hedonismo tipo sanguíneo e o romantismo. Saturno já é mais a estética clássica e o realismo, a melancolia intelectual. Na arte, na vida, que a imita, é a mesma coisa, a gente vai da luxúria ao pudor, do puritanismo inglês, britânico, e até norte-americano, ainda hoje, visível na área de Boston, depois de séculos de colonialismo, vindo da Inglaterra Vitoriana.

Por isso, dizem que a repressão erótica e sexual da época vitoriana, o pudor, levou a libido até ao cérebro, em ambos os países, fundadores de igrejas e universidades, a Harvard e o MIT, Cambridge e Oxford, e à expansão centros de pesquisa e de ciências universitárias. A libido reprimida pela religião em função da razão e cultura. Se é um mito, precisa ser desvendado.

### *Sexo e mídia*

Na mídia, especialmente TV e redes sociais, sexo parece ser um assunto bastante livre, vende, dá ibope e *likes*, mas sempre com

algum viés cômico ou comercial, que gera certa ansiedade no público, porque toca num assunto sério, de uma forma engraçada e, infelizmente, ainda hoje, fica sempre influenciando o público, até menor de idade, quando se trata de televisão, pelas classes que têm algum tipo de poder social e de opinião. Então, as sexualidades alternativas, questões raciais e outros tipos ficam camuflados e as pessoas pensam que só aquilo da TV é que existe na vida e sociedade como norma e verdade. Ainda hoje, no Oriente, a visão de sexualidade é muito diferente da nossa, especialmente no tocante à astrologia, romance, amor, prazer, saúde, família, filhos, de uma forma que ficou diferente aqui no ocidente moderno. Não é só geografia, o passado era uma coisa, o presente é outra, o tempo também importa.

### *O signo ascendente é uma máscara protetora*

Quando observamos os super-heróis e outros personagens que usam algum tipo de máscara ou capacete, como Batman, O Homem de Aço ou profissionais como escafandristas e astronautas, notamos que todos eles usam um tipo de disfarce ou aparato que esconde o rosto real para a proteção da sua identidade verdadeira ou do corpo físico. Isso pode ser também uma metáfora para o nascimento, o Ascendente astrológico. A encarnação ou a “reencarnação”, para quem crê, só muda o aspecto físico. Para ir ao espaço, precisamos do elemento ar (oxigênio), e do elemento fogo (combustível). O escafandro é para o elemento água a armadura medieval, metal, terra. Então, para cada tipo de vida, para cada tipo de missão, profissão, ação, a gente precisa de uma roupa diferente para proteger o corpo humano e o Self, ou Ego, Alma. A mesma coisa quando a gente nasce, a gente precisa de um corpo, um signo ascendente da hora de nascimento, um mapa astrológico com certas características físicas. A gente vai nascer de determinado gênero, loiro ou moreno, alto ou baixo, colérico ou sanguíneo, gordinho ou magrinho, melancólico etc., mas não sabemos quem de verdade vive lá dentro, atrás da máscara social. Vemos uma pessoa e parece que vendo a cara, vendo nariz, vendo comportamento, voz e trejeitos, sabemos quem é que está ocupando esse corpo, tipo de alma, caráter, comportamento. “Quem vê cara, não vê coração”, diz o ditado popular. Olhamos, julgamos e não conseguimos ver que é um ser humano que está lá dentro. Julga-se pela capa. Então, quando rotulamos seres humanos pela sua sexualidade ou pelas outras opções [pré-conceito], é a mesma coisa, estamos vendo só a matéria, o corpo

físico. Assim, a abordagem moderna, holística ou energética passa a olhar o ser humano completo, porque dentro do nosso corpo temos alma, temos espírito, temos pensamento, temos sentimento, temos trauma, história de vida, uma educação familiar, social, tribal e política.

Um astrólogo americano, Erick Francis, que faz pesquisa também, considera todas as casas como de identidade. Ele concorda que todas as casas, todos os planetas e aspectos de signos falam sobre a sexualidade, mas ele considera algumas em especial: as casas um, a dois, a cinco, a seis, a sete e a oito como as mais importantes que temos de troca e de relacionamentos, que proporciona uma intimidade física, erótica numa relação direta. Eu destaco a casa um, porque é o ascendente, nosso corpo físico, metáfora do escafandro. O nosso corpo físico é a fantasia, a pele, através da qual nos tocamos e trocamos carícia, beijo, abraço e temos relação sexual. Tudo é físico e cerebral. Assim, a casa um, como os antigos, acho muito importante. Resumindo, a casa um, a casa cinco, que é sexo, romance erótico, a casa sete, que é o abraçar e beijar alguém, o casar, e a casa oito, que são não somente a nossa sexualidade, mas também os tabus sociais, os valores do outro, do casal. O sujeito da casa sete sempre é o Outro, o não Eu, o nosso espelho de carne e osso.

### *Sexo e astrologia - as perguntas da mídia*

Geralmente, o astrólogo sempre recebe vários tipos de perguntas por parte da mídia, da televisão, do jornalista, do jornal ou de clientes, e seguidores em geral a respeito de sexo e sexualidade. Quem escreve blog sempre recebe. Por exemplo:

1. É possível encontrar o parceiro perfeito com a ajuda da astrologia? Existe mesmo uma alma gêmea?
2. Pode dar alguma dica de como melhorar a intimidade do casal e até mesmo o sexo com base na astrologia?
3. Quais signos do zodíaco que seriam os melhores amantes? E os piores?
4. Tem algum signo do zodíaco que é melhor na cama?
5. Você vê alguma relação de astrologia com fidelidade?
6. Qual é o signo mais infiel? Se é que isso existe.
7. A astrologia pode ajudar a encontrarmos o dia, por exemplo,

para uma relação sexual perfeita? Ou seria qualquer dia e hora da semana?

8. Se mercúrio estiver retrógrado, temos que ficar em jejum de palavras ou alguma coisa vai fazer uma DR, discutir a relação? Como calcular esse dia?
9. O amor à primeira vista existe e pode ser explicado pela astrologia quando você encontra essa pessoa?
10. E a primeira relação amorosa, sexual que você teve? Será que teve algum marco no trânsito de progressão do seu mapa que diz assim “hoje você vai perder a sua virgindade”? Existe isso? E se isso existe, a relação gay ou lésbica ou os astros, na Antiguidade ou mesmo hoje na Índia só falavam da relação entre o homem e a mulher? Ou gerar filhos?
11. Como, então, a astrologia ajuda as almas gêmeas a se encontrarem?
12. O que há de astrológico numa relação homoafetiva?
13. Como podemos ler a sexualidade no mapa natal?
14. Existe alguma casa, um signo, um aspecto específico?
15. Quais são os significadores do chamado comportamento sexual alternativo? Existe um mapa gay, trans, lésbico? E o poliamor?
16. O que constitui uma atividade sexual equilibrada?
17. Como seria isso astrologicamente? Ou tudo é traumático e problemático?
18. Quais são os significadores astrológicos de “perturbações” psicológicas que conduzem dificuldade na expressão sexual?
19. Quais são os significados astrológicos ou como se vê no horóscopo um abuso sexual?
20. Existe, realmente, zonas erógenas de cada signo?
21. Qual é a relação entre sexualidade e violência, do ponto de vista astrológico?
22. Qual é a relação entre astrologia, sexo e morte?
23. Então, dá para ver AIDS no mapa? Ou karma sexual e qualquer dessas coisas?

24. Como você vê a sexualidade, a espiritualidade e o relacionamento no mapa astrológico?
25. E a posição da astrologia moderna em relação a isso? Só vale a tradicional?

Como responder honestamente a essas questões? Parecem mais perguntas a um oráculo, e são reais, mas também é um convite sincero à reflexão e debate.

### *Curriculum acadêmico, saúde e sexualidade*

Ao pesquisar sobre currículo de cursos acadêmicos no exterior, percebi que se alguém, um astrólogo ou um psicólogo, que queira se especializar em psicologia da sexualidade vai trabalhar com todas essas questões, é importante ver ética profissional, desenvolvimento dos problemas, das intervenções, das diversidades, das dificuldades de estudo, a dinâmica relacional, dos comportamentos compulsivos e supervisão clínica. O embasamento é muito grande para quem quer se especializar na área.

A sexualidade é uma área especialmente sensível para as pessoas em geral. Então, temos que saber como abordar o assunto com cada público. Há uma grande variedade de alunos que vão para universidade e precisam estar abertos, senão, não vão se sentir confortáveis com o tema. Alguns alunos têm pouca ou nenhuma experiência sexual, outros têm alguma. Alguns se identificam como héteros, ou bissexuais, LGBTQIAP+, ou assexuais e alguns ainda têm valores conservadores, religiosos; alguns têm histórico de trauma, de assédio, abuso sexual. Por isso, como em terapia, há que se tomar muito cuidado com piadas, rótulos, e com o que se fala com respeito à diversidade, porque não sabemos quem está dentro do “escafandro” ou atrás da máscara, e quando falamos da sexualidade, não é só de relações heteronormativas e consensuais. Muitas vezes há violência. Não é apenas fruto de um casamento religioso e amor a longo prazo, só monogamia, mas de todas as variantes.

Portanto, num curso formal sobre saúde e sexualidade, vão ser abordadas questões como masturbação, sexo oral, anal, concepção, gravidez, aborto, “poligamia”, doenças sexualmente transmissíveis, pornografia, internet, prostituição etc. Mas o que a astrologia tem a ver com isso? Nós podemos ficar muito rígidos, confusos e

parecermos preconceituosos, e não oferecer real ajuda, numa leitura natal ou em Sinastria (comparação) relacional, se não temos isso claro, se não nos educamos e atualizamos, se não discutimos com colegas, como este livro tenta fazer.

Contudo esses são temas que podem ser aprofundados em cursos na universidade, seminário, congressos e livros. São todos conceitos novos que não admitem mais preconceitos. Alguns tópicos podemos achar que já dominamos, sem discriminação, mas acabamos percebendo que o conceito muda com o tempo e muda através das culturas, regiões e demografias.

### ***Ocidente e Oriente***

A casa doze astrológica, na astrologia hindu ou védica, é considerada uma casa de segredos, ou “maléfica”, como diziam os antigos. Na astrologia védica, por exemplo, a casa nove fala do pai, mas aqui no Ocidente é a casa dez ou a quatro, na tradicional. A Lua não significa só emoção e a mãe, na védica, oriental, mas é a mente também, a mente e o pensamento, e a casa cinco tem a ver também com os prazeres. Acho que a astrologia védica ficou bastante ligada à religião local e tempo tradicional, bastante lunar, trabalha com o zodíaco sideral, constelações, *nakshatras* e pelas questões culturais nossas, do mundo inteiro, da história, ficou bastante ligada à tradição religiosa da Índia. Como a maioria das ciências e filosofia do passado, ela é mais centrada no patriarcado, ponto de vista mais masculino. Então, há machismo quando se fala de casamento, da mulher, dos LGBTQIAP+, assim como na bíblia e livros antigos.

Contudo, pesquisando os quatro temperamentos humanos, descobrimos, pelas peculiaridades dos planetas, que aquilo que chamamos de “maléfico” nos planetas, na realidade, significa “seco e árido” (estéril), que não ajuda a vida a fluir, porque os dois planetas “maléficos”, Marte e Saturno, são secos, um quente e o outro frio, mas os dois são secos e a secura cria bastante dificuldade para sobrevivência e fertilidade. Assim, imagine uma boca seca, uma relação sem lubrificação, vidas secas, sem emoção. Então o termo maléfico é isso, é seco, e o benéfico é úmido. Na umidade, tudo o que se planta dá fruto. Então, o tipo sanguíneo e o fleumático têm essa tendência emocional de umidade, fecundação, alegria. Vida. Na sexualidade

também, com os quatro temperamentos que buscam seus opostos no equilíbrio perfeito. Gera saúde.

### *Planetas, zodíaco e fantasias eróticas*

Assim, quando a mídia genérica e popular quer saber qual é a fantasia sexual para cada signo ou onde eles preferem ter suas relações, eles fantasiam como nos filmes: na chuva, no elevador, em local público, debaixo d'água, no mar, no carnaval, com gelatina etc. A mídia adora essas coisas rasas e o público também. Não se pode negar que a astrologia solar, popular, não erudita, fala da sexualidade, pois esse conteúdo vende, dá ibope, likes e curtidas. Hoje, tudo se acha na internet: as zonas astroerógenas ou o que fazer ou dar de presente no Dia dos Namorados para apimentar a relação. Se tal signo gosta de massagem, carícias, e em quais áreas, porque eles realmente sempre perguntam sobre isso, os clientes ou a mídia, eles querem saber isso sobre o signo solar de nascimento, e o interessante é que, como astrólogo, você realmente pode analisar tudo isso no signo de Vênus, signo de Marte, ao signo ascendente, enfim, o mapa como todo, porque todos eles correspondem a alguma parte do corpo humano. Portanto, essa é também uma oportunidade de educar o público para a astrologia real e complexa, embora muitos profissionais rejeitem essa ideia como uma abordagem vulgar ou corrupta.

### *Os quatro elementos e os quatro temperamentos*

Os quatro elementos são importantes no mapa. Fogo, Terra, Ar e Água. Início de uma análise básica. Assim também, com os quatro temperamentos, Sanguíneo, Melancólico, Colérico e Fleumático. Analisamos a posição do Sol, da Lua, do signo Ascendente (da hora de nascimento), ou de Marte, Vênus, por signo, casa e aspectos. Para temperamento colérico, ou melancólico, ou se os mais eróticos são mesmo os mais quentes, ou os coléricos, fogo, e relacionado a Marte; ou sanguíneo e relacionado a Júpiter que, como o Sol, são considerados de fogo. Igualmente, os signos yin e yang, fogo e água. Calor remete à ideia de apetite sexual mais forte. Dessa forma, quanto mais pontuação, Sol, Lua, signo e regente do Ascendente, maiores a chance de pertencer a um determinado elemento e temperamento. Certa vez, li um livro, cujo autor não me lembro mais, que falava dos ritmos dos signos (quadruplicidade) e que considerara os signos mutáveis (Gêmeos, Virgem, Sagitário e Peixes) com maior porcentagem a ter

menos ciúmes, ou serem possessivos, e assim, admitir um relacionamento aberto ou poliamor. Dessa forma, também, o oposto, que são os signos de ritmo fixo (Touro, Leão, Escorpião e Aquário), os mais resistentes em compartilhar algo, incluindo o parceiro. Para mim, faz muito sentido.

Portanto, é importante ver também que as progressões secundárias, direções e os trânsitos, técnicas dinâmicas de atualização dos mapas de nascimento ao longo do tempo, e que chamam de previsão, porque vão alterando as qualidades básicas e as experiências de vida, agregando ao mapa natal. Os planetas, o Ascendente, o Sol, principalmente quando muda de signo nas progressões e a Lua. Também, Marte e Vênus sinalizam como e quando alguém muda de preferências, ou se torna mais ou menos ativo, desperta uma curiosidade afetiva ou erótica, decide ser pai ou mãe. Assim, é importante acompanhar e verificar, porque as pessoas mudam também, na maturidade, realmente, com suas experiências e erros.

### *Astrologia e coletividade*

Muitas pessoas conhecem o ramo coletivo da Astrologia, chamado Mundial e Política, e que existem mapas de fundação das cidades, independência de países, empresas, que, em tese, dão uma indicação sobre sua população, o mito da mulher brasileira, da mulher norte-americana, da mulher carioca etc. é visto como símbolo de Vênus. Não é como a lua, porque a lua, realmente, é o público, é o povo, é a multidão, a maternidade, a reação emocional da população, da multidão, e da mesma forma, as mães e os bebês. Assim a feminilidade, a sensualidade do povo é indicada por Vênus. Marte representa não só os homens e militares, os cirurgiões, mas os empresários e atletas de ambos os sexos, os mais assertivos, bem como os policiais e os criminosos, e também a libido masculina. Com o signo Ascendente da entidade não humana, é a mesma coisa, com o ascendente do lugar. Isso é muito importante para quem vai fazer uma relocação, vai se mudar para algum lugar, ou quem deseje fazer um programa cultural na TV, uma peça de teatro, um filme, um livro; podemos perceber a receptividade que aquele local pode oferecer em relação ao conteúdo erótico, ou riscos. Isso também se aplica a ícones desses locais, todo esse pessoal que sofreu preconceito, discriminação, abusos do coletivo. Eles, celebridade ou vítimas de abusos, merecem que a gente passe um tempo olhando seus mapas natais, não de uma

forma voyeurística, mas para poder entender a vida e a obra dessas celebridades, algumas trágicas. Por exemplo, Tom Cruise, John Travolta, Shakespeare, Fernando Pessoa, Roberta Close, Cazuza e tantos outros tiveram suas sexualidades exploradas ou questionadas na mídia, que insinuavam esconderem seus desejos, afetos e sexualidade, e por puro preconceito e ignorância da alma humana. Isso também se aplica a certas profissões, que foram consideradas socialmente inadequadas ou impróprias para determinado sexo, ou gênero, através dos tempos e região geográficas. O conhecimento astrológico ajuda também nisso e ajuda no processo democrático de direitos individuais.

### *Sexualidade e carma*

Assim, um debate sobre astrologia e sexualidade não poderia ficar sem a informação de que existem pessoas e profissionais que creem em reencarnações. Algumas obras, dentro e fora da astrologia, sugerem que todo relacionamento humano, sexualidade, gênero e mesmo o amor romântico e casamento, sejam relacionamentos derivados de acontecimentos de vidas passadas, pois seus autores reconhecem a vida após a morte, a reencarnação e a questão do carma, tanto vistos nas religiões de filosofia hindu quanto na doutrina ocidental de Allan Kardec. Seria complexo tema para ser abordado aqui em profundidade, mas como existem vários estudos relacionados ao suposto carma erótico e amoroso, gostaria de indicar pelo menos a abordagem do famoso astrólogo britânico Martin Schulman e também do fundador do método terapêutico de psicotraseterapia, da década de 1980, falecido médico baiano, dr. Eliezer Mendes (vide bibliografia, *Sexo em Transe*).

### *Sexo e espionagem*

Para encerrar, eu gostaria de mencionar a ligação que existe entre sexualidade, sexo, política e espionagem, que aparece claramente em vários filmes e peças de teatro. Uma das mais marcantes e da vida real (tem um mapa de nascimento) é da sedutora Mata Hari. Fica fácil imaginar a amplidão de poder de um espião que pudesse se relacionar de forma romântica e erótica com pessoas de ambos os sexos, a fim de evitar alguma rejeição e, assim, conseguir cumprir sua missão e obter informações ou vantagens de qualquer indivíduo. Há rumores de que isso faça parte do treinamento de espiões, em algumas agências

internacionais de espionagem, mas não existe prova; entretanto já é explorado pelo cinema. Portanto, creio que seria muito interessante a análise do mapa astrológico desses personagens da vida real em relação a esse tema.

Como disse anteriormente, a abordagem dos estudos sobre a sexualidade humana, gênero e simbolismo astrológico parece ser ampla, infinita e intrigante, mas precisa ter um começo. Espero ter contribuído para isso. Obrigado.

### *Referências*

1. **Entre a Luxúria e o Pudor: a História do Sexo no Brasil**– 1 abril 2011, por Paulo Sérgio do Carmo (Autor), Isildo de Paula Souza (Editor)
2. **SHORTBUS**, filme. <https://en.wikipedia.org/wiki/Shortbus>
3. **Devassos no Paraíso - A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**, João Silvério Trevisan (Autor)
4. **The Astrology of Sexuality** (Inglês) – 1 Janeiro 1982. Martin Schulman (Author)
5. **Sexo Em Transe** - Eliezer C Mendes. Ed. Para Ágora, SP
6. **Astrology of Intimacy, Sexuality & Relationship: Insights to Wholeness** – 8 janeiro 2002. Edição Inglês, por Noel Tyl (Autor)

## FERNANDO GUIMARÃES



Astrólogo, tradutor e professor, formado em Letras pela USP. Iniciou seus estudos de Astrologia em 1982, em Campinas e em SP, nas Escolas Régulos e Astrocenter, em 1985 e 86, com especializações nos EUA desde 1995. Foi Diretor de Pesquisas da National Council for Geocosmic Research (NCGR), Boston de 2008-2011. Foi um coordenador da Association for Astrological Networking (AFAN). Foi membro da Central Nacional de Astrologia, ISAR, ASPAS (Portugal) e vice-presidente do SINARJ em 2014. Participou de eventos nos EUA, Lisboa, Cinastro [virtual], CE, RS, SC SP, Campinas e RJ, também como conferencista. No momento, pesquisa, escreve, leciona, dá consultoria e *workshops* e palestras em várias regionais do Brasil e virtuais, *online*. Reside em Campinas. Colaborou com o *site* grupo meio do céu e outros blogs, no Brasil e exterior.

**E-mail:** [zody2k@aol.com](mailto:zody2k@aol.com).

**Instagram:** [nandoastrokabana](https://www.instagram.com/nandoastrokabana).

**Canal do YouTube:** [AstroKabana](https://www.youtube.com/AstroKabana)

